DOSSIÊ

SUPER INTERESSANTE

1939-1945

HISTÓRIAS NÃO CONTADAS DA 2ª GUERRA MUNDIAL

Os alemães que tentaram, e quase conseguiram, matar Hitler.

O comício nazista em Nova York – e os planos do Reich para o Brasil.

★★★

O esquadrão de mulheres do Exército Vermelho.

William Hitler: o sobrinho do *Führer* que lutou no Exército americano.

Canhão ferroviário, bomba de pulgas, drones suicidas: as armas mais bizarras.

Muita coisa já foi escrita sobre ela. E muita coisa ainda não foi. Conheça 99 casos surpreendentes do confronto mais sangrento –e complexo– de todos os tempos.

Abril

HISTÓRIAS NÃO CONTADAS

DA 2ª GUERRA MUNDIAL

Dossiê SUPER

Nunca houve guerra como a Segunda – nem, esperamos, haverá novamente. Em sua escala, em seu avanço tecnológico, em suas atrocidades, e no quanto acabou por mudar a vida de gente de cantos distantes de seu centro, como o Brasil. É mais que uma guerra.

É o assunto mais popular e comentado da história do século 20. A ponto de poder parecer a alguns como algo exausto, cansado de tanto uso – e abuso. Depois disso tudo, ainda há o que dizer sobre a Segunda Guerra, que não tenha sido dito antes?

Não só há, como daria para preencher uma biblioteca com o tema. Estamos falando de possivelmente os cinco anos mais atribulados de toda a aventura humana na Terra.

E nisso, há não apenas o que é obscuro, mas o que está na cabeça de todo mundo, porém não como realmente aconteceu. Hollywood e os games não são bons professores. Lendas urbanas que surgiram então continuam a ser contadas após oito décadas.

Neste Dossiê, tentamos fazer as duas coisas: um pouco de trazer do oculto, do pouco falado, do inusitado, do cômico e do trágico. E também buscamos desfazer percepções populares incorretas e responder a questões recorrentes. Afinal, a Segunda Guerra é o tipo de assunto sobre o qual todo mundo sabe um pouquinho. Então, por meio desta revista, nos alistamos para a missão de ir além do básico e trazer uma Segunda Guerra como você não viu antes.

Boa leitura!

Fábio Marton, editor

Alemanha

1. A mente de Adolf Hitler p.6
2. Resistência alemã P.10
3. Os amigos de Hitler nos EUA P.14

Brasil

4. O que Hitler queria do Brasil? p.16
5. Súditos do Eixo: a perseguição a japoneses, alemães e italianos P.19
6. The Americans: generais da Ditadura na Segunda Guerra P.20

O lado sombrio dos Aliados

7. Caçadores de cabeça: troféus de corpos japoneses p.22
8. Fome de Bengala: o genocídio de Churchill P.26
9. Massacre no mar: os afundamentos do Cap Arcona e Wilhelm Gustloff P.27
10. Nazistas na Nasa P.28
11. O estupro da Alemanha P.31

Tecnologia

12. 34 incríveis invenções da Guerra p.32
13. 19 ideias visionárias nunca postas em prática P.44

Outras histórias

14. Pessoas, batalhas, vexames: 19 eventos insólitos p.50
15. Fato ou mito? 16 ideias populares sobre a Guerra P.60

01 A CABEÇA DE HITLER

Alemanha

Por Fábio Marton

Psicopatia, bipolaridade, traumas de infância, sexualidade aberrante? Desde quando o *Führer* ainda estava vivo, psiquiatras se esforçam para desvendar o que se passava por dentro da mente mais doentia do século 20 – e mesmo saber se de fato ela tinha alguma doença. A seguir, várias facetas dessa mente.

PODE UMA PESSOA comum fazer um mal incomum? Hannah Arendt famosamente afirmou isso, ao analisar outro Adolf, o Eichmann, membro das SS responsável por enviar judeus a campo de extermínio, que foi sequestrado da Argentina em 1961, julgado e executado em Israel, no ano seguinte. Para ela, Eichmann e toda a cúpula nazista eram só um bando de burocratas tocando sua vidinha medíocre naquilo que seu país havia se tornado.

A tese em si já é controversa, mas isso se aplicaria ao próprio Hitler? Uma pessoa como eu e você poderia ser responsável pelos atos mais abjetos do século 20? É algo que os psiquiatras, psicanalistas, psicólogos e historiadores vêm discutindo desde antes da morte do líder nazista – que, aliás, foi prevista por um deles, o psicanalista Walter Charles Langer, que conduziu um estudo secreto sobre a personalidade de Hitler para o governo americano, em 1943.

Langer falou que Hitler não aceitaria a derrota e cometeria suicídio. Concluiu que era o caso de um "psicopata neurótico, beirando a esquizofrenia". E também mal resolvido com a própria sexualidade. Segundo Langer, Hitler amava pornografia e tinha "tendências coprofágicas suaves" em suas relações sexuais.

QUESTÃO DE ÉTICA

UM PROBLEMA ÓBVIO em se tentar traçar um perfil psicológico de Hitler é que ele não está aqui para responder a perguntas e ganhar um diagnóstico. A Associação Psiquiátrica Americana tem até um regulamento contra diagnosticar pessoas em ausência: a Regra Goldwater, criada após um livro de um psiquiatra analisando o candidato presidencial de 1964, Barry Goldwater, ter gerado um escândalo nacional.

Mas nunca faltou nem falta profissional de saúde mental para tentar descobrir o que se passava na cabeça de Hitler. Em 2007, os professores do Departamento de Psicologia da Universidade do Colorado Frederick Coolidge, Felicia Davis e Daniel Segal fizeram uma longa compilação de várias fontes biográficas, simulando responder questionários psicológicos padrão com as frases e ações de Hitler. Os maiores scores foram transtorno de estresse pós-traumático (76 de 100), pensamento psicótico (73), esquizofrenia (69), transtorno de personalidade antissocial (78), transtorno de personalidade narcisista (77) e transtorno de personalidade sádica (76).

O que quer dizer que o diagnóstico popular e aparentemente óbvio de que Hitler era um sociopata ou psicopata diz muito pouco. Até porque cerca de 2% das pessoas no mundo inteiro são sociopatas - 4,2 milhões só no Brasil. E ninguém topa com um Hitler desde 1945.

Em seu livro *Hitler: Diagnosis of a Destructive Prophet* ("Hitler: Diagnóstico de um Profeta Destrutivo", sem versão em português), o falecido Dr. Fritz Redlich (1910-2004) afirmou que os distúrbios de Hitler "poderiam preencher um manual de psiquiatria".

Ele avaliou todo tipo de afirmação feita, como de que Hitler tinha um testículo só *(pág. 64)*, sua paranoia, doenças físicas, raiva, problemas com o pai e sexualidade muito mal-resolvida. Para Fritz, seja lá o que Hitler tivesse, ele estava em pleno controle de suas decisões. "Ele sabia o que estava fazendo e decidiu fazer com orgulho e entusiasmo", concluiu o psiquiatra. Em termos leigos: na avaliação de Fritz, Hitler não era louco. Veja nos quadros ao lado várias facetas de sua mente.

RAIVA DO PAI

É consenso que o pai do *Führer*, Alois Hitler, foi uma figura brutal e que o filho o detestou pela vida inteira. No que isso importa? Entre outros, o falecido psiquiatra Henry A. Murray, da Universidade de Harvard, levantou que um complexo de inferioridade e uma sensação de impotência nasceram daí, levando, como compensação, ao lado narcisista do adulto, à autoimagem megalomaníaca e à exigência de constante louvor da multidão. Mas pode ter mais um pouco ainda: havia o boato de que Alois Hitler fosse judeu por parte de pai, já que era filho de pai desconhecido. Assim, Hitler teria transmitido seu ódio ao pai, um "mestiço degenerado", aos judeus em geral. Em 1931, antes de assumir o poder, Hitler chegou a ordenar uma investigação secreta para descobrir se seu avô era ou não era judeu *(mais na pág. 64)*.

Artista sem traquejo

Veja qualquer quadro pintado por Adolf Hitler, como esse ao lado, e diga o que sente. Sem pensar no autor, só vendo a imagem. A resposta provavelmente é: "não tem nada de mais". E é exatamente isso que se quer dizer quando se fala que Hitler era um artista medíocre. Ele sabia desenhar, e não só paisagens: fez até nus femininos. Mas conhecer a técnica não é equivalente a ser um artista. Hitler atribuiria seu fracasso artístico ao modernismo, que estava em ascensão quando sua admissão foi recusada duas vezes, em 1907 e 1908, pela Academia de Belas Artes de Viena. Perseguiria até mesmo modernistas simpáticos ao nazismo, como o expressionista Emil Nolde.

TRAUMA DE GUERRA

Hitler escreveu em *Mein Kampf* que sua última ação na Primeira Guerra foi na Batalha de Courtrai, em 14 de outubro de 1918, em Ypres, Bélgica. Atingido por um ataque químico, acabou internado e ficou cego por semanas. Quando, em 10 de novembro, ouviu a notícia da capitulação da Alemanha, ficou cego mais uma vez. Isso é considerado sinal de que sua cegueira inicial possivelmente não era física (ou não totalmente), mas psicossomática. "Histérica", como Charles Langer escreveu em 1943. Hitler também diz em *Mein Kampf* que aí foi revelada sua missão. Em seu estudo, os psiquiatras da Universidade do Colorado especulam se o transtorno de estresse pós-traumático pode ter sido o divisor de águas entre o pintor e soldado de modos gentis e o fanático que incendiaria multidões.

FARMÁCIA AMBULANTE

Espasmos abdominais, gases, constipação, hipertensão, dores de cabeça, palpitações, problemas de visão, infecção urinária frequente e, ao fim da vida, mal de Parkinson. Possivelmente impotência também. A ficha médica de Hitler só não era maior que a psiquiátrica. E não tinha muito a ver com seus hábitos: ele não fumava, não bebia e era, famosamente, vegetariano. Para tratar isso tudo, ele tinha um médico irresponsável. O Dr. Theodor Morell gostava de experimentar, e Hitler levava até 20 injeções por dia de seus tratamentos experimentais para se manter em pé. Uma lista incompleta: morfina, cocaína, metanfetamina, estricnina (não é letal em pequenas doses). É tanta coisa que alguns autores, como o jornalista alemão Norman Ohler, autor de *High Hitler: Como o Uso de Drogas Mudou o Desfecho da 2ª Guerra*, acreditam que o agravamento de sua condição, terminando em suas péssimas decisões finais e o suicídio, teria sido provocado por síndrome de abstinência, quando seu armário de remédios foi esvaziado pela escassez causada pela guerra.

SEXUALIDADE

É O TIPO DE ESCÂNDALO mais fácil de espalhar e tem sido assim desde o começo da humanidade. Um boato sexual cola mais que qualquer outro. Entre as lendas urbanas, está a de que o médico de Hitler o injetou com sêmen de bode para ganhar virilidade (na verdade, ele tomou atropina, que pode ser produzida a partir de gônadas de mamífero). Ao público geral, Hitler se dizia celibatário, completamente dedicado à sua causa. A cineasta Leni Riefenstahl afirma ter tentado seduzi-lo, sem efeito. Magda Goebbels, esposa de seu ministro de propaganda, Joseph Goebbels, diz ter tentado arranjar encontros, mas ele nunca se interessou. Há outros casos, o que levou às hipóteses de que fosse gay (numa época em que psiquiatras achavam que era doença). Ou então assexuado, ou simplesmente reprimido.

Casto ou não, Hitler parecia ter um perfil para se envolver: mulheres muito mais jovens que ele, mais fáceis de controlar. O real mistério da sexualidade de Hitler se chama Geli Raubal. É sua meia-sobrinha, 19 anos mais jovem que ele, que viveu em sua casa entre 1925 e 1931. Hitler era extremamente controlador com ela, acompanhando pessoalmente ou com algum conhecido cada passo seu, e impedindo-a de ter relações pessoais. Geli se suicidou com a arma de Hitler, no mesmo dia em que ele a impedira de fazer uma viagem sozinha para Viena. Até hoje, nunca foi esclarecido se havia algo de sexual na relação (acusação de Otto Strasser, rival de Hitler no próprio Partido Nazista). Ou até se Hitler cometeu um assassinato.

Já então ele se relacionava com Eva Braun, 23 anos mais jovem. E as evidências são de que essa relação, que também acreditou-se não ter natureza sexual, parece ter sido bem mais "normal", se assim pode se dizer. Isso defende a historiadora alemã Heike Görtemaker, autora de vários livros sobre Eva Braun, tomando como base declarações dela própria a conhecidos, como: "se vocês soubessem o que esse sofá já viu...".

Geli Raubal com Adolf Hitler, por volta de 1930.

02 RESISTÊNCIA ALEMÃ

Sim, alemães se opuseram a Hitler – e por pouco não deram fim a ele.

Alemanha

Por Fábio Marton

ERA 15 DE NOVEMBRO DE 1943 e tudo estava pronto para o major Axel von dem Bussche ter seu grande dia. O local era a Wolfsschanze, a Toca do Lobo, bunker que servia de quartel-general da campanha nazista. Com mais de 2 metros de altura, loiro e de olhos azuis, seu trabalho era servir de modelo do "perfeito soldado ariano". Após desagradáveis surpresas na campanha da União Soviética, uniformes de inverno mais adequados foram confeccionados e caberia a Bussche vesti-los diante do *Führer* no dia seguinte. Os Aliados, porém, estragaram tudo: o trem que traria os uniformes foi atacado e o "desfile", cancelado. Bussche perderia a chance de abraçar Hitler. Carregando uma mina terrestre no bolso do uniforme novo, levando ambos aos ares.

O mesmo plano seria tentado em fevereiro seguinte, com outro oficial do Exército, Ewald-Heinrich von Kleist-Schmenzin, mas dessa vez foi Hitler que cancelou a apresentação.

Marechal Erwin Rommel: o herói nacional da campanha do Norte da África foi forçado a se matar, acusado de participar de uma conspiração.

BUSSCHE E SCHMENZIN eram parte do círculo do Oberst (Coronel) Claus von Stauffenberg, que, em 20 de julho de 1944, faria a tentativa de assassinato que mais perto chegou do sucesso: a maleta-bomba que explodiu a 2 metros de Hitler, na mesma Toca do Lobo. (E falhou em matá-lo porque alguém a colocou do lado errado.) Stauffenberg, que seria executado no dia seguinte, foi parte dos 4.980 condenados pela conspiração do 20 de julho, a Operação Valquíria. Entre os mortos também estava Erwin Rommel, o mais famoso general do Exército alemão, forçado a cometer suicídio.

Até onde se sabe, foram 42 tentativas de assassinato contra Hitler. Em 21 de março de 1943, o major-general Rudolf Christoph Freiherr von Gersdorff ativou duas bombas com um temporizador de 10 minutos em seus bolsos. Ele acompanhava o *Führer* em sua visita pelo museu Zeughaus e o plano era, no momento certo, se jogar contra ele. Hitler, porém, decidiu sair antes do previsto e Gerdorff teve que correr para o banheiro para desarmar as bombas. Em 8 de novembro de 1938, o carpinteiro Georg Elser explodiu uma bomba em Munique, matando 8 e ferindo 63, perto do pódio onde Hitler fizera um discurso 7 minutos antes – Elser não sabia que o *Führer* havia decidido abreviar seu discurso.

CRISTÃOS E CRISTÃOS

A chamada resistência alemã nunca foi, como a francesa, um movimento coeso. Havia múltiplos fronts dessa luta, que raramente conversavam um com o outro, e a maioria se limitou a ajudar judeus, espalhar panfletos de propaganda antinazista ou realizar atos meramente simbólicos.

Até o fim da guerra, existiu o que os nazistas chamaram de *Kirchenkampf* ("luta da igreja"), o embate entre o nazismo e a parte dos protestantes e católicos que não aceitava suas políticas. Hitler se dizia cristão em público, por uma questão prática: 95,2% dos alemães eram cristãos. Mas é consenso entre historiadores que estava fingindo *(leia mais na pág. 64)*.

Ao assumirem o poder, os nazistas passaram a promover o Cristianismo Positivo, ou Cristianismo Alemão, a versão que concordava com todas suas políticas. Seus adeptos foram reunidos na Igreja Evangélica Alemã, uma tentativa de unir todas as denominações protestantes para criar uma nova religião pró-governo. Aos cristãos que não entraram na linha, a política foi desde meras ameaças a confisco de propriedades, proibição de comunicação impressa, fechamento de denominações inteiras. A Igreja Confessional, criada em oposição à Igreja Evangélica Alemã e capitaneada pelo pastor luterano Martin Niemöller, seria controlada e silenciada pelos pró-nazistas com a ajuda da Gestapo em 1937. No caso mais extremo, as Testemunhas de Jeová, por se recusarem a jurar fidelidade ao nazismo e servir militarmente, tiveram 6 mil dos seus membros enviados a campos de concentração. Havia até uma insígnia específica para eles: um triângulo invertido roxo.

No campo de concentração de Dachau, havia uma ala especial na qual 2.720 clérigos de diferentes denominações foram confinados. A Alemanha planejada pelos nazistas, se podia tolerar protestantes domesticados, tinha problema maior em aceitar fiéis com outro papa. Dos presos na ala dos clérigos em Dachau, 2.579 (95%) eram católicos.

Os padres tenderam a apoiar o nazismo em seus primeiros anos. Vários deles, inclusive o famoso Clemens von Galen, bispo de Munster, que seria considerado o maior de todos na resistência católica ao nazismo, proferiram discursos antissemitas – no sentido religioso, de os judeus terem "matado Jesus", não de serem raça inferior. Entendiam também o nazismo como uma possível linha de defesa contra o comunismo leninista – que era, diferente do nazismo, abertamente anticlerical.

Mas eles não puderam concordar com os nazistas quando o assunto foi o programa de eutanásia e esterilização em massa de portadores de doenças genéticas. No domingo de Páscoa de 1937, 14 de março, os padres foram instruídos a ler uma encíclica do papa Pio 11 chamada *Mit brennender Sorge* (em alemão mesmo: "Com Ardente Preocupação"), condenando essas políticas nazistas. Assumindo o trono em março de 1939, Pio 12, o papa durante a Guerra, teve que equilibrar a sobrevivência da Igreja com seus sentimentos a respeito do nazifascismo – Roma, afinal, estava no território de Mussolini –, o que levou a acusações de ser leniente com o nazismo.

Católicos seriam também boa parte da resistência civil. Estimulados pelos discursos do

EM 1939, SEM SABER, OS ALIADOS HAVIAM PERDIDO SUA MAIOR OPORTUNIDADE DE MATAR HITLER.

bispo Von Galen, estudantes de Munique criaram a Rosa Branca, grupo pacifista que distribuiu panfletos e grafitou mensagens na cidade de junho de 1942 até sua violenta debelada pela Gestapo, em fevereiro de 1943.

Em paralelo aos religiosos, dois grupos de intelectuais seculares tiveram força na oposição civil. O Círculo de Kreisau, liderado pelo nobre Helmuth von Moltke, que se reunia numa cidadezinha na Silésia, e o Círculo de Solf, criado pela rica viúva Johanna Solf, que se encontrava em Berlim. Ambos reuniam figuras influentes, não pregavam a derrubada violenta do regime, e puderam se reunir enquanto os nazistas tinham outras prioridades. O Círculo de Solf terminou num assassinato coletivo em 10 de setembro de 1943, e o de Kreisau teve seus membros condenados sumariamente após o atentado de 20 de junho, sob a justificativa de um de seus fundadores, Peter Yorck, ser primo de Stauffenberg, o coronel que tentou matar Hitler.

A prioridade dos nazistas era a chamada Orquestra Vermelha – nome de diversas células, algumas sem comunicação nenhuma com as outras, organizadas pelo espião soviético Leopold Trepper. A orquestra conseguiu transmitir informações estratégicas aos soviéticos e outros Aliados, por meio de telégrafo em código morse. Daí o nome: cada máquina era um "piano" e eles trabalhando juntos, a "orquestra". Também ajudaram judeus a fugir, publicaram panfletos clandestinos e colaboraram com as resistências francesa, belga e holandesa. Até 400 pessoas participaram da Orquestra, que se tornou o alvo principal da Gestapo. No final de 1943, sua atividade já havia sido debelada. Possivelmente com ajuda do próprio Trepper, que foi preso e forçado a se tornar um agente duplo.

EXÉRCITO COMPRADO

A única parte da Resistência Alemã com reais chances de derrubar Hitler era a com armas. E foram das Forças Armadas – Wehrmacht – que vieram a maioria dos atentados contra a vida de Hitler.

O *Führer* tinha uma boa noção dessa infidelidade. Desde 1934, ele tinha um programa especial para subornar o alto oficialato. Presentinhos como propriedades, carros, isenção fiscal vitalícia e puro e simples dinheiro eram comuns. Havia até um fundo especial, o Konto 5, só para comprar a fidelidade dos oficiais.

Nem todos se vendiam. Antes mesmo de a guerra começar, uma conspiração estava pronta para invadir a chancelaria e prender ou executar Hitler, restaurando a monarquia no lugar – com o mesmo e ainda vivo Kaiser Guilherme 2º, o da Primeira Guerra.

A Conspiração Oster, de 1938, foi encabeçada pelo general-major Hans Oster, nada menos que chefe da Abwehr, a agência de inteligência militar alemã, que, por sua infidelidade, seria fechada por Hitler em 1943. A ideia era apoiar a maré de insatisfação do alto comando militar caso Hitler iniciasse uma outra Grande Guerra – algo imensamente impopular no oficialato que havia passado pela Primeira, e, em contraste, popular entre veteranos de baixa patente como o próprio Hitler. A guerra parecia prestes a estourar em 1938, durante a tensa discussão sobre a região dos Sudetos, na Tchecoslováquia, aliada do Reino Unido e França. Hitler considerava o território, de maioria alemã, parte natural do país, do *Lebensraum*, o "espaço vital". Oster preparou tudo para que a declaração de guerra também fosse o momento do golpe.

No caminho estava Neville Chamberlain, o primeiro-ministro do Reino Unido. Em 30 de setembro de 1938, foi assinado o Acordo de Munique, basicamente dando autorização a Hitler para fazer como quisesse, adiando a guerra em quase um ano. Com isso, o *Führer* ganhou fama de estadista, que acabara de conquistar uma enorme vitória pacífica. Não havia mais clima para golpe.

Elementos nas Forças Armadas só se mobilizariam novamente contra Hitler em 1943, diante da cada vez mais próxima derrota. Em 1939, sem saber, os Aliados haviam perdido sua maior oportunidade.

Albert Göring

O irmão rebelde.

Apontado como sucessor de Hitler nos últimos momentos da guerra, Herman Göring, líder da Luftwaffe, era uma das figuras mais centrais na máquina de destruição nazista. Seu irmão, Albert, era exatamente o oposto. Playboy e diretor de cinema fracassado, a partir de 1933 passou a usar da posição do irmão para fazer tudo o que podia contra o nazismo. Ajudou um número considerável de judeus e membros da resistência alemã a fugir, inclusive forjando a assinatura do irmão, por diversas vezes. Conta-se, mas não é certeiro, que certa vez viu um grupo de judias forçadas a limpar a calçada e juntou-se a elas. Isso era um crime pelas leis nazistas, mas, ao saber quem era, os guardas tiveram que ignorar – não seria bom para sua carreira prender o irmão do Número 2 do nazismo. Durante a guerra, Albert foi nomeado diretor da fábrica de carros tcheca Skoda. Sabotava a produção e requisitava constantemente trabalhadores aos campos de concentração, para soltá-los no meio do caminho. Sempre que era pego, dava carteirada. Infelizmente para ele, depois da guerra, o mesmo nome que o havia permitido sua resistência tornou-se uma maldição. Viveu seus últimos dias na pobreza, de uma pensão modesta do governo. Em sua última semana de vida, casou-se com uma empregada para ela receber sua pensão. Até hoje se discute em Israel se Albert Göring não devia receber o título de Justo Entre as Nações, honraria dada aos salvadores de judeus na guerra.

03 OS AMIGOS AMERICANOS DE HITLER

Alemanha

Por Fábio Marton

Mais que qualquer alemão, um famoso americano pode ter sido a influência decisiva na ascensão do nazismo.

A "Demonstração em Massa pelo Verdadeiro Americanismo", da German American Bund em Nova York. Entre as bandeiras se lê: "Abaixo a dominação judaica dos cristãos americanos!". A plateia se dividia entre os que usavam uniformes militares imitando os dos nazistas ou ternos adornados com braçadeiras com a suástica nos ombros.

MADISON SQUARE GARDEN, Nova York, 20 de fevereiro de 1939. Aniversário de George Washington. No palco armado na arena fechada, uma figura gigante do primeiro presidente olha para o horizonte. A seu lado, duas enormes flâmulas com a estampa da bandeira americana. E, ao lado delas, dois escudos com uma suástica decolando deles como um foguete.

É a *Demonstração em Massa para o Verdadeiro Americanismo* e, na plateia, mais de 20 mil pessoas. Para fazer segurança ao evento, a cidade de Nova York havia mobilizado 1.700 policiais, na maior ação já vista na cidade.

O orador sobe ao púlpito e é saudado com a mão espalmada. Mas, no lugar do "Sig Heil" nazista, ouve-se "Free America!". Seu nome é Fritz Julius Kuhn, alemão naturalizado, e fala com um carregado sotaque. Abre o discurso fazendo graça, dizendo que não tem chifres, rabo nem cascos, como a "mídia controlada pelos judeus" o pintava. Diz que George Washington era "o primeiro fascista americano". E, apoteoticamente: "Acordem! Vocês, arianos, nórdicos e cristãos, para exigir que nosso governo seja devolvido às pessoas que o fundaram!".

Kuhn é interrompido. Um homem entra no meio do palco gritando "Abaixo Hitler!". Era o encanador judeu Isadore Greenbaum, que é contido e leva uma surra de chutes no chão. Sai levado pela polícia. Seria condenado por "arriscar a segurança pública".

Não se é nazista na cidade mais judia do mundo (e continua a ser fora de Israel, que nem existia) sem consequências. Do lado de fora, 100 mil protestavam contra a celebração. E, assim, na saída, nazistas americanos apanharam de contra-manifestantes.

Kuhn era o líder *(Bundesfuher)* da German American Bund ("União Alemã Americana"), uma associação de descendentes de alemães fãs de Adolf Hitler. O *Führer* não correspondia ao amor: a política externa da Alemanha nazista era não tentar converter ninguém no exterior. Particularmente lugares como os EUA, que eles prefeririam ver fora da guerra que se aproximava.

A Bund era só a face mais óbvia da simpatia que uma parcela considerável de americanos tinha pelas ideias de Hitler. E o mais famoso entre eles, com um poder com que Kuhn jamais poderia sonhar, nem era descendente de alemães: atendia por Henry Ford.

Ford era um antissemita ferrenho que acreditava, como os nazistas e a ultradireita de hoje, numa grande conspiração por trás tanto do comunismo quanto do capitalismo financeiro – que ele via como improdutivo e parasitário, diferente do seu capitalismo industrial. Em 1918, Ford comprou o jornal *The Dearborn Independent,* então o segundo mais lido no país, para distribuir nas concessionárias da Ford. E basicamente o transformou num panfleto antissemita. Nele foi publicada a série *O Judeu Internacional* contendo a teoria da conspiração acima citada.

Hitler tinha um retrato de Ford em seu escritório, o citava como inspiração, e chegou a escrever em *Mein Kampf*: "Todo ano torna a eles [os judeus] mais e mais controladores de uma nação de cento e vinte milhões; somente um único grande homem, Ford, para a fúria deles, ainda mantém total independência".

De volta aos States, os anos 1920 coincidiram com a "era de ouro" da Ku Klux Klan – que surgira pelo sucesso do filme *O Nascimento de uma Nação* (1916), de D.W. Griffith, que encontraria um público receptivo à sua mensagem racista.

Ford e a KKK, ainda assim, empalideciam diante do grande herói nacional de seu tempo: Charles Lindenbergh, o primeiro a cruzar o Atlântico sem escalas num avião, em 1927. Lindenbergh negava ser antissemita, mas o que fez foi capitanear uma massiva campanha para evitar que os EUA entrassem na guerra, o Comitê América Primeiro, e provavelmente teria conseguido não fosse por Pearl Harbor. Nessa campanha, Lindenbergh fez declarações como "Devemos perguntar quem é dono e influencia o jornal, a notícia no cinema e a estação da rádio... Se nosso povo soubesse a verdade, seria improvável entrarmos na guerra" (era óbvio a qualquer um na época que falava de judeus). Também dizia: "Não estou atacando os povos judeu ou britânico. Ambas as raças eu admiro. Mas estou dizendo que os líderes de tanto os judeus quanto os britânicos, por razões que são tanto compreensíveis de seu ponto de vista quanto pouco recomendáveis do nosso, por razões que não são americanas, querem nos envolver na guerra."

O diário de Lindenbergh trazia pensamentos menos públicos: "inegavelmente temos um problema judeu" e "Devemos limitar a influência judaica a uma quantidade razoável... Quando a percentagem judia da população se torna muito alta, a reação invariavelmente parece ocorrer. O que é ruim, porque alguns judeus do tipo certo são, acredito, um bem para qualquer país". Depois da guerra, Lindenbergh deixou claro que preferia Hitler vivo e no poder. "Estava profundamente preocupado que o poder gigante da América (...) faria uma cruzada na Europa para destruir Hitler sem perceber que a destruição de Hitler abriria a Europa para os estupros, saques e barbarismo das forças da URSS, causando possivelmente uma ferida mortal na civilização ocidental."

04 O QUE HITLER QUERIA DO BRASIL?

Brasil

Por Tiago Cordeiro

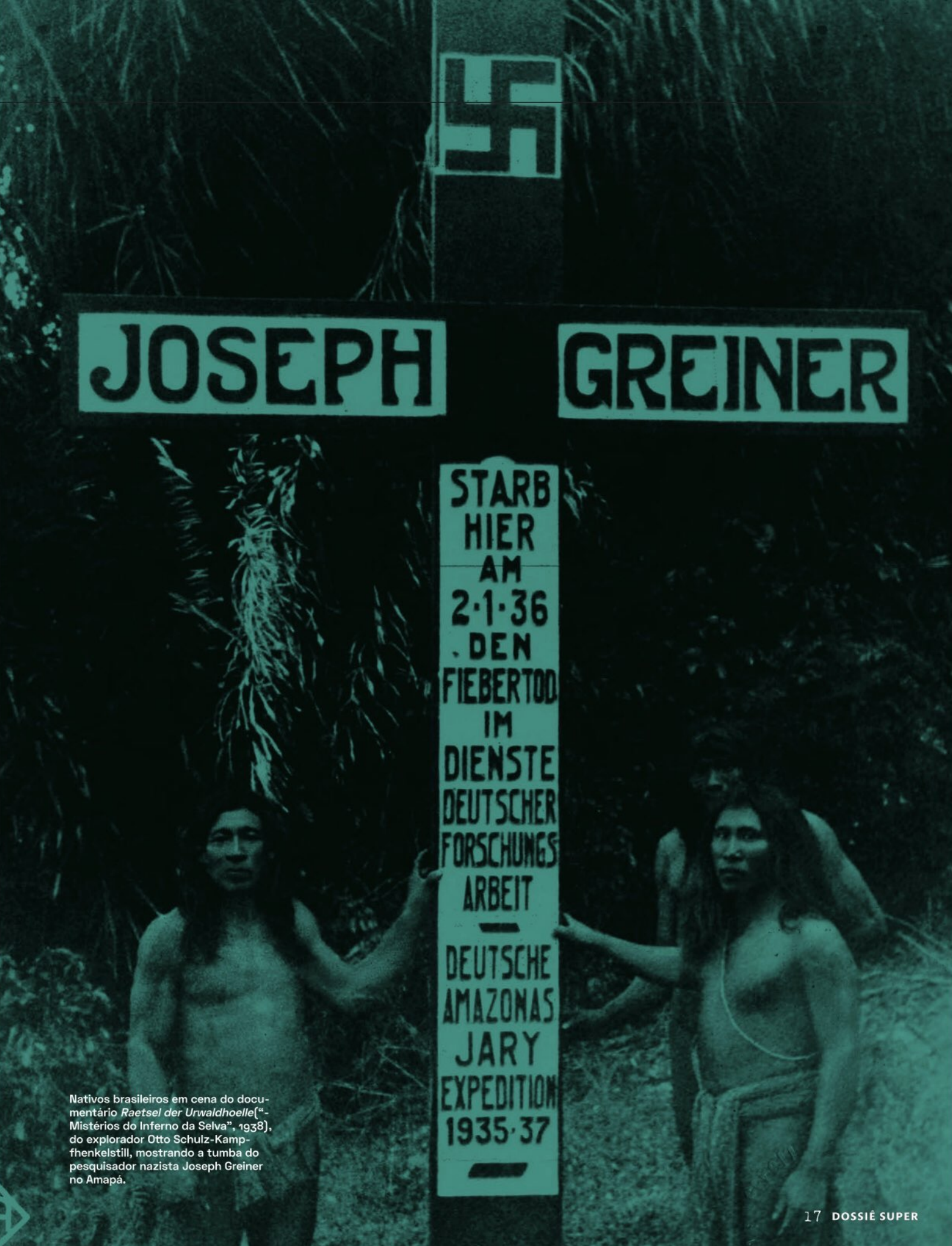
Entenda como a supremacia "ariana" nazista planejava lidar com um país miscigenado.

Os arquivos da Biblioteca Presidencial Franklin D. Roosevelt, instalada na cidade de Hyde Park, no Estado de Nova York, abrigam um mapa curioso. Escrito em alemão, ele divide a América do Sul inteira em apenas cinco territórios: Brasil (que ganharia parte da área da Bolívia), Argentina (englobando o Uruguai e o Paraguai, além do sul da Bolívia), Chile (que subiria rumo norte, engolindo o Peru) e Nova Espanha (uma junção de Colômbia, Venezuela e Equador), mais a Guiana.

O presidente Roosevelt recebeu esse mapa do serviço de inteligência britânico em 1940, antes mesmo de os Estados Unidos entrarem na Segunda Guerra, no fim de 1941. O desenho foi mimeografado, e por isso o fundo é escuro e as linhas, brancas. A imagem deixa claro: Adolf Hitler tinha uma ideia do que fazer com a América do Sul se vencesse.

Iria fundir países, ocupar os governos e, obviamente, favorecer os alemães "arianos" ligados aos partidos nazistas espalhados pela região. E também explorar nossas riquezas naturais. Afinal, depois de ter dominado parte expressiva do Norte da África em parceria com os italianos, ele poderia facilmente atravessar o Atlântico em busca de controlar os minérios do continente.

O plano alemão não se limitava à teoria. Nos anos de paz de seu governo, o *Führer* havia enviado uma expedição de dois anos ao sul do Amapá, cruzando rumo à Guiana. O objetivo era mapear a região a fim de conseguir um espaço vizinho às terras dos adversários da



Nativos brasileiros em cena do documentário *Raetsel der Urwaldhoelle* ("Mistérios do Inferno da Selva", 1938), do explorador Otto Schulz-Kampfhenkelstill, mostrando a tumba do pesquisador nazista Joseph Greiner no Amapá.

Alemanha: a Guiana Inglesa, o Suriname, holandês, e a Guiana Francesa. E, assim, criar uma colônia concorrente na América do Sul.

Então os nazistas se perguntavam: "os alemães puros resistiriam aos trópicos?". Outra missão científica tentou responder a isso. Concluiu que a resposta era "sim". De março a maio de 1936, dois pesquisadores do Instituto de Doenças Marítimas e Tropicais de Hamburgo, Gustav Giemsa e Ernst Nauck, visitaram uma região de colonização alemã instalada no Espírito Santo para descobrir se aqueles europeus de nascimento estavam bem adaptados ao ambiente local.

"O debate sobre aclimatação ganhou força no Terceiro Reich, impulsionado pelas ambições coloniais nazistas e influenciado pela higiene racial e pelas disputas institucionais e teóricas no campo da medicina tropical", escreve André Felipe Cândido Silva, pesquisador da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), no artigo *Raça, Medicina Tropical e Colonialismo no Terceiro Reich: a Expedição de Giemsa e Nauck ao Espírito Santo em 1936*. "O objetivo da expedição foi investigar as condições de vida e saúde da população teuta ali estabelecida, tendo em mira determinar se e em que medida ela poderia ser considerada 'aclimatada', ou seja, se havia se adaptado ao local mantendo as características que distinguiriam a 'raça' alemã, ou se sofrera degeneração nos trópicos, isto é, modificações negativas ocasionadas pelo ambiente tropical."

A futura divisão da América do Sul no mapa secreto dos nazistas, incluindo um pedaço da Bolívia integrado ao "Brasilien".

PARTIDÁRIOS E ESPIÕES

"Degenerados" era como os nazistas viam os descendentes de alemães no Brasil. O País abrigou a maior filial do Partido Nazista fora da Alemanha, com um total de 2.822 filiados. Mas brasileiros, mesmo que filhos de alemães pelos dois lados da família, não podiam pertencer ao partido. Basicamente porque, de acordo com os conceitos do governo alemão, estariam "contaminados" pela miscigenação do País. Ainda assim, os clubes germânicos passaram a ser controlados pelos nazistas, que hasteavam as bandeiras do partido em locais desde a Escola Alemã da Vila Mariana, em São Paulo, ao Clube de Atiradores de Blumenau, na cidade catarinense de Blumenau, passando pelo morro de Santa Tereza, no Rio de Janeiro.

"Seria possível – do ponto de vista dos partidários – a convivência da chamada raça ariana com as supostas raças 'inferiores' onde estariam alocados judeus imigrados, negros e brasileiros em geral residentes neste país tropical?", pergunta Ana Maria Dietrich em sua pesquisa. Ela responde: "Não. Os alemães do Reich eram considerados 'alemães puros'".

Enquanto não chegava a hora de mostrar suas reais cores, a Alemanha nazista investia na espionagem, com agentes ativos principalmente em Buenos Aires e em São Paulo. A principal rede de informantes atuou no que ficou conhecida como a Operação Bolívar.

As ações tiveram início em 1940, a partir do trabalho de uma dupla vivendo na Argentina: Johannes Siegfried Becker (codinome Sargo) e Heinz Lange (que assinava os relatórios com o nome Jansen) atuaram em Buenos Aires. Rapidamente, foram identificados como espiões pelo governo local e fugiram para São Paulo, onde iniciaram uma parceria com Gustav Albrecht Engels (cujo apelido era Alfredo). Engels estava formando uma estação clandestina de rádio para enviar informações de espiões e da imprensa local sobre o cenário político do Brasil e dos demais países da América Latina. Em poucas semanas, o trio estava operando com bastante frequência.

Apesar de todo o esforço, a verdade é que a transmissão via rádio não reunia informações de relevância – em geral, os envolvidos tinham pouco acesso aos bastidores dos governos e se limitavam a reportar o que liam nos jornais, ou, no máximo, boatos não checados ouvidos em jantares e ocasiões sociais. Os espiões chegavam a disparar 15 mensagens por dia rumo a Berlim. Melhor para os Aliados, porque as transmissões eram interceptadas com facilidade pelos serviços de inteligência americano e britânico. Em diferentes ocasiões, as polícias locais foram municiadas com informações e realizaram buscas e prisões nos imóveis dos envolvidos.

A espionagem pode ter dado errado e as expedições, em nada. Mas não há dúvidas: uma vitória alemã transformaria o Brasil em "Brasilien", com alemães alçados à classe superior e os brasileiros reduzidos à servidão ou escravidão. Talvez ao extermínio.

05 SÚDITOS DO EIXO

A Segunda Guerra foi um tempo duro para ser alemão, japonês ou italiano no Brasil; até campos de concentração foram criados.

Brasil

Por Tiago Cordeiro

EM BELÉM DO PARÁ, multidões enraivecidas invadiam as casas dos imigrantes japoneses. Muitos se apresentaram à polícia se dizendo espiões. Não eram. Mas preferiam ir para o campo de concentração, na ilha de Aracá, distante 18 horas de barco da capital do Estado, do que tentar sobreviver ao ódio dos brasileiros.

Em Cerrito, no sul do Rio Grande do Sul, os alemães e descendentes eram perseguidos na rua. Quando surgiu o boato de que um para-raio instalado no teto da igreja local era utilizado para enviar sinais de rádio para Berlim, um grupo de moradores usou de dinamite para botar abaixo a construção.

Entre 1942 e 1945, episódios semelhantes se disseminaram pelo País. Onde quer que houvesse imigrantes alemães, japoneses e italianos, eram registrados casos de perseguição, agressão, ameaças e ataques a comércios e residências. Para piorar a situação, o decreto-lei 4.166, de 11 de março de 1942, determinava o confisco de bens de imigrantes ligados a países do Eixo. Propriedades, heranças, joias e depósitos bancários passavam a partir de então a ser monitorados e expropriados pelo governo brasileiro.

TORTURA E SUICÍDIO

Em oito Estados (Pará, Pernambuco, Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul), o Ministério da Justiça manteve 31 campos de concentração, para onde foram enviados aproximadamente 3 mil imigrantes suspeitos de colaborar com o Eixo. Os locais foram adaptados a partir de fazendas ou mesmo hospitais (como aconteceu em Joinville, Santa Catarina). Em Pouso Alegre (MG) foram agrupados militares detidos na altura do Recife quando viajavam no navio Anneleise Essberger.

Em raros casos, os detidos foram enviados para presídios comuns, em especial Ilha Grande e Ilha das Flores, no Rio de Janeiro. Em qualquer um desses locais, submetidos a condições insalubres e trabalhos forçados, os presos só foram liberados, lentamente, a partir do fim da Segunda Guerra.

Os detidos eram forçados a trabalhar, geralmente na agricultura ou abrindo estradas. Cozinhavam a própria comida e lavavam seus quartos e banheiros. Também vestiam uniformes padronizados, com números nas costas, para facilitar a identificação.

Dentro dos campos, as torturas podiam ser recorrentes. "Em Itajaí e Joinville, eram presos basicamente os homens, que confessavam ser espiões sob tortura. Enquanto isso, há relatos de que as mulheres que ficavam em casa eram estupradas pelos policiais", afirma o historiador Leandro Mayer, autor do livro O *Retrato da Repressão: as Perseguições a Alemães no Oeste de Santa Catarina Durante o Estado Novo.*

O pesquisador cita o caso de Antônio Kliemann, o único cidadão reconhecido como anistiado político durante todo o período do Estado Novo. Comerciante da região de Porto Novo, no extremo oeste de Santa Catarina, Kliemann foi preso. Seu caminhão então foi tomado pela polícia e utilizado para carregar outros detentos. Libertado ao fim da guerra, passou por três hospitais psiquiátricos antes de se suicidar.

A perseguição não se limitava aos alemães e japoneses nativos. Os descendentes também pagaram o preço, principalmente se seus parentes ou ancestrais estrangeiros ainda estivessem vivos. Ter relações familiares com Alemanha, Itália ou Japão passou a servir de pretexto para ataques mais sutis. Empresas, clubes, associações e órgãos públicos passaram a dispensar sócios, empregados ou colaboradores de origem alemã, italiana ou japonesa.

Era difícil manter o emprego ou a vida social. Eram pessoas que haviam chegado ao País, muitas vezes décadas antes, com o sonho de recomeçar a vida. De um dia para o outro, se viram perseguidas. "Ainda hoje, em Porto Novo, aquele é um período traumático. Senhores e senhoras que hoje são idosos lembram com detalhes dos pais sendo presos, das mães atacadas e roubadas por guardas", afirma Leandro Mayer. "Para essa geração, as feridas ainda estão abertas."

06 THE AMERICANS

Brasil

Por Tiago Cordeiro

O convívio dos jovens militares brasileiros com os colegas do Norte influenciou o pensamento dos ex-pracinhas que chegariam ao poder (à força) décadas depois.

O marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, um dos líderes do golpe de 64, em sua foto oficial como presidente, 1965.

MAIS CONHECIDO como o primeiro presidente da Ditadura Militar instaurada em 1964, Humberto de Alencar Castelo Branco tinha 45 anos quando chegou ao Forte Leavenworth, no Kansas, em julho de 1943. Passou ali três meses, ao lado de outros dez colegas, em estágio para entender o estilo americano de combate. Até aquele momento, as táticas ensinadas na academia militar brasileira imitavam o Exército francês, que em 1940 havia sido praticamente exterminado *(leia mais na página 60)* pela Alemanha de Hitler.

Castelo seguiu para a Itália no primeiro escalão da Força Expedicionária Brasileira (FEB), em 30 de junho de 1944. Sob seu comando, a força brasileira sofreu uma derrota em Monte Castelo, no dia 12 de dezembro – a

ação desastrada deixou um saldo de 145 vítimas, entre mortos e feridos. Mas o militar também planejou uma nova operação, iniciada em 19 de fevereiro e que resultou na conquista do local, no dia 21. Seu maior adversário no comando da FEB era Amaury Kruel, que em 1963 assumiria o comando do Segundo Exército, em São Paulo. Já o general Henrique Teixeira Lott, grande adversário do golpe que seria preso em 1964, servira só um mês na Itália, sem comandar ninguém.

Promovido a coronel ao fim da guerra, o futuro presidente da ditadura assumiu a missão de modernizar as técnicas do Exército brasileiro. Nunca mais perdeu contato com os colegas americanos, em especial o militar e diplomata Vernon Walters, que havia atuado como o oficial responsável pela conexão do Exército americano com a FEB. Nessa função, conviveu de perto com as principais lideranças militares brasileiras em ação na Europa. Anos depois, como adido militar no Brasil entre 1962 e 1967, Walters recebia dos militares (primeiro atuando como conspiradores contra o governo de João Goulart, depois como governo) informações de bastidores bastante detalhadas.

ESCOLA DE FORMAÇÃO

É inquestionável o impacto dos militares americanos sobre os colegas brasileiros. O contato iniciado durante a Segunda Guerra deixaria marcas duradouras.

Muitos pracinhas se organizaram politicamente, em torno, especialmente, de dois grupos, a Legião Paranaense do Expedicionário (LPE) e o Partido Libertador (PL), que entre os anos 1950 e 1960 elegeram vereadores e deputados estaduais e federais. Mas foi durante a Ditadura Militar que jovens comandantes da FEB deixaram claros seus vínculos, pessoais e ideológicos, com os Estados Unidos.

Muitos desses militantes faziam parte dos aproximadamente mil militares brasileiros que realizaram cursos e receberam treinamento nos Estados Unidos durante o conflito. "Por um lado, houve a urgência de se treinar os pilotos que iriam executar patrulha antissubmarino e, por outro, treinar o pessoal de terra que iria participar das respectivas unidades de apoio. Em seguida surgiu outra emergência: capacitar os militares que comporiam a FEB", afirma o pesquisador da Universidade Federal do Paraná Dennison de Oliveira no artigo *Relações Internacionais Militares Brasil-EUA na Segunda Guerra Mundial*.

"Sem dúvida alguma o relacionamento entre americanos e brasileiros no setor militar durante a guerra e no pós-guerra teve enorme influência sobre aquela geração", afirma o historiador Stanley E. Hilton, professor de história da Louisiana State University. "A influência da aliança entre os dois exércitos durante a guerra foi profunda em quase todos os sentidos. A criação da Escola Superior de Guerra em 1950, com a orientação de oficiais americanos, era um símbolo do relacionamento especial. Nos anos seguintes, a instituição funcionaria como uma espécie de filtro e transmissor de preceitos americanos para as elites brasileiras."

A mudança começou na Era Vargas. Foi o caso do general Pedro de Góes Monteiro, um dos líderes mais poderosos entre 1930 e 1950 e, até o final dos anos 1930, abertamente pró-Alemanha. Depois de uma visita aos Estados Unidos, tudo mudou. "Ele se tornou americanófilo", explica Stanley Hilton. "Coisa parecida aconteceu com o ministro da guerra de Getúlio e posteriormente presidente da República, Eurico Gaspar Dutra."

DIFERENÇAS CONCEITUAIS

Sob a influência americana, o Exército brasileiro se modernizou e mudou seus métodos táticos, suas estratégias de formação e até mesmo o tipo de armamento – os soldados nacionais se acostumaram a usar, na Itália, os modernos, para a época, fuzis semiautomáticos Garand, adotados como padrão pelos Estados Unidos desde 1936. Mas algumas discordâncias se mantiveram, em especial a respeito da relação dos militares com o governo civil.

Os militares brasileiros não abandonaram a tradição nada americana, iniciada com a Proclamação da República em 1889, de se envolver nos rumos políticos do País. "A orientação ideológica do Exército americano era 'democrática' no sentido de enfatizar as ligações vitais entre a sociedade civil e as Forças Armadas; havia também a tradição inquebrantável de controle civil sobre o Exército", afirma Stanley Hilton. "O ensino militar no Brasil, devido às condições sociais diferentes, teria sido mais elitista, atribuindo papel predominante à liderança militar, especialmente em momento de crise interna."

A aliança eventualmente azedaria. Durante o governo de Ernesto Geisel (1974-1979), a relação entre os países gelou. Entre outros fatores, pela busca do Brasil por apoio entre países árabes, contra Israel, e seu programa nuclear, feito com ajuda da agora democrática Alemanha Ocidental.

Três histórias da FEB

Casos curiosos ocorridos na Itália.

1.

O brasileiro Fernando Palermo passou por um lugar cheio de armas e peças de artilharia alemãs abandonadas. Pegou um objeto cilíndrico, pequeno, e mostrou para os colegas, que o levaram para o acampamento. Na mesma noite, mostraram o artefato para os colegas americanos: era uma mina terrestre, armada. Depois de segundos de pânico, eles levaram a peça para longe.

2.

No norte da Itália, por onde os militares americanos passavam, costumavam ser bem recebidos pela população. Mas não os brasileiros. Em Livorno, foram vaiados. Em Parma, recebidos com gritos de "vão embora!". Em Nápoles, moradores chegaram a jogar pedras nos pracinhas. Demorou para os soldados perceberem, mas o problema estava no uniforme: era parecido demais com o utilizado pelo Exército alemão.

3.

Quando os pracinhas finalmente chegaram ao topo de Monte Castelo, ficaram surpresos de topar com... cavalos. Muitos cavalos. A Alemanha nazista tem fama de moderna, mas as peças de artilharia alemã ainda eram puxadas por cavalos. Os alemães empregariam 2,75 milhões deles na guerra.

07 CAÇADORES DE CABEÇAS

Como e por que americanos violaram cadáveres japoneses na campanha do Pacífico.

O lado sombrio dos Aliados

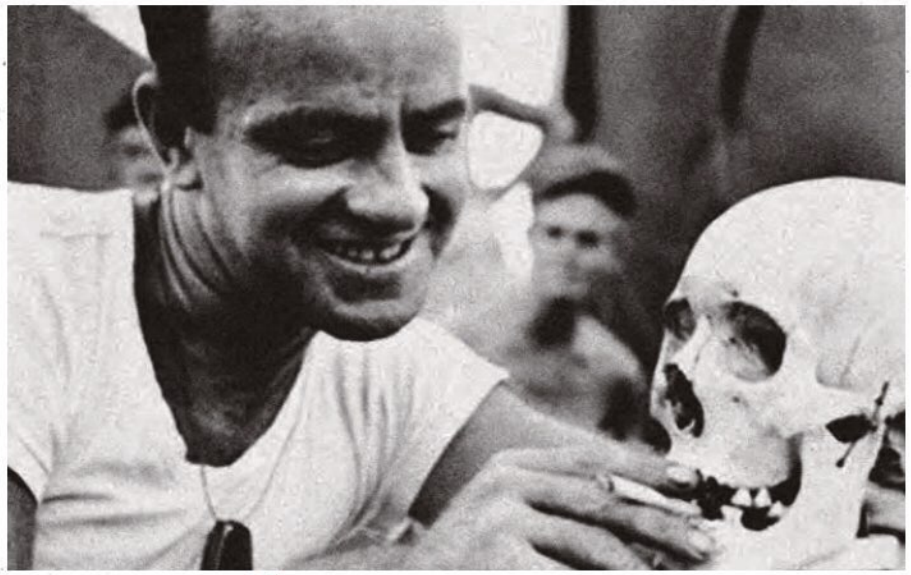
Por Fábio Marton

ERA 1984 quando o governo dos EUA tomou a atitude de fazer uma reparação histórica. Os cadáveres de soldados japoneses da campanha das Ilhas Marianas foram repatriados. A solene ocasião foi perturbada por um infortúnio: 60% dos corpos não tinham cabeça.

E onde estavam as cabeças? Quem sabe segurando livros por quatro décadas na prateleira de um veterano americano? Quem sabe num museu? Quem sabe esquecidas num sótão? Em descarada violação à Convenção de Genebra de 1929, como se fossem senhores da guerra medievais, soldados dos EUA faziam troféus das caveiras dos inimigos.

Não só cabeças, como dentes, orelhas, fêmures... o que parecesse interessante como decoração. Não bastava retalhar um corpo, porque aí você acabava com carne podre. Havia todo um método, transmitido de soldado para soldado: era preciso ferver para soltar pele e músculos e deixar apenas ossos, branquinhos.

Crânio seco de soldado japonês adornando um tanque.



À esquerda: soldado fazendo graça com caveira limpa japonesa. Abaixo, à esquerda: Natalie Nickerson com o presente do namorado; à direita: cabeça deixada numa árvore na Birmânia. Na próxima página, à esquerda: caveira usada como placa de identificação; à direita: festa com caveiras.

ESCÂNDALO

EM CASA, não pegava bem. Em 1º de fevereiro de 1943, a revista *Life* publicou uma fotografia tirada por Ralph Morse em Guadalcanal, mostrando uma cabeça japonesa adornando a torreta de um tanque, com os marines celebrando em volta. Em 22 de maio de 1944, a mesma *Life* estampou a foto de uma garota interiorana, do Arkansas, com um crânio japonês. A moça, Natalie Nickerson, de 20 anos, redigia uma carta na qual agradecia a seu namorado no front pelo presente. Novamente, um escândalo.

Choveram cartas. A *Life* respondeu em seu editorial: "A guerra é desagradável, cruel e desumana. E é mais perigoso esquecer disso do que ficar chocado com lembretes".

As imagens foram republicadas no Japão. Os americanos foram retratados como perturbados, primitivos, racistas e desumanos. E isso teve consequências: a população japonesa foi convencida de que o país sofreria saques e estupros massivos se os EUA invadissem. E isso, não uma fidelidade fanática ao imperador, foi apontado como a grande motivação para o sacrifício por diversos kamikazes sobreviventes (isto é, aqueles que nunca decolaram ou decolaram e voltaram após falhar em encontrar o inimigo).

O comando estava ciente. Formalmente, reagiu. Em setembro de 1942, o comandante-chefe da Frota do Pacífico havia ordenado uma ação disciplinar. Em janeiro de 1944, o Estado-Maior Conjunto dos EUA emitira uma surreal norma proibindo a tomada de partes do corpo dos inimigos.

Mas as punições, quando havia, eram protocolares. Porque a barbaridade parecia motivar os soldados, e a prioridade era ganhar a guerra, não evitar chocar sensibilidades civis.

E, mesmo se quisessem parar, era difícil fazer isso quando o presidente estava do outro lado. Publicamente, em 13 de junho de 1944, o presidente Franklin Delano Roosevelt recebeu do congressista democrata Francis E. Walter um abridor de cartas feito de osso de japonês. "Esse é meu tipo de presente", respondeu sorridente. Walter continuou a graça se "desculpando" por ser um objeto tão "pequeno", ao que respondeu, sorridente, Roosevelt: "Haverá mais presentes". Mais uma vez, o público se escandalizou e, em semanas, o presidente acabou decidindo enterrar o abridor de cartas.

A BARBARIDADE PARECIA MOTIVAR OS SOLDADOS, E A PRIORIDADE ERA GANHAR A GUERRA, NÃO EVITAR CHOCAR SENSIBILIDADES CIVIS.

RACISMO

Um detalhe que não é detalhe: nada disso foi feito com os soldados da Alemanha nazista.

O que acontecia? Basta olhar a propaganda de guerra americana. Os alemães são retratados ora como pessoas sinistras, ora como bufões. Mas eram humanos. Já os japoneses se tornavam criaturas com dentes de cavalo, rato ou morcego, isso quando não eram substituídos pelos bichos mesmo. Sua pele frequentemente era de um tom completamente diferente do normal, amarelo profundo ou cinza, ou qualquer outra cor escolhida pelo ilustrador. Em resumo, os alemães eram humanos (se ruins), os japoneses, outra coisa.

"Os soldados que perpetraram essa ofensa parecem ter feito uma distinção clara entre duas categorias de inimigos: o que eles percebem como pertencentes a sua própria raça e os que percebem como de outra, com uma diferença fundamental entre elas sendo como os corpos serão tratados após a morte", afirma o antropólogo Simon Harrison, autor de *Dark Trophies: Hunting and the Enemy Body in Modern War* ("Troféus Sombrios: A Caçada e o Corpo do Inimigo na Guerra Moderna", sem versão em português). "Esta é uma forma de combate em que certas categorias de inimigos são fortemente desumanizadas e despersonalizadas, representadas como animais a serem caçados, não apenas para serem mortos como, em certo sentido, consumidos."

Note-se: os japoneses não eram nada melhores. Se suas atrocidades contra civis rivalizam com as da Alemanha nazista, em termos militares, ao menos no que concerne britânicos e americanos, eram muito piores. Os nazistas seguiam, por incrível que pareça, a Convenção de Genebra com Aliados ocidentais, pois seu país era signatário, como EUA e Reino Unido. Soldados da União Soviética, que não havia assinado, eles mandavam para campos de extermínio. Entre os vários horrores que os japoneses infligiram a seus prisioneiros, como assassinatos para testar espadas e torturas aleatórias, estão episódios de canibalismo *(pág. 63)*.

08 FOME DE BENGALA

Proposital ou acidental, a má gestão do primeiro-ministro britânico levou mais de 2 milhões de indianos a morrer de fome em 1943.

O lado sombrio dos Aliados | Por Tiago Cordeiro

EM 1943, QUANDO o gabinete de guerra do Reino Unido recebeu relatórios detalhados apontando que a região de Bengala estava passando por um grave período de fome, o primeiro-ministro Winston Churchill respondeu que a culpa era dos próprios indianos, que "se reproduzem como coelhos". De acordo com a jornalista Madhusree Mukherjee, que teve acesso aos documentos produzidos pelo gabinete britânico para escrever o livro *Churchill's Secret War* ("A Guerra Secreta de Churchill", sem versão em português), no rodapé de uma página dos documentos sobre o incidente, anotou: "Por que Gandhi ainda não morreu?". O premiê prosseguiu com o programa de exportação de arroz da Índia, 60% do qual vinha de Bengala, para as demais colônias do Reino Unido. Em 1943, enquanto 70 mil toneladas do alimento eram retiradas do país asiático, entre 2 e 3 milhões de pessoas morriam de fome e de malária em Bengala.

O governo britânico demoraria meses para reagir e ordenar o envio de alimentos para a área. Nesse meio-tempo, mandou queimar todas as cópias do livro *Hungry Bengal ("Bengala Faminta")*, escrito pelo artista Chittaprosad Bhattacharyya, que estava na região na época e relatou, em textos e desenhos, tudo o que viu. A crise de abastecimento que se abateu sobre a região foi resultado de uma série de fatores, mas o gabinete de guerra poderia ter evitado que a crise ganhasse a dimensão que ganhou.

Prova dessa responsabilidade direta é que um estudo divulgado em março de 2019 comparou a composição do solo em cada uma das seis crises de fome registradas em Bengala, entre 1873 e 1943. Em cinco delas, identificou que a composição pobre da terra afetou a produção. Mas, na crise de 1943, o solo não apresentou problemas. A produção de arroz não caiu o suficiente para matar tanta gente.

MORTOS NAS RUAS

A região de Bengala sofreu, de fato, diversas crises de abastecimento a partir do século 19. Instalado na fronteira com a Birmânia (atual Mianmar), no extremo leste do país, o território sobrevivia do plantio de arroz e da pesca. Eram três colheitas por ano, mas uma delas, a mais importante, era constantemente prejudicada por ciclones e tempestades. Além disso, a população havia subido de 40 para 60 milhões de pessoas, em apenas 20 anos, e a estrutura social favorecia os donos de terras, que controlavam a distribuição e os preços.

Em 1942, quando o Japão começou a campanha de ocupação da vizinha Birmânia, a Índia inteira entrou em convulsão. Ingleses, americanos e chineses correram para Calcutá e sugaram a capacidade de produção do país. Alimentos e tecidos seguiam com prioridade para os militares, que pagavam preços irrisórios com títulos a serem descontados pelo Banco da Inglaterra só depois da guerra. Indianos de áreas rurais foram forçados a desviar seu trabalho para a indústria de armamentos.

Em Bengala, barcos com capacidade para mais de dez pessoas foram apreendidos e destruídos, para evitar que a Marinha japonesa os tomasse. Em resultado, a rede de distribuição de peixes e arroz foi simplesmente aniquilada, enquanto que o grosso da produção de comida era enviada, via trem, para outras regiões. Entre 1943 e 1944, a fome e a falta de condições sanitárias levaram milhões de pessoas a cair mortas no meio da rua e dos campos.

O racismo de Churchill certamente não ajudou a mitigar a crise. "Eu odeio indianos", afirmou ao ministro Leopold Amery, responsável por governar a Índia. "São pessoas horríveis com uma religião horrível." O esforço de guerra deu certo, e os japoneses acabariam expulsos da Birmânia. Mas o custo humano foi descomunal.

09 MASSACRE NO MAR

Os dois naufrágios com o maior número de mortos da história aconteceram em 1945, por obra dos Aliados.

O lado sombrio dos Aliados | Por Tiago Cordeiro

EM TERMOS DE VIDAS HUMANAS, os dois piores desastres marinhos de todos os tempos foram causados pelos Aliados, contra alvos principalmente civis.

Em 3 de maio de 1945, o transatlântico SS Cap Arcona afundou por obra de um ataque da Aeronáutica britânica. A ação deixou 5 mil vítimas fatais – a maioria prisioneiros Aliados, de campos de concentração.

O navio foi alvo de uma ação massiva dos ingleses, quando a guerra já tinha acabado na prática. Três dias antes do naufrágio, Adolf Hitler havia cometido suicídio, e um dia depois os alemães assinariam a rendição. O último esforço para atingir embarcações inimigas que frequentavam o Mar Báltico culminou com disparos contra três navios ancorados na Baía de Lübeck, incluindo o cargueiro Thielbek e o navio de passageiros Deutschland. No total, a ação na baía provocou 7 mil mortes.

O transatlântico Arcona havia começado a operar em 1927, levando cargas e passageiros de Hamburgo até Buenos Aires, com paradas no Rio de Janeiro. Em 1943, foi usado como cenário para a produção alemã *Titanic*, que retratava o naufrágio mais famoso da história como resultado da arrogância britânica.

A partir de 1945, o navio vinha sendo usado para evacuar civis e militares alemães diante do avanço do Exército Vermelho. Quando foi atingido, acabara de receber uma nova missão: assim como o Thielbek e o Deutschland, vinha sendo utilizado como um navio-prisão para manter detentos de campos de concentração que tinham sido evacuados, fugindo do avanço soviético (os alemães faziam isso para que os soviéticos não testemunhassem os seus campos, e para manter a mão de obra escrava). Os três navios estavam atracados quando foram atingidos. Os comandantes não tiveram condições de reagir.

FUGA FRUSTRADA

Em matéria de mortes em um único navio, os ataques britânicos chegam a parecer pequenos diante do que havia acontecido meses antes. Em 30 de janeiro de 1945, o cruzeiro MV Wilhelm Gustloff, que levava militares e uma multidão de civis, fugindo das tropas soviéticas, foi torpedeado pelo submarino soviético S-13. Morreram 9.400 pessoas, incluindo 5 mil crianças. Não há registro de naufrágio com mais vítimas, em qualquer época.

Batizado em homenagem ao ativista nazista suíço Wilhelm Gustloff, assassinado pelo estudante croata David Frankfurter em 1936, o navio foi inaugurado em 1937. Tinha 208,5 metros de comprimento, 25 mil toneladas de peso e capacidade para transportar 1.880 pessoas. Era utilizado para levar jovens para passeios e atividades culturais por toda a Europa, até ser adaptado e transformado em um hospital marítimo em 1939.

Em novembro de 1940, o navio foi utilizado como quartel em alto-mar, na região do porto de Gotenhafen, na atual Polônia. No início de janeiro de 1945, com a derrota alemã a caminho, o navio foi utilizado para uma nova demanda: evacuar militares e civis. Rapidamente, mais de 10 mil pessoas se amontoaram na embarcação, que partiu no dia 30 de janeiro, escoltada por um único torpedeiro.

Ao cair da noite, sob um intenso nevoeiro, o navio foi localizado pelo submarino russo comandado pelo capitão Alexander Marinesko – que pintou recados nos quatro torpedos que disparou; mandou escrever neles "Pela pátria", "Por Stalin", "Pelo povo soviético", "Por Leningrado". Às 21h, o submarino disparou. Três torpedos acertaram o alvo, e o Wilhelm Gustloff começou a afundar. 996 dos mais de dez mil puderam ser resgatados da água. Todos os demais morreram. E seus corpos, até os anos 1970, continuaram chegando à costa.

10 NAZISTAS NA NASA

Como cientistas alemães que devastaram a Inglaterra foram parar nos programas espaciais dos EUA e da União Soviética.

O lado sombrio dos Aliados

Por Tiago Cordeiro

TODOS OS ANOS, desde 1963 até 2012, a Associação de Medicina Espacial concedeu o prêmio Hubertus Strughold para pesquisadores que encontram soluções para melhorar a saúde dos astronautas. O nome escolhido não é casual: Hubertus Strughold é considerado o pai da medicina no espaço. Pioneiro nos estudos sobre o efeito da falta de gravidade para o organismo humano, ele liderou o desenvolvimento das roupas utilizadas pelos astronautas das missões Gemini e Apollo.

Strughold era um carrasco nazista. Vários dos médicos alemães que realizaram experimentos com humanos no campo de concentração de Dachau estavam ligados a ele. Como líder do Instituto da Medicina na Aviação da Aeronáutica alemã, a Luftwaffe, ele orientou médicos que realizaram cirurgias invasivas sem anestesia e mergulharam presos em água gelada, entre outros procedimentos grotescos.

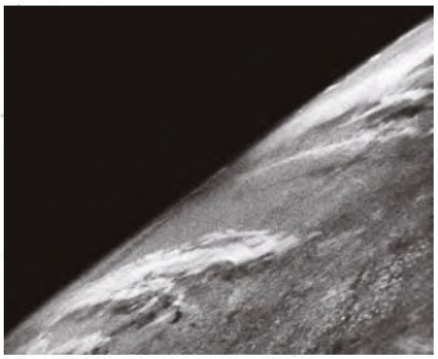
Morreu em paz, no Texas, em 1985, aos 88 anos. Só em 2012 seu passado veio à tona numa reportagem do *Wall Street Journal*. O prêmio com seu nome deixou de existir.

O caso de Strughold não foi isolado. Os americanos disputaram com os soviéticos as mais úteis mentes do nazismo, que foram cruciais para o desenvolvimento do programa espacial dos dois países.

CAÇA-TALENTOS

Os Estados Unidos coletaram mais mentes do que os russos. Enquanto os soldados de Josef Stalin se aproximavam de Berlim, os americanos despacharam emissários na

26 de março de 1958: lançamento do Jupiter-C, desenvolvido por Wernher von Braun. Os EUA começariam atrás na Corrida Espacial, mas a presença dos ex-nazistas seria uma vantagem.



A primeira foto do espaço, tirada por um V-2 capturado pelos americanos e lançado por cientistas e militares dos EUA, em 24 de outubro de 1946.

frente, para negociar com os cientistas alemães. "Nós desprezávamos os franceses, morríamos de medo dos soviéticos e não acreditávamos que os britânicos pudessem bancar nossas pesquisas. Sobraram os americanos", afirmou, anos depois, um engenheiro de foguetes alemão em entrevista para os historiadores Frederick Ordway e Mitchell R. Sharpe.

Ao longo do primeiro semestre de 1945, à medida que os soviéticos se aproximavam e Hitler cometia suicídio, cerca de 1.600 pessoas, entre engenheiros alemães e seus familiares, fugiram para a área da Europa controlada pelos Estados Unidos. Quando os soviéticos ocuparam a Alemanha, encontraram instalações vazias onde antes ficava o centro de produção do V-2, a fábrica Mittelwerk, na Turíngia *(veja ao lado)*.

A ação de busca, convencimento e retirada de cientistas recebeu o codinome Operação Paperclip. Extremamente bem-sucedida, recrutou, entre tantos, Werner Dahm, responsável por desenvolver os revolucionários túneis de vento supersônicos utilizados para criar os foguetes nazistas. Seria chefe da Divisão de Aerodinâmica da Nasa. Konrad Dannenberg, outro engenheiro alemão, assumiu um posto expressivo: gerenciou o Programa Saturn, o foguete lunar. Mas o nome nazista mais conhecido da Nasa, e também o mais influente dentro do programa espacial americano, foi Wernher von Braun. Como chefe da equipe que desenvolveu o V-2, Von Braun participou de diferentes organizações políticas nazistas, incluindo a SS. Como chefe, foi responsável também por coordenar o trabalho escravo na fábrica que matou mais gente que os próprios foguetes *(leia texto ao lado)*. Assumiu um posto de chefia na Agência de Desenvolvimento de Armamentos Balísticos, onde criou o foguete Jupiter-C, utilizado para enviar ao espaço, em 1958, o primeiro satélite americano. Nos anos 1960, o departamento foi anexado à Nasa, onde suas contribuições se mostraram cruciais para o sucesso da Apolo 11.

MUDANÇA FORÇADA

Os russos chegaram atrasados, mas também fizeram sua colheita. Ofereceram aos pesquisadores que sobraram algo que os americanos não podiam: a possibilidade de continuar vivendo na Alemanha. O físico Helmut Gröttrup, especializado no desenvolvimento de sistemas de orientação para mísseis, foi um que não aceitou a proposta dos Estados Unidos. Acabaria se arrependendo.

Gröttrup assumiu a direção de um centro de pesquisa e desenvolvimento de foguetes na cidade de Bleicherode. Os russos não tinham a papelada a respeito dos V-2 e contavam com o especialista para lembrar de como ele era fabricado. Em 1946, a instalação já produzia novamente os foguetes nazistas. Até que Stalin resolveu que a equipe, assim como os trabalhadores ligados à produção aeronáutica e nuclear, deveria ser realocada para território russo.

Em outubro de 1946, sem aviso prévio, aproximadamente 7 mil pessoas, incluindo famílias, foram retiradas de casa no meio da madrugada e colocadas em 92 trens rumo à União Soviética. Gröttrup estava entre elas. Sua indústria foi reinstalada na cidade russa de Podlipki. Cercado por técnicos alemães, viveu em terras russas até 1953. Os ex-nazistas, porém, não foram postos na chefia, como nos EUA. Suas ideias eram incorporadas pelas equipes de engenheiros russos, que as adaptavam em projetos próprios. Em meados da década de 1950, os soviéticos haviam dispensado os alemães. Moscou considerava que já tinha aprendido tudo o que precisava. Gröttrup retornou para a Alemanha e migrou para o lado ocidental. Os profissionais nazistas não receberiam nenhum crédito soviético. Difícil sentir pena deles.

Fábrica da morte

O foguete V-2 alemão custou a vida de milhares de escravos.

Wernher von Braun entrou para a história como uma espécie de vilão redimido. Com sua contribuição foi realizada a mais espetacular jornada humana de todos os tempos. Morreria relativamente jovem, aos 65, na Virgínia, de câncer, em 1977. Até seu fim, alegou que não era um carrasco nazista, mas meramente um cientista que chefiara o desenvolvimento e o fabrico de armas avançadas. Não gostava muito de lembrar em que condições foram feitas: os V-2 foram construídos na fábrica Mittelwerk, suprida com o trabalho do campo de concentração Mittelbau-Dora. Eram principalmente eslavos, que trabalhavam no subterrâneo, até a morte. 20 mil prisioneiros pereceriam no processo: mais que o dobro que as 9 mil vítimas do V-2. Von Braun admitiu considerar as condições do campo "deploráveis", mas disse ter se sentido impotente para mudar qualquer coisa. As vítimas não confirmam: Guy Morand, um membro da Resistência Francesa, testemunhou que o cientista pessoalmente ordenou um açoitamento. Outro sobrevivente, Adam Cabala, falou da completa indiferença do cientista, agindo como se estivesse numa empresa, não se abalando nem ao passear entre corpos.

11 O ESTUPRO DA ALEMANHA

As agressões sexuais se tornaram rotina assim que os soldados soviéticos chegaram. Mas Aliados ocidentais também cometeram atrocidades contra as "inimigas".

O lado sombrio dos Aliados | Por Tiago Cordeiro

EM MAIO DE 1945, Berlim estava em ruínas. Com ruas e edifícios no chão, o fornecimento de energia elétrica e de água era irregular e não havia comércio ativo. Para comer, era preciso recorrer ao mercado negro. A população tinha despencado de 4,3 milhões para 2,8 milhões. Havia pouquíssimos homens adultos na cidade – estavam presos pelos Aliados ou mortos, para sempre esquecidos numa vala ou em campo aberto.

As vivas pagaram pelos crimes dos mortos. As mulheres se tornaram alvo dos soldados soviéticos que tomaram a capital alemã. Os estupros em massa aconteciam principalmente à noite, e as vítimas podiam ser adolescentes, adultas ou idosas. Muitos dos soldados que agrediam sexualmente as moradoras da cidade diziam que já tinham visto soldados alemães fazerem o mesmo em suas terras. Nem sempre era por meio de violência: aceitar ser abusada por um único soldado, que garantisse proteção e fornecesse comida, aumentava as chances de sobrevivência e reduzia os riscos de sofrer estupros coletivos.

Esse foi o cenário retratado pela jornalista alemã Marta Hillers em suas memórias. Batizado *Uma Mulher em Berlim*, o livro provocou escândalo ao ser publicado, anonimamente, nos Estados Unidos em 1954 e na Alemanha em 1959. O nome da autora só foi apontado por uma editora que trabalhou na republicação em 2003, dois anos depois da morte de Marta.

A situação que ela descreveu é coerente com outros relatos, que vieram à tona, devagar, com o passar dos anos – a jornalista conta em seu livro que, num primeiro momento, na medida em que os homens voltaram a Berlim, suas esposas, filhas e mães optaram por manter silêncio sobre os estupros. Gabriele Köpp, por exemplo, foi atacada por 14 dias consecutivos, quando tinha 15 anos, e só ao completar 80 anos lançou um livro *(Warum war ich bloss ein Mädchen?*, alemão para "Por Que eu Tinha que Ser uma Garota?").

Os registros do oficial soviético Vladimir Gelfand, que manteve um diário desde 1941, corroboram a versão das mulheres alemãs, ainda que o governo russo negue ainda hoje que os ataques tenham se tornado rotina na região ocupada.

PRÁTICA DISSEMINADA

Os ataques foram constantes nos três anos que se seguiram à ocupação, até que a situação se estabilizou e os militares dos Aliados passaram a agir a partir de postos isolados. A situação na capital alemã foi especialmente dramática, mas o fato é que militares do Eixo e dos Aliados estupraram mulheres por onde passaram.

Ao longo de todo o caminho da França até a Alemanha e a Áustria, grupos de militares americanos, britânicos, australianos, canadenses e franceses (esses em particular, por raiva da ocupação alemã) se reuniam para invadir casas e realizar estupros coletivos, a ponto de o comando do Exército dos Estados Unidos divulgar um lema eufemístico, que dava a entender que o sexo com as estrangeiras não estava sendo voluntário: "copular sem conversar não é fraternizar".

E há os brasileiros. Dez casos foram relatados na campanha da FEB. O mais horrendo e notório envolvendo os soldados gaúchos Adão Damasceno Paz e Luiz Bernardo de Morais. Em 9 de janeiro de 1945, eles perseguiram pela rua Giovanna Margelli, de 15 anos. Beberam vinho na cidade e, segundo disseram, foram convidados a entrar na casa à noite. À mesa com a família, Adão sugeriu "pegar a mulher no escuro" e atirou na lamparina. Giovanna foi agarrada e o resto da famíla fugiu. Luiz Bernardo se postou à porta armado enquanto Adão cometia o estupro. Quando um tio da adolescente se aproximou, Luiz o matou a tiros. Então se revezaram.

Num tribunal militar, Paz e Morais foram condenados à morte – pelo assassinato do tio, não pelo estupro. O clima na volta da FEB, porém, era de celebração e eles seriam o único caso de execução no Brasil desde o Império. Vargas decidiu dar indulto a eles.

12 TECNOLOGIA

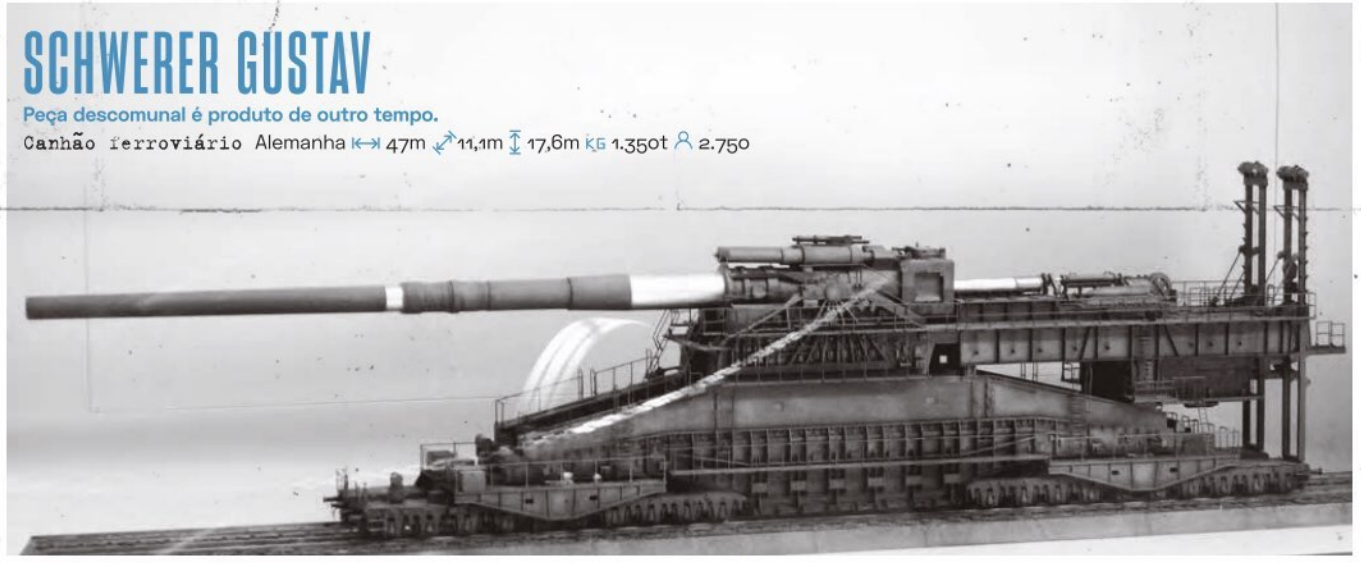
Maravilhas desconhecidas, desastres experimentais e outros equipamentos exóticos desenvolvidos pelos participantes do confronto.

Por Fábio Marton

SCHWERER GUSTAV

Peça descomunal é produto de outro tempo.

Canhão ferroviário Alemanha 47m 11,1m 17,6m 1.350t 2.750



Projétil 3,6m : 80 cm 7.100Kg (penetrante) 4.800 kg(explosivo) 38 km / 47 km

O MAIOR CANHÃO já feito e usado na guerra - e só não podemos dizer o maior canhão, ponto, por outra invenção alemã, o V3 *(leia mais na próxima página)*. Para que servia isso? Não muito. Era uma ideia antiquada a ser usada contra outra ideia antiquada: a Linha Maginot *(leia mais na pág. 60)*.

Os franceses, famosamente, criaram a mais potente série de fortificações jamais vista, na fronteira com a Alemanha, para impedir uma invasão como na Primeira Guerra. No fim das contas, os alemães simplesmente deram a volta e invadiram pela bem menos defendida fronteira com a Bélgica. Concebidos em 1936, antes de a própria Linha Maginot ser concluída, os supercanhões Gustav e Dora só ficaram prontos em 1941, mais de um ano após Paris ter caído. Eram canhões ferroviários, que exigiam dois trilhos paralelos para mover seu carro de 80 rodas. Com seu projétil de 7.100 kg, 80 cm de calibre, e um alcance de até 47 km, só podiam apontar para frente, ou o recuo os faria tombar de lado. Assim, os trilhos eram dispostos em curvas para permitir atirar em outra direção.Uma tripulação de 250 soldados era necessária para montar o canhão, ao longo de três dias, mais 2.500 para pôr os trilhos. Incluindo proteção antiaérea, o total chegou a 4.500 soldados.

Sem cumprir seu uso original, na Linha Maginot, o Gustav foi enviado ao Front Oriental, atuando, entre 5 e 17 de junho de 1942, no Cerco de Sebastopol. 48 tiros foram disparados, com sucesso, incluindo a destruição de um paiol de munições a 30 m de profundidade. Com esse uso, seu cano teve que ser mandado para recondicionamento. Seria posto em Leningrado no fim do ano, mas não daria mais nenhum tiro. Dora estaria presente no cerco de Stalingrado em agosto de 1942, mas não há registro de ter disparado.

Quando disparavam, os supercanhões faziam seu trabalho. Mas não fazia mais sentido usar uma artilharia tão custosa, e extremamente vulnerável a bombardeios, para atacar alvos que então já podiam ser destruídos por aviões.

Comprimento Calibre Largura/Envergadura Altura Diâmetro Velocidade máxima Tripulação Alcance

V-1

O menos lembrado.

Míssil de cruzeiro
Alemanha ↔ 8,32 m ↗ 5,37 m
↕ 1,42 m KG 2.150 kg 640 km/h
↗ 250 km 850 kg

Na época chamaram de bomba voadora, mas é o primeiro míssil de cruzeiro. Isto é, um míssil que voa, como um avião. Também é a única aeronave a usar um motor pulsojato, uma forma intermitente de combustão, que causava um ruído aterrador – daí ganhar o apelido de *buzzbomb*, "bomba zunido", dos britânicos. Era programado mecanicamente para voar em linha reta e mergulhar ao solo após determinada distância. Podia ser interceptado por caças, mas apenas os mais rápidos podiam acompanhá-lo e, mesmo assim, atirar causava uma explosão que podia destruir o caça. Os pilotos desenvolveram manobras exóticas, como dar um "totó" com as asas para desequilibrá-lo.

V-2

Nazistas no espaço.

Míssil balístico
Alemanha ↔ 14 m
↗ 1,65 m KG 12.500 kg
640 km/h - 5.760 km/h ↗ 320 km
1.000 kg

Se o V-1 dava chance e aviso, o 2 não tinha nada disso. Como que do nada, sem qualquer som e geralmente nada ser avistado, um quarteirão inteiro simplesmente ia pelos ares, levando consigo dezenas de pessoas. Isso porque, movendo-se a várias vezes a velocidade do som, o ruído só chegava depois dele. A segunda arma mais avançada de toda a guerra, depois das bombas atômicas, foi o primeiro foguete espacial, podendo atingir até 206 km de altitude (a altitude dos satélites mais baixos), mas se limitando a 80 km num voo típico. Clamaria 9 mil vidas.

V-3

Aquele que nunca atirou.

Canhão hipersônico
Alemanha ↔ 120 m
150 mm ↕ 165 m
Projétil ↔ 1,8 m
↗ 15 cm KG 78 kg

Imagine vários canhões disparando dentro do cano de um canhão maior. Uma série de tubos conectada diagonalmente, como ramos de uma árvore de Natal no tronco. O projétil passa pelo tubo principal e, ao encontrar cada cano secundário, uma nova carga explosiva é disparada nele, aumentando sua velocidade. Após 130 metros disso, você tem um projétil movendo-se a 4,4 vezes a velocidade do som, capaz de atingir um alvo a 165 km, como nenhuma outra artilharia convencional antes ou depois. Repita o processo, em vários outros tubos, 600 vezes por hora, contra Londres. Essa era a imagem na cabeça de Hitler quando insistiu, contra conselhos de diversos engenheiros militares, em investir na terceira arma da série V (de *Vergeltungswaffen*, "armas de retaliação", como as outras ao lado). A ideia do 3 era a mesma do 1 e do 2: achar um jeito de atacar o Reino Unido depois que a Alemanha havia perdido completamente a supremacia aérea e bombardeiros se tornaram suicídio. Uma imensa instalação, com 25 canhões V-3, foi construída na França, em Mimoyecques. E destruída antes que pudesse ser posta em operação por bombas-terremoto *(mais na pág. 41)* britânicas. Após o fracasso na França, os nazistas instalaram uma versão miniaturizada, com apenas dois canos de 50 m, apontada para Luxemburgo, ocupado pelos Aliados. Entre 11 de janeiro e 22 de fevereiro de 1945, o V-3 disparou 183 vezes contra a cidade, causando apenas dez baixas.

RUHUSTAHL SD 1400 FRITZ X

Um projeto do futuro.

Bomba inteligente Alemanha ↔ 3,32 m ↗ 1,4 m ↗ 85,3 cm 320 kg

A primeira bomba inteligente da história foi criada para superar o desafio de atingir navios em movimento a partir de um avião em movimento. Na época se usava um torpedo em linha reta, o que podia permitir manobras de evasão. A Fritz X funcionava por rádio controle. Ao ser lançada, o operador tinha que manter seus olhos na mira até atingir o alvo. O míssil soltava um rastro de fumaça, para ajudar o operador a ver aonde ele estava indo. Vários navios Aliados foram atingidos, e também o encouraçado italiano Roma, afundado para não cair em mãos Aliadas.

Ogiva KG Peso KG Peso máximo na decolagem

BLOHM & VOSS BV 238

Um colosso antiquado.

Transporte e bombardeiro
Alemanha 45,35 m
60,17 m 12,8 m
100.000 kg
425 km/h 12

O título de maior avião da Segunda Guerra não fica com o B-29 americano, um monstro que podia tirar do chão 60 toneladas. Fica com uma máquina que acabou por ser completamente irrelevante. O descomunal BV-238 foi uma versão *supersized* do já gigantesco navio voador BV-222 Wiking, de 50 toneladas de peso máximo na decolagem. Basicamente, levantaria o dobro do peso. O 238 teve vida curta e nunca entrou em ação: começou os testes em abril de 1944, quando a guerra entrava nos finalmentes para a Alemanha e teve dois "irmãos" encomendados, mas nunca concluídos. Avistado no lago de Schaal, perto de Hamburgo, foi destruído por dois P-51 Mustang americanos em setembro de 1944. Achava-se que seria usado por Hitler para fugir para a América do Sul. Talvez.

MESSERSCHMITT ME 321

Um gigante sem motor.

Planador de carga
Alemanha 28,15 m
55 m 10,15 m 34.400 kg
180 km/h 3

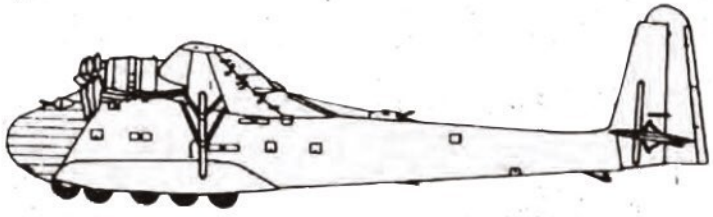
Uma máquina capaz de carregar 34 toneladas não é o que as pessoas têm na cabeça hoje ao pensar em "planador", mas foi o que a Alemanha nazista (e os Aliados, com modelos menores) consideraram a opção mais econômica para levar material para o front. O Gigant, seu apelido oficial, foi pensado para a invasão da Grã-Bretanha, que nunca aconteceu. Seria então usado na União Soviética, particularmente na Batalha de Stalingrado. Vários seriam reformados, recebendo motores *(veja ao lado)*.

HEINKEL HE 111Z

Dois em um.

Reboque aéreo para planador
Alemanha 16,7 m
35,2 m 4 m 28.375 kg
477 km/h 7

Duas fuselagens de bombardeiros médios He-111 soldadas para criar um avião maior, com cinco motores, capaz de fazer decolar o elefântico planador Me-321 Gigant *(abaixo, à esquerda)*. Os controles ficavam na fuselagem da direita. A outra tinha que carregar um mecânico e operador de armas adicional. Gambiarra, mas funcionou: os pilotos gostaram, e versões de bombardeiro e reconhecimento foram projetadas. Nunca saíram da prancheta.



MESSERSCHMITT ME 323

A mais gigantesca gambiarra.

Transporte
Alemanha 28,2 m 55,2 m 10,15 m 43.000 kg 285 km/h 5

Foi o maior transporte da Segunda Guerra, uma versão motorizada do planador Me 321, e também chamado de Gigant. Voava tão bem quanto dá para imaginar vendo a imagem acima: uma banheira pouco aerodinâmica. Mesmo os seis motores não eram suficientes para mover o planador convertido de forma eficiente. A velocidade de cruzeiro ficava nos 218 km/h. Isso também limitava o alcance a no máximo 1.200 km. Ainda assim, foi o burro de carga da campanha de Rommel no Norte da África.

Comprimento Calibre Largura/Envergadura Altura Diâmetro Velocidade máxima Tripulação Alcance

MESSERSCHMITT ME-163

Uma das armas mais exóticas dos nazistas.

Caça a foguete Alemanha 5,7 m 9,3 m 2,5 m 4.309 kg 1.130 km/h 1

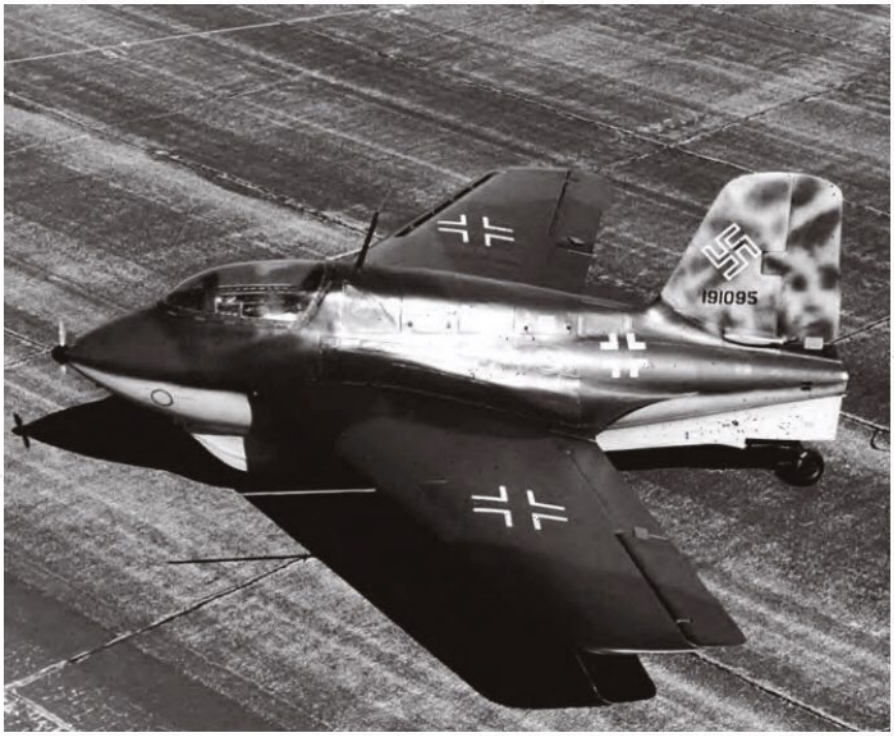
TALVEZ O PROJETO de avião mais radical a entrar em produção: um microcaça a foguete que atingiu, num teste, 1.130 km/h – recorde que só seria superado por Chuck Yeagger no primeiro supersônico da história, o X-1, em 1947. Sua cauda era incompleta e, por seu tamanho reduzido, não era capaz de portar as rodas de decolagem. Elas eram descartadas no ar e o avião tinha que pousar sem rodas, sobre um trenó metálico retrátil. Mais um detalhe: as asas eram feitas de madeira.

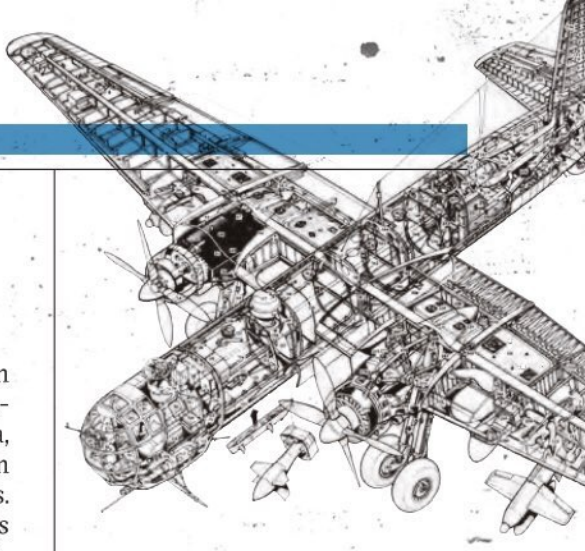
O 163 ascendia quase na vertical, a incríveis 81 m/s – quatro vezes mais que os aviões mais potentes na subida de então, inclusive jatos. Levava 2 minutos para alcançar os 9.000 m nos quais operavam os grandes bombardeiros Aliados. Disparava uma primeira vez, então ultrapassava o alvo, chegando a 12.000 m, para fazer o mergulho para um segundo ataque, quando atingia sua velocidade máxima. Depois disso, era voltar à base planando. A carga do motor a foguete só durava 5 minutos.

Mais um detalhe precário e com um lado meio cômico: o avião não era pressurizado. Numa subida tão vertiginosa, os gases do intestino se expandem, com resultados no mínimo constrangedores. Para controlar o gasoso problema, os pilotos faziam uma dieta pobre em fibras alguns dias antes de decolar.

A incrível gambiarra era quase impossível de interceptar em velocidade plena, mas ficava vulnerável quando acabava a curta carga do motor e tinha que planar, e também na pista, porque, sem rodas, ficava parado até chegar o tratorzinho para rebocá-lo ao hangar.

A outra dificuldade operacional com o 163 era funcionar bem demais. Na velocidade em que atacava, havia muito pouco tempo para disparar contra os adversários antes de perdê-los de vista. Somente pilotos muito experientes conseguiam aproveitar essa janela mínima. Entre maio de 1944, quando foram introduzidos, e o fim da guerra, os mais de 300 Me 163 derrubaram apenas entre 9 e 18 aviões Aliados.





HEINKEL HE 177

O bombardeiro que o Ocidente não viu.

Bombardeiro pesado
Alemanha 22 m 31,44 m 6,67 m
32.000 kg 565 km/h 6

Contrário à percepção popular, os alemães na verdade tinham um bombardeiro pesado comparável aos americanos e britânicos, e o tinham em números: 1.169 unidades construídas. O 177 combinava o grau de proteção do B-17 Flying Fortress americano, com sete armas defensivas (o B-17 tinha nove), e a capacidade de carga do Avro Lancaster britânico, até 7 toneladas de bombas (o Lancaster levava 6.400, exceto pela versão modificada para a Grand Slam, *pág. 40*). Era também bem mais rápido que ambos: 565 km/h versus 462 km/h do B-17 e 454 km/h do Lancaster. Pena que se destruía sozinho. O problema veio da ambição do projeto: os dois motores gigantes, sobrecarregados, podiam se incendiar. Ganhou o apelido de *Reichsfeuerzeug*, o "isqueiro do Reich". A estrutura geral do avião, derivada de uma irreal ideia de criar um bombardeiro gigante de mergulho, isto é, um que dispara apontando para o solo, era frágil, com pilotos frustrados que um bombardeiro pesado tinha que ser controlado "como se fosse de vidro". Mesmo assim, viu bastante ação, e só não é mais famoso porque foi pouco avistado no Front Ocidental. Seu emprego foi principalmente contra os soviéticos.

Ogiva KG Peso KG Peso máximo na decolagem

Canal Único PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

MISTEL

Trabalho de reciclagem.

Avião-bomba parasita
Alemanha

O único projeto "kamikaze" alemão a entrar em ação era um bombardeiro leve Ju-88 carregado com duas toneladas de explosivos (quatro vezes a carga típica de um kamikaze japonês). Ele decolava com um caça Bf 109 ou Fw 190 preso em cima, ligado por cabos de forma que o piloto do avião menor pudesse controlar o maior. Ao avistar o alvo, o avião-bomba era apontado para o alvo e desacoplado. Seguia reto, por piloto automático, até seu final. Entre 1943 e o fim da guerra, os alemães construíram 250 Mistels – o nome vem de "visco" em alemão, uma erva parasita, como o caça parasita que guiava o bombardeiro sacrificado. Os resultados foram bem menos impactantes que a campanha de kamikazes japoneses. A única ação com vítimas fatais foi o ataque à fragata HMS Nith, em 24 de junho de 1944, que não afundou, mas teve nove mortos pela explosão próxima. No fim da guerra, foram usados contra os soviéticos, tentando parar seus esforços de construir pontes para a invasão da Alemanha. O resultado foi meros empecilhos temporários.

BLOHM AND VOSS BV-141

O avião mais torto da história.

Aeronave de reconhecimento
Alemanha ↔ 13,95 m ↗ 17,45 m ↕ 3,6 m ⚖ 6.100 kg 368 km/h 3

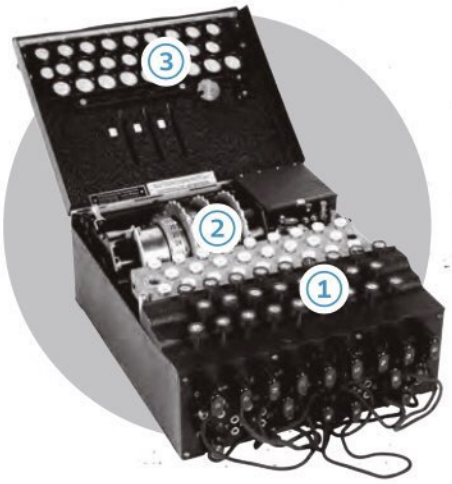
Em 1937, o Ministério da Aeronáutica da Alemanha lançou uma concorrência para um novo avião de reconhecimento. Os pré-requisitos eram ter o maior campo de visão possível e ser um monomotor – o que tornava o projeto difícil, pois o motor na frente era um enorme obstáculo para a visão. A solução encontrada pelo engenheiro Richard Vogt foi mais que radical: ele simplesmente botou o piloto fora do avião, em uma nacela no meio da asa, terminando com um avião com uma asa maior que a outra e uma cauda com um lado só. Como essa engenhoca voava? Melhor que os outros. Todo avião monomotor é "torto": o giro da hélice (torque) faz ele tender a girar na direção contrária. Mas a nacela exterior compensava por isso, e o 141 era mais estável.

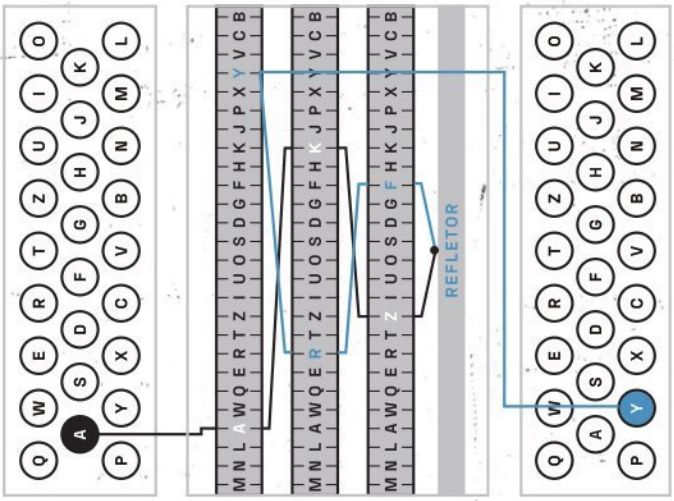
↔ Comprimento Calibre ↗ Largura/Envergadura ↕ Altura Diâmetro Velocidade máxima Tripulação Alcance

COMO FUNCIONAVA A ENIGMA?

E por que deu tanto trabalho decifrá-la?

Criptografia Alemanha





1 Uma letra da mensagem é apertada no teclado, iniciando uma conexão elétrica.

2 A conexão faz vários desvios por meio dos discos embaralhadores da máquina, num caminho complexo de ida e volta.

3 A letra correspondente no código é acesa para ser copiada manualmente. Os discos se movem uma posição.

FUNCIONAVA ASSIM: você apertava uma letra e uma lâmpada com outra letra se acendia acima da máquina. Aí alguém - provavelmente um assistente, não quem teclava - tinha que anotar num papel ou máquina de escrever. Se essa mensagem cifrada fosse digitada em outra máquina, a sequência seria a original, legível.

Exteriormente, era só isso, uma máquina de trocar letras. Que os Aliados, aliás, já conheciam de antes da guerra, pois era vendida comercialmente. E capturaram vários modelos modificados durante a guerra.

Ainda assim, precisaram de um trabalho hercúleo para decifrá-la. Pela forma como funcionava: uma corrente elétrica, ativada pela letra digitada, corria por uma série de rolos que embaralhavam o sinal, por um caminho complicado *(veja acima)* que terminava em outra letra. A cada letra digitada, os rolos mudavam de posição, de forma que a mesma letra não daria o mesmo resultado se digitada duas vezes. No fim das contas, mesmo tendo a mesma máquina, só seria possível decifrá-la se você conhecesse a configuração inicial dos rolos - o código - antes de usá-la.

Mas havia uma falha grave: as máquinas Enigma tinham limitações nas combinações possíveis, não importa a configuração. E isso foi usado pelos Aliados para derrotar a máquina, com a ajuda da Bombe, criada pelo matemático Alan Turing, e depois os Colossus, primeiros computadores modernos. Com isso, as comunicações dos nazistas ficaram comprometidas, sem que eles sequer desconfiassem, permitindo múltiplos subterfúgios dos Aliados.

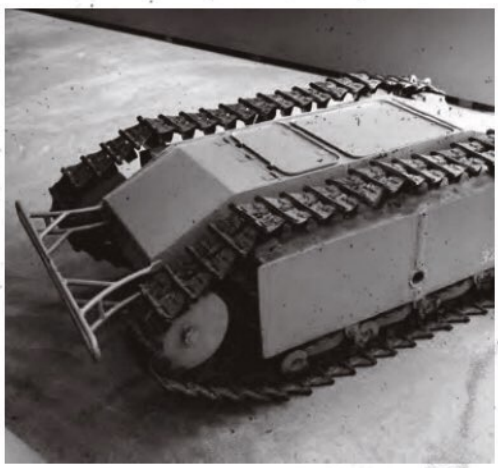
GOLIATH

Projeto radical tinha várias falhas.

Mina remoto-controlada

Alemanha ↔ 1,5 m ↕ 0,85 m ↕ 0,56 m KG 370 kg 9,7 km/h

Não dá para negar que haja algo de carismático no que parece ser um tanque de brinquedo. Mas, quando cumpria sua missão, tinha um resultado devastador: a mina Goliath ("Golias") era controlada por um cabo de 650 metros por tripulações de tanques. Levava, em sua versão maior, 100 kg de explosivos de alta capacidade, capazes de destruir um tanque inimigo, uma casa ou dezenas de soldados em campo aberto. Foram usadas contra os poloneses no Levante de Varsóvia, em 1944, e estavam presentes no Dia D. Nesse último caso, não foram muito úteis: tiros de artilharia cortaram os cabos que os ligavam a seus controles-remotos. Na maior parte das fotos, os Aliados, de fato, parecem estar as tratando como um brinquedão.



Ogiva KG Peso KG Peso máximo na decolagem

YOKOSUKA MXY-7 OHKA

O avião do kamikaze.

Míssil tripulado Japão ↔ 6 m ↗ 5,12 m ↕ 1,16 m
KG 2.140 kg 926 km/h 1

Nenhum sistema de controle remoto da Segunda Guerra tinha precisão comparável à de um piloto. O Ohka foi a única arma especificamente empregada para ataques suicidas aéreos. Portando uma ogiva de 1.200 kg, maior que a de um foguete V-2 alemão, era basicamente um míssil de cruzeiro com uma pessoa dentro. Atingindo 926 km/h no seu mergulho final, também era impossível de interceptar. Mas tinha uma grave falha: seu alcance curto (37 km) obrigava a levá-lo num lento bombardeiro até perto do inimigo. O bombardeiro era alvo fácil para caças americanos.

FU-GO

E o vento levou.

Balão-bomba Japão

Um balão de hidrogênio com uma bomba, solto ao vento. Essa foi a primeira arma intercontinental da história, um sonho perseguido sem sucesso pela Alemanha. Os japoneses lançaram 9.300 balões Fu-Go ("Código Arma") ao ar, esperando pelo melhor. 300 chegaram lá, mas a maioria caiu em áreas inabitadas. Só um atingiu humanos, causando seis mortes de civis.

BOMBA DE PULGAS

Genocídio contra a China.

Arma biológica Japão

Não, não é engraçado. O Japão matou até 500 mil chineses – mais que o dobro de Hiroshima e Nagasaki combinadas – com insetos contaminados. Eles eram derrubados em bombas tipo Ishii (do general Shiro Ishiii, o líder da divisão de pesquisas com armas biológicas, a Unidade 731). As bombas eram complexos invólucros de cerâmica com uma cauda estabilizadora de metal, que soltavam sua carga no ar.

CLASSE I-400

O maior de toda a guerra.

Porta-aviões submarino Japão ↔ 122 m ↗ 12 m
↕ 7 m KG 6.560 t 36,4 km/h / 12 km/h (submerso) 144

UM SUBMARINO QUE é um porta-aviões. A ideia não surgiu no Japão, mas o país seria o único na história a pô-la em prática. Havia 42 submarinos portando aviões no país e de um deles partiram os poucos ataques aéreos aos EUA continentais. O maior deles, os Lookout Air Raids, com os quais os japoneses tentaram incendiar florestas no Oregon, entre 9 e 29 de setembro de 1942.

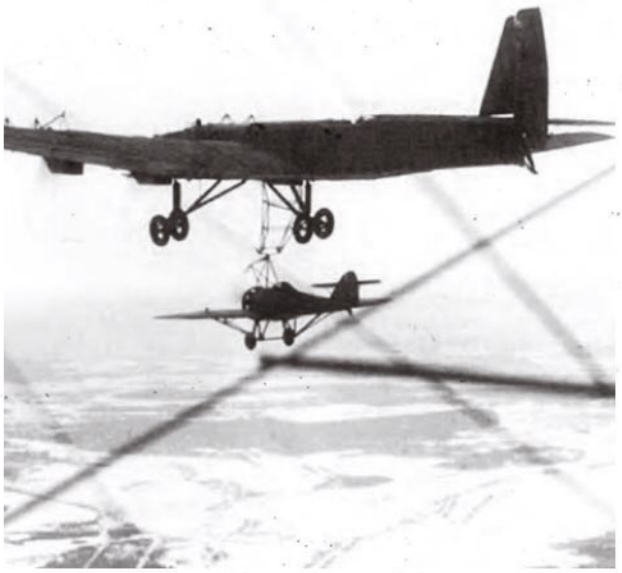
Na prática, era uma coisa bem limitada: um submarino japonês típico levava só um avião, alguns dois, e os maiores de todos, os I-400, três. Um porta-aviões da classe Essex podia levar 100 aviões.

Com 122 metros de comprimento e 6.560 toneladas, os três I-400, de cuja existência os americanos não desconfiavam até o fim do conflito, foram os maiores submarinos da Segunda Guerra. Portavam três aviões especialmente desenvolvidos para eles, os Aichi M6A Seiran.

O avião não era lá tudo isso: como não havia pista de pouso no submarino, tinha que ser um hidroavião, pouco aerodinâmico e por isso lento, para pousar na água e ser recolhido.

A Marinha Imperial Japonesa tinha grandes planos para os I-400. Duas missões foram programadas para setembro de 1945: uma, atacar a cidade de San Diego com armas biológicas, podendo causar a morte de dezenas de milhares. A outra, destruir o Canal do Panamá.

↔ Comprimento Calibre ↗ Largura/Envergadura ↕ Altura Diâmetro Velocidade máxima Tripulação Alcance



ZVENO-SPB

A nave-mãe de Stalin.

Esquadrilha parasita
União Soviética

Se os japoneses foram de porta-aviões submarinos, os russos preferiram tentar o porta-aviões aéreo. O projeto Zveno ("esquadrilha") consistia num bombardeiro TB-1 ou TB-3 e até cinco caças. Na versão que entrou em combate, um TB-3 com dois Polikarpov I-16. Podiam decolar juntos ou se acoplar no ar. Chegando ao local de ataque, os caças se desatrelavam do bombardeiro e davam escolta ou cumpriam missões próprias, como ataques direcionados. Dependendo da distância da missão, voltavam então sozinhos ou se atrelavam novamente. Parece exótico, mas era uma solução brilhante para um problema universal da época: caças, diferente de bombardeiros, não tinham capacidade de combustível para voar até um alvo a milhares de quilômetros. Bombardeiros, sem os caças, ficavam vulneráveis a ataques inimigos. Melhor ainda: o bombardeiro, decolando com o poder dos motores dos caças, podia sair mais pesado, carregando mais bombas e combustível. O Zveno cumpriu 30 missões com sucesso, mas acabou aposentado em 1942, porque tanto a "nave-mãe" quanto os caças ficaram obsoletos e não foi possível adaptar o projeto a outros modelos. O problema da escolta persistiria pela guerra, com bombardeiros hiper-armados com torretas defensivas, voos noturnos, caças pesados (inferiores em combate) e, finalmente, caças especializados, como o P-51 Mustang, como saída. A ideia de nave-mãe foi estudada depois da guerra, mas o desenvolvimento do reabastecimento no ar tornou-a obsoleta.

TELETANK

Futurista demais.

Tanque não tripulado
União Soviética

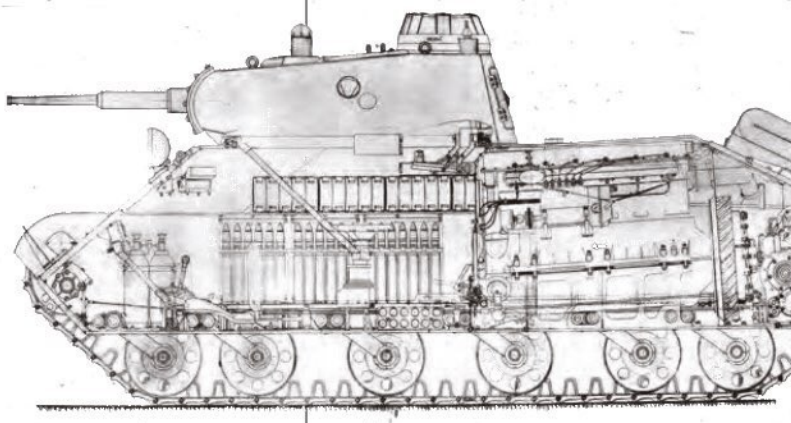
Um tanque de controle remoto, comandado de outro tanque a até 1,5 km. Podia ser usado para liberar cortinas de fumaça, soltar bombas próximo a fortificações inimigas, disparar com metralhadoras ou lança-chamas. Só dois foram usados no começo da guerra e logo abandonados. Era uma ideia excessivamente futurista, pois os tanques não tinham câmeras de televisão. O tanque era cego. Os soviéticos estavam desenvolvendo uma solução, mas a Alemanha invadiu antes.

KATYUSHA

Simples e brilhante.

Bateria de mísseis
União Soviética

A Alemanha nazista saiu na frente em foguetes. Tendo estudado a tecnologia criada nos EUA por Robert Goddard, subestimada no próprio país, ela entrou na guerra com a União Soviética com a bateria de foguetes fixa Nebelwerfer. A Rússia respondeu com a ideia mais simples do mundo: criou suas baterias, mas em cima de caminhões. A "Catarininha", batizada em homenagem a uma música tradicional russa, foi uma revolução: podia atacar e bater em retirada imediata, sem que os alemães pudessem responder.



CACHORRO BOMBA

Uma ideia duplamente impopular.

Arma suicida
União Soviética

Um cachorro treinado para se esconder embaixo de um tanque ao comando. Com uma bomba amarrada nele. Cruel? Muito. Eficiente? Nada. Os soviéticos treinaram os cachorros para entrar debaixo de seus tanques, movidos a diesel. Os tanques alemães eram movidos a gasolina. Cães são guiados pelo cheiro. Faça as contas. As pobres Laikas corriam para debaixo dos tanques soviéticos. Isso quando atacavam qualquer tanque. Às vezes simplesmente corriam de volta para seus treinadores, com bomba armada. Que eram obrigados a matar o bicho a tiros. Não é difícil entender por que os soldados do Exército Vermelho abominaram a ideia.

Ogiva KG Peso KG Peso máximo na decolagem

MAIALE

Cavalgando o torpedo.

Torpedo humano Itália ⇹ 5 m ⌀ 91 cm ↕ 91 m
KG 1.000 kg 4,5 nós (8,3 km/h) 2 300 kg

MONTAR NUM TORPEDO: essa foi a solução que a Itália encontrou para sua inferioridade naval no Mediterrâneo, num projeto que começou bem antes da guerra, em 1935. Oficialmente chamado Siluro a Lenta Corsa ("torpedo lento"), ganhou o apelido de Maiale ("porco") pelos homens-rã que o operavam, dada sua lentidão e falta de manobrabilidade. Apesar do nome, não era uma arma suicida: a ogiva era destacável e magnética. Quando chegavam aos alvos, sem nunca emergir, os tripulantes a prendiam no navio inimigo, ativando seu temporizador de 2 horas. Montavam de volta no torpedo e retornavam ao submarino do qual haviam sido disparados. Deu certo: o torpedo humano resolvia a imprecisão dos torpedos convencionais e o enorme risco aos submarinos quando tinham que revelar sua posição para atacar. Em 19 de dezembro de 1941, três Maiales afundariam os grandes encouraçados britânicos HMS Valiant and HMS Queen Elizabeth. Foi o suficiente para os britânicos imitarem a ideia, criando no ano seguinte o Chariot, seu próprio torpedo humano. Os alemães também adotaram, inventando o Neger – que, diferente do Maiale e do Chariot, tinha um torpedo comum preso a ele. Que tinha a tendência horrenda a não se destacar na hora do ataque, levando seu operador junto consigo para a morte. Quanto ao Japão, adotou a ideia de seu próprio jeito: o Kaiten era um literal torpedo tripulado kamikaze, que obteve vários sucessos, como seus parceiros aéreos. O torpedo humano continua aí, aliás. Qualquer propulsor de mergulho (o *sea scooter*) é basicamente um torpedo humano moderno.

HOBART'S FUNNIES

Corrida Maluca de tanques.

Blindados de utilidade Reino Unido

O homenageado pela ideia foi o major-general Percy Hobart, líder do Corpo dos Engenheiros Reais, e os "divertidos do Hobbart" eram tanques especializados de engenharia, adaptados de diversos modelos britânicos, como os tanques Churchill e Matilda, ou o americano M4 Sherman. A ideia era superar os diversos desafios impostos pela invasão anfíbia do Dia D. Missão que cumpriram com louvor, abrindo caminho para veículos militares de engenharia modernos, geralmente desenhados da prancheta, não adaptados a tanques.

Mangual

O nome *(flail* no original) vem da arma medieval formada por uma bola numa corrente. Os Sherman Crab, Matildas Scorpion e Baron, Churchill Toad eram equipados com rolos com correntes com bola na ponta, que giravam, atingindo o solo violentamente. A ideia era detonar todas as minas terrestres no caminho, sobrevivendo. O que, de fato, faziam.

Crocodile

Um tanque Churchill com um lança-chamas, com 140 m de alcance, em adição a seu canhão de 75 mm padrão. A função era desentocar alemães de suas defesas na praia. Era uma formidável ferramenta psicológica. A mera visão do fogo fazia os alemães saírem correndo e se renderem.

DD Tank

O Double Drive ("dupla propulsão") era um Sherman americano dotado de flutuadores e uma hélice subaquática. Os soldados os apelidaram de Donald Duck. No Dia D, eram lançados a até 3,6 km da praia. A maioria chegou à costa para fazer seu trabalho, mas ondas revoltas afundaram dezenas em Omaha.

⇹ Comprimento Calibre ⤢ Largura/Envergadura ↕ Altura ⌀ Diâmetro Velocidade máxima Tripulação Alcance

BOMBAS TERREMOTO

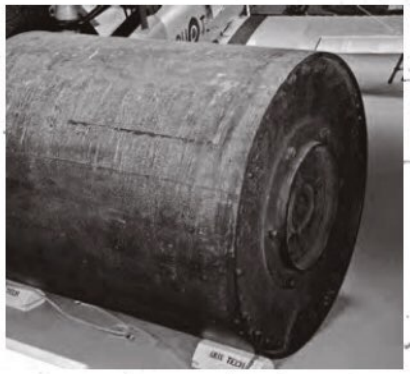
Uma grande saída para um problema profundo.

Munição especial Reino Unido ↔ 8,08 m ↗ 1,17 m KG 10.000 kg 4.144 kg Torpex D1

DO SEU BOMBARDEIRO Avro Lancaster, a equipe lança sua carga: uma gigantesca bomba, equivalente, em peso, a duas Fat Man de Nagasaki. Erram o alvo, abrindo um buraco alguns metros ao lado. A bomba explode embaixo da terra, sem causar dano aparente. Segundos depois, a estrutura inteira inimiga simplesmente desaba.

As bombas-terremoto britânicas vinham em duas versões: a Tallboy, estreando em 8 de junho de 1944, com 5.400 kg, já era a maior bomba derrubada de um avião, quando foi superada pela Grand Slam, nos finalmentes da campanha europeia, em 14 de março de 1945. Extremamente aerodinâmicas, as bombas eram lançadas de 5.500 m de altitude e aceleravam a quase a velocidade do som. Seu nariz era de aço reforçado, impedindo que explodissem ao impacto. Assim, penetravam até 40 metros no chão, ou 7 metros de concreto.

Se uma bomba terremoto explodisse dentro de um bunker, seu efeito era como a de uma convencional. O truque estava em "errar": quando ela penetrava no solo, criava uma caverna artificial *(camouflet)* que logo despencava sob seu próprio peso, desestabilizando catastroficamente as construções no entorno. Isso era o "terremoto" e o que derrubava as estruturas. Foi como um ataque conjunto de Grand Slams e Tallboys destruiu o viaduto de Bielefeld, em 14 de março de 1945, que ainda estava em pé após 3.500 toneladas de bombas comuns.



DAMBUSTER

A bomba que quica.

Munição especial Reino Unido

Os britânicos queriam destruir represas alemãs e, por sua estrutura ultrarresistente, isso só seria possível se atingidas pelo lado de dentro. Mas, dentro, havia redes antitorpedo protegendo a parede. Os ingleses se saíram com uma solução exótica: uma bomba que quica. As bombas Upkeep (ou *dambuster*, "arrebenta-represas") usadas na Operação Chastise, em 17 de maio de 1943, eram postas para rodar no sentido oposto ao movimento do avião. O resultado é que saltitavam sobre a superfície, por cima das redes, até atingir a parede. Duas represas foram destruídas assim e o resultado foram 1.600 vítimas.

UNROTATED PROJECTILE

A arma de Churchill.

Bateria antiaérea Reino Unido

Um foguete que solta uma bomba presa a um paraquedas. A ideia era criar um campo minado aéreo e saiu da cabeça de ninguém menos que Winston Churchill. Seriam usadas, mas sem grande sucesso. Não era difícil se desviar de um paraquedas tão visível. E Churchill veria numa demonstração prática o outro empecilho: o vento trouxe os paraquedas de volta ao navio. Felizmente, as bombas eram de festim.

Ogiva KG Peso KG Peso máximo na decolagem

CÓDIGO INDÍGENA

O jamais decifrado segredo dos Aliados.

Criptografia Estados Unidos

NA GUERRA, UMA ORDEM decifrada pelo inimigo pode significar o desastre para uma missão inteira. A Alemanha criou sua máquina Enigma, uma solução mecânica ultrassofisticada que os britânicos, ainda assim, decifraram, pela força da equipe do pioneiro dos computadores Alan Turing. Os americanos tinham algo mais eficiente, o que é, ainda hoje, o único código militar que nunca foi quebrado: índios.

Foram recrutados falantes das línguas lakota, meskwaki, mohawk (moicano), comanche, tlingit, hopi, cree e crow. Mas a que ocupou um lugar particularmente decisivo foram os navajos. Sua língua, extremamente complicada, não é inteligível nem aos falantes de línguas da mesma família. Em 1941, estimava-se que apenas 30 pessoas no planeta, fora os próprios navajos, fossem capaz de entender sua língua.

Comunicações de maior urgência ou menor grau de sigilo eram simplesmente faladas em dialetos indígenas. Mas havia também um código, extremamente simples, que consistia em usar palavras nas línguas indígenas para representar letras, por meio de sua tradução para o inglês. Em navajo, a palavra *moasi* significa gato, que em inglês é *cat*. Portanto, *moasi* era a letra C. *La-chah-eh*, cachorro, era a D, de *dog*.

Na batalha de Iwo Jima, seis navajos transmitiram 800 mensagens. O major Howard Connor, chefe das comunicações da 5a Divisão de Marines, principal combatente da batalha, afirmou que "sem os navajos, Iwo Jima jamais seria capturada".

WHO ME?

Não fui eu!

Espionagem Estados Unidos

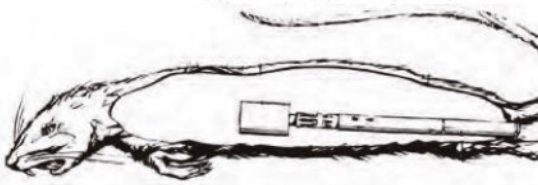
Empestear os nazistas até a derrota. A ideia era disparar com um tubo de spray um composto sulfuroso inofensivo, mas horrendamente fedido – a piada no nome faz referência a quando alguém solta um pum e diz "quem, eu?". O oficial atingido, repulsivo para todo mundo em volta, ficaria desmoralizado, ou mesmo uma reunião poderia ser cancelada assim. Um carregamento foi enviado para a Resistência Francesa, mas logo descobriram que o "agressor" terminava tão empesteado quanto o agredido. E fácil de encontrar.

RATO-BOMBA

Falhou, mas funcionou.

Espionagem Reino Unido

Suponha que você é um operador de caldeira, jogando carvão com uma pá para manter o fogo vivo. Então encontra um rato morto na sala. O que faz? O gesto mais natural é jogá-lo no fogo, e foi pensando nisso que os britânicos inventaram ratos mortos com explosivos escondidos. A explosão do rato em si seria minúscula, mas causaria a explosão da caldeira – de um navio, de uma fábrica, de um trem –, que é catastroficamente potente. A ideia teve fôlego curto: um carregamento com 100 ratos-bomba destinado à Resistência Francesa foi capturado em 1942. Os alemães passaram a transmitir ordens de jamais jogar ratos em caldeiras e continuaram a procurar obsessivamente por ratos mortos. O projeto foi cancelado, mas, pelo tempo perdido pelos alemães, considerado um sucesso.



Comprimento Calibre Largura/Envergadura Altura Diâmetro Velocidade máxima Tripulação Alcance

OPERAÇÕES APHRODITE E ANVIL

O projeto quase kamikaze dos EUA.

Drones explosivos Estados Unidos

OS JAPONESES TINHAM os kamikazes. Os alemães inventaram o Mistel *(pág. 38)*. Os americanos também fizeram sua tentativa: seu primeiro drone de ataque. Já chamavam de drone, inclusive – e também "robô", "bebê" e "Willy Cansado". E era um plano mais pretensioso que o da competição: a ideia era entupir bombardeiros pesados B-17 Flying Fortress e PB4Y (versão naval do B-24 Liberator) com explosivo Torpex, 50% mais potente que TNT. Isso era feito removendo assentos, rádio, blindagem, armas defensivas, tudo o que não fosse minimamente essencial, podendo assim carregar o dobro de uma carga regular de bombas. No total, 13,6 toneladas de explosivo, mais que o dobro das maiores bombas até então usadas.

O drone decolava tripulado, e então, atingindo a altitude adequada, ainda sobre solo amigo, o piloto e o copiloto armavam os explosivos e saltavam. O controle então passava a ser feito por rádio, de outro bombardeiro próximo, que o guiava a colidir com o alvo.

No primeiro ataque, em 4 de agosto de 1944, foram quatro aviões. Em um deles, a tripulação saltou com sucesso, mas a aeronave imediatamente entrou em parafuso, caindo no mar. No outro, o piloto morreu por saltar cedo demais e o avião atingiu a vila de Sudbourne, na Inglaterra. O terceiro explodiu no campo, em Oxford, destruindo 8 mil m², matando o engenheiro de voo. O único que chegou a atravessar o Canal da Mancha foi direcionado ao alvo, como planejado, mas caiu a 500 metros dele, atingido por fogo antiaéreo.

Nos demais voos, resultados semelhantes. O segundo teve dois aviões perdendo o controle, um deles voando carregado sobre a cidade de Ippswitch antes de cair no mar. O terceiro foi abatido. E assim até o fim do programa, com a perda de uma quase celebridade, Joseph P. Kennedy Jr., irmão do futuro presidente John Kennedy, cujo avião explodiu prematuramente no ar. Saldo final: 14 missões, sete mortes americanas, zero alemã.

B-32 DOMINATOR

O primo pobre do B-29.

Bombardeiro pesado

Estados Unidos ↦ 25,03 m ⤢ 41,16 m ↕ 9,81 m KG 56.023 kg 575 km/h 10

O último avião Aliado a ver combate – e o último no qual morreram Aliados – é um obscuro fiasco que já era obsoleto ao entrar em ação. O B-32 surgiu como um plano B caso o ultratecnológico B-29, o avião de Hiroshima e Nagasaki, não desse certo. É basicamente uma versão crescida do B-24 Liberator. Era para, como o B-29, ter vários avanços, mas nada deu certo e o que foi entregue foi um bombardeiro grande, mas com nada de especial. A missão letal foi em 18 de agosto, três dias após a rendição do Japão. Dois B-32 decolaram para uma missão de reconhecimento. Foram interceptados por uma esquadrilha dos japoneses, receosos de um novo ataque. Nenhum foi derrubado, mas o fotógrafo, o sargento Anthony Marchione, morreria por um disparo japonês.

Ogiva KG Peso KG Peso máximo na decolagem

13 VISÕES

Ideias mirabolantes que soavam devastadoras no papel e que dele nunca saíram, não tiveram chance de ser postas em prática – ou foram, com resultados desastrosos. A grande maioria vem da Alemanha. Quem está perdendo é quem precisa ser criativo.

Por Fábio Marton

AMERIKA BOMBER

O projeto de vencer a "arrogância" do Tio Sam podia ter funcionado, mas a realidade se impôs.

A IDEIA É A MAIS óbvia possível: criar um bombardeiro capaz de chegar aos Estados Unidos. E começou antes da guerra: em 1938, o líder da Aeronáutica nazista, Herman Göring, já havia anunciado em público que desejava um avião capaz de levar 4,5 toneladas de bombas até Nova York, ida e volta. Que isso iria "fechar a boca da arrogância do outro lado do mar".

O maior bombardeiro operacional da Alemanha, o He 177 *(pág. 35)*, não chegava nem perto: seu alcance máximo era 1.540 km. Entre Berlim e Nova York, são 6.360 km. Saindo da França ocupada, por volta de 5.500 km. O projeto, assim, foi lançado oficialmente em 27 de abril de 1942. O plano previa o ataque saindo do arquipélago Açores (os alemães ainda contavam com boas relações com os portugueses), a menor distância de um ponto ainda considerado parte da Europa – a 3.961 km de Nova York. Com isso, o interior dos EUA também ficaria acessível.

Da primeira versão do Amerikabomber, surgiram quatro projetos: o Messerschmitt Me 264 *(retratado acima, à esquerda)*, o Focke-Wulf Fw 300, o Focke-Wulf Ta 400, o Junkers Ju 390. O primeiro e o último foram os únicos a ganhar protótipos operacionais. Ambos máquinas formidáveis, comparáveis aos mais avançados bombardeiros Aliados – o 264 era até fisicamente parecido com um B-29. Ambos não indo adiante devido à falta de materiais conforme a Alemanha ia perdendo a guerra.

O projeto Amerikabomber também levou a ideias mais exóticas, que nunca saíram da prancheta. O Huckepack Projekt ("Projeto Carregando nas Costas"), no qual um bombardeiro pesado He 177 levaria um bombardeiro médio Do 217 em cima, separando-se no Atlântico. Sem combustível para voltar, o piloto do 217 saltaria no mar após o ataque, para ser recolhido por submarinos.Também foi cogitada uma versão gigante da já futurista asa-voadora a jato Ho-229. E um incrivelmente futurista bombardeiro orbital *(leia mais ao lado)*.

Comprimento · Calibre · Largura/Envergadura · Altura · Diâmetro · Velocidade máxima · Tripulação · Alcance

HORTEN H.XVIII

45 anos no futuro.

Asa voadora a jato
Alemanha ↔ 19 m ↗ 40 m
↕ 5,8 m KG 32.000 kg
820 km/h 3

Versão gigante do caça futurista Ho 229 *(próxima página)*, que ficou na prancheta. Se fosse construída, seria uma formidável ameaça: o formato reflete ondas de rádio, tornando a detecção por radar difícil, e sua velocidade o tornaria impossível de interceptar pelos caças a hélice. O B-2 americano é um herdeiro do conceito: os planos foram capturados pelos americanos na Operação Paperclip *(pág. 28)*. Em 1947, eles basicamente construíram o H.XVIII: foi o Northrop YB-49, candidato a bombardeiro atômico rejeitado em favor do B-36.

JUNKERS JU 390

Um colosso abandonado.

Bombardeiro pesado
Alemanha ↔ 34,2 m ↗ 50,32 m ↕ 6,88 m KG 75.000 kg
505 km/h 10

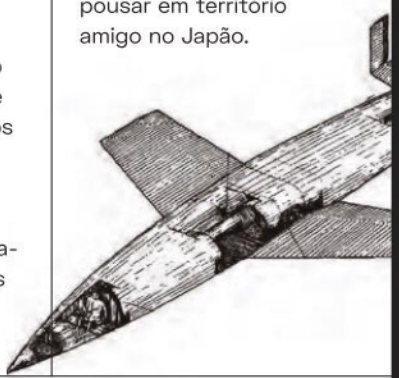
O maior bombardeiro terrestre feito na guerra (75 toneladas, versus 60 do B-29) não viu combate. Mas era realmente promissor, foi bem nos testes, e poderia muito bem ter mesmo atacado Nova York (há relatos de que chegou ao litoral dos EUA, visitou a África do Sul e o Japão, nenhum confirmado). Mas, na metade de 1944, a Alemanha decidiu desviar suas atenções para os mais impressionantes jatos.

SILBERVOGEL

Nazistas no espaço.

Bombardeiro espacial
Alemanha

Talvez o mais ambicioso projeto aéreo de toda a guerra: uma nave espacial para bombardear os EUA. Funcionaria assim: o "pássaro de prata" (significado do nome) seria acelerado em um carro a foguete, em trilhos, a até 1.920 km/h, decolando e ativando seus próprios foguetes, para chegar a 21.800 km/h e 145 km de altitude. Mas não entraria em órbita. No lugar disso, ao descer de volta para a atmosfera, o avião iria ganhar sustentação e "quicar" de volta para o alto, repetindo o processo até lançar sua carga nos EUA e, finalmente, pousar em território amigo no Japão.



PROJETO Z - NAKAJIMA G-10N

Japão sonhou alto para atingir os EUA.

Bombardeiro hiperpesado
Japão ↔ 44,98 m
↗ 64,98 m ↕ 8,77 m
KG 160.000 kg
679 km/h 10

O Japão também tinha sua versão do Amerikabomber e seu nome era Projeto Z. Antes mesmo do ataque de Pearl Harbor, eles já haviam produzido o bombardeiro pesado Nakajima G5N – que voou a contento, mas não havia motores capazes de fazer cumprir sua missão, então os quatro protótipos foram convertidos em transportes mais modestos. As coisas que ficaram no papel incluíram uma versão japonesa do B-29, o Kawasaki Ki-91, e o Nakajima G10N, um delírio capaz de decolar com 160 toneladas, depois reduzido a mais realista de 70 toneladas – ambos com a ideia de atacar até Nova York, com um alcance de até 19.400 km. A fantasia foi abandonada em março de 1944.

MESSERSCHMITT ME 264

Não é um B-29.

Bombardeiro pesado Alemanha ↔ 20,9 m
↗ 43 m ↕ 4,3 m KG 56.000 kg 656 km/h 8

A frente cheia de janelas lembra muito o B-29 americano, mas foi um caso de evolução convergente, de visibilidade aos pilotos, essencial em missões longas sem apoio de caças. A versão alemã tinha muito menos armas, dada a necessidade de extrema autonomia (15.000 km, mais que um B-52 moderno; compare aos 5.230 km do B-29).

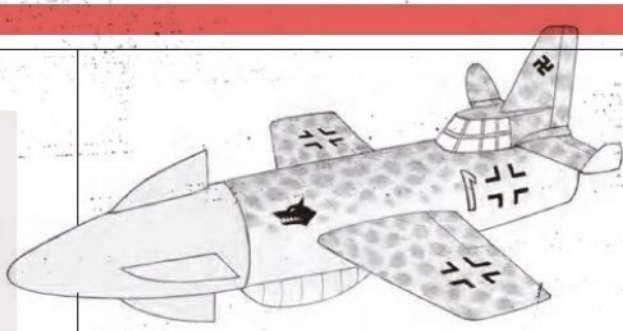
Ogiva KG Peso KG Peso máximo na decolagem

HORTEN HO 229

Stealth por acaso.

Asa voadora Alemanha ↔ 7,4 m ↗ 16,8 m ↕ 1,1 m KG 6.876 kg 960 km/h 1

EM 1943, O LÍDER da Luftwaffe, Herman Göring, pediu pelo impossível: um bombardeiro capaz de se mover a 1.000 km/h, com um alcance de 1.000 km e capaz de levar 1.000 kg de bombas. Os irmãos Horten, Water e Reimar, se saíram com a coisa mais futurista a cruzar os céus até então: uma asa voadora a jato. A ideia não era escapar do radar: isso é um efeito colateral do formato de asa voadora que ainda não era entendido. Eles queriam diminuir o atrito com o ar ao maximizar a superfície útil, sem partes que não servem para sustentação, como a cauda. O Ho 229 foi uma das últimas esperanças do Reich. Em março de 1945, às vésperas do fim da guerra, o terceiro protótipo estava sendo montado com urgência, para dar início às 20 unidades encomendadas. Não deu tempo.



SOMBOLD SO 344

O segredo está no nariz.

Caça a foguete Alemanha

O cone no nariz do avião, com 400 kg de explosivos, é sua arma. A ideia era soltá-lo de um bombardeiro alemão, ligando seu motor a foguete e disparando na direção da formação de bombardeiros inimigos, mergulhando a 45°. O cone então se separaria, explodindo no ar, de preferência, para atingir o maior número de aviões inimigos, ou acertando algum diretamente. E o piloto teria que se virar para escapar à própria explosão e aos destroços dos bombardeiros.

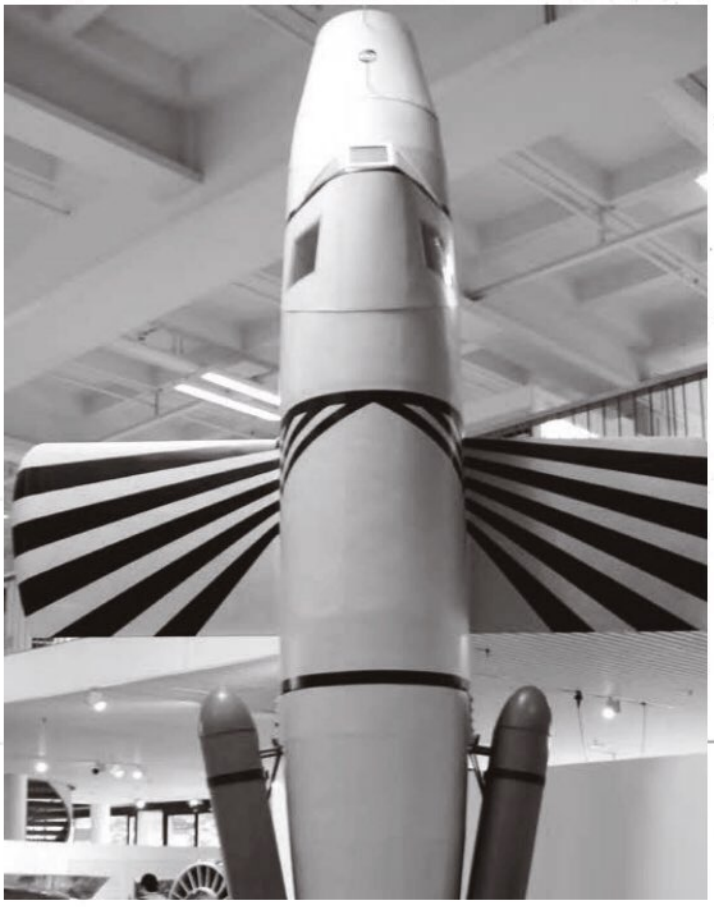
ZEPPELIN RAMMJÄGER

Isto não é um kamikaze.

Caça-aríete Alemanha

Matar na trombada. É a ideia nada sutil por trás do "caça-aríete". Como o 344 acima, ele iria na asa de um bombardeiro até a formação inimiga, ligaria seus motores a foguete, e então faria um ataque duplo: o primeiro, convencional, lançando seus 14 foguetes no nariz. O segundo seria simplesmente abalroar um, ou até mais de um, bombardeiro inimigo. A ideia não era matar o piloto: o avião, com cabine e asas ultrarreforçadas, seria supostamente capaz de sobreviver ao impacto. Nunca foi feito, mas, na vida real, a estratégia mais ou menos funcionou *(veja mais na pág. 55)* com aviões convencionais.

↔ Comprimento Calibre ↗ Largura/Envergadura ↕ Altura Diâmetro Velocidade máxima Tripulação Alcance



BACHEM BA 349 NATTER

Medidas desesperadas.

Caça-foguete de decolagem vertical
Alemanha 6 m 4 m 2,25 m 2.232 kg 1.000 km/h 1

UM MÍSSIL COM um humano dentro. Que lança mísseis. E, ainda assim, um dos projetos mais sensatos do fim da guerra. A ideia era fazer o máximo com o mínimo: o Natter ("cobra") era construído com madeira colada e pregada para economizar material. E a parte mais importante na economia: o piloto. O míssil guiava a si próprio até se aproximar da esquadrilha inimiga. Só então o humano precariamente treinado pegaria os controles, apontaria o avião na direção do adversário e dispararia seus 19 foguetes R-4M, o que exigia quase pontaria nenhuma. Depois disso, não precisava saber pousar: após o ataque, o piloto saltava de paraquedas e a aeronave também ativava o seu, podendo ser recuperada. O Natter seria lançado na vertical, de bases escondidas, de forma a superar a vulnerabilidade dos aeroportos, facilmente identificados e destruídos. O primeiro teste foi em 10 de março de 1945, matando seu piloto. Mais três testes foram feitos no mesmo dia. O Natter foi declarado um sucesso, uma bateria de dez deles foi posta de prontidão próxima a Stuttgart, mas nunca veio o ataque inimigo para o qual haviam sido projetados.

FOCKE-WULF TRIEBFLÜGEL

Por incrível que pareça, fazia sentido.

Caça VTOL Alemanha 9,15 m
11,5 m 2.500 kg 1.000 km/h

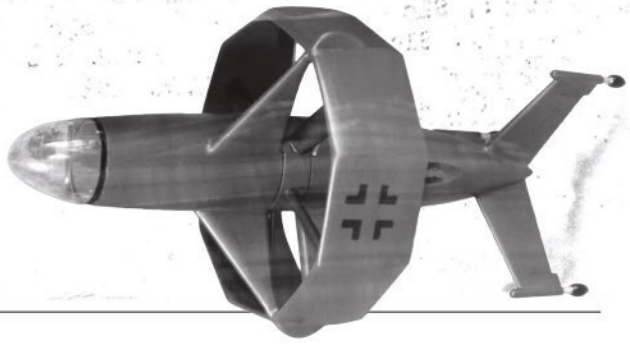
Outra solução radical para os mesmos problemas do Natter: um avião com uma hélice gigante que decolava como um helicóptero e se reorientava no ar. A parte exótica é: no lugar de um motor central, cada hélice teria um motor a jato na ponta. Pode parecer ideia de criança, mas tinha uma função: como a propulsão ficava na ponta das hélices, não no avião, isso evitaria que ele tendesse a rodar na direção oposta, como acontece com helicópteros, que são, por isso, imensamente difíceis de pilotar. Nenhum protótipo foi feito.

HEINKEL LERCHE

Projeto quase alienígena.

Caça VTOL Alemanha 9,4 m
4 m 5.600 kg 800 km/h 1

Talvez ainda mais radical que o Triblflügel, mais uma tentativa de criar uma máquina de decolagem vertical. É um "coleóptero", um avião com asa em forma de anel e duas hélices, girando em direções opostas dentro desse anel. Depois da guerra, uma versão a jato, o Snecma Coléoptère, foi criada na França, e perdida num acidente após alguns testes. No final, os helicópteros acabaram ocupando o papel esperado.



Ogiva KG Peso KG Peso máximo na decolagem

12 PANZER VIII MAUS

Nunca uma máquina tão descomunal seria tentada novamente.

Tanque superpesado
Alemanha ↔ 10,2 m ⤢ 3,71 m ↕ 3,63 m KG 188 t 20 km/h 6

O MAIOR TANQUE já construído. Quão maior? Equivalente, em peso, a três tanques M1 Abrams atuais (65 t), e também quase três Tiger II (70 t), o maior que viu combate na Segunda Guerra. E, com intencional ironia, mas também numa manobra de disfarce, batizado de "camundongo".

A ideia era simples e óbvia: fazer algo que destruísse qualquer tanque Aliado e fosse completamente imune a suas armas. Imune a ponto de nem sofrer dano nos seus sistemas internos. O Maus, dotado de um canhão de 128 mm (os dos Aliados tinham 76 mm), seria capaz de destruir adversários a até 3.500 m. Os Aliados já penavam para fazer qualquer dano ao Tiger II, bem menos protegido que seu sucessor, a menos de 1.000 m. Com tanta blindagem, o Maus seria invulnerável também de perto.

Mas a guerra real não é história em quadrinhos. O projeto começou em 1942, estava pronto para sair da fábrica em 1944, a tempo de enfrentar os Aliados na invasão da Normandia. Mas considerações mundanas barraram sua estreia.

Uma: na prática, ele não era muito eficiente. Depois de testar vários motores que pudessem mover a monstruosidade, ela conseguiu andar a 20 km/h, suficiente para ser acompanhada andando rápido. Isso enquanto a principal arma antitanque americana, o caça-tanques M18 Hellcat, ia a 80 km/h, e o soviético T-34, 53 km/h. Quase uma peça de artilharia fixa, que, mesmo se invencível, chegaria tarde demais aonde fosse necessária. Isso se chegasse: com esse peso todo, não podia cruzar pontes, precisava ir pelo fundo do rio, podendo submergir até 8 m com um snorkel. A baixa velocidade também tornaria fácil atingi-lo pelo ar.

O Maus chegara a ser encomendado em julho de 1944, e logo cancelado. Testes de uma versão 2 começaram em setembro. Mas o fim da guerra e a falta de recursos não permitiam mais delírios de grandeza.

LANDKREUSER P. 1000 RATTE

O maior abuso da mania de grandeza de Hitler.

Tanque hiperpesado Alemanha ↔ 35 m ⤢ 14 m ↕
KG 1.000 t 40 km/h 41

O Maus, acima, surgiu de um estudo das indústrias Krupp, sugerindo soluções para a superioridade numérica soviética, apresentado a Hitler em junho de 1942. O mesmo estudo propôs seu irmão ainda maior, o Ratte ("rato"). Um navio de solo, um "cruzador terrestre" (landkreuzer). O canhão principal, de 280 mm, seria adaptado de encouraçados – que esperava-se poder ser, usando dez motores, movido a 40 km/h. Hitler se encantou com o projeto e deu sinal verde, junto com o Maus. Mas o Ratte, em 1943, foi bloqueado por Albert Speer, o ministro dos Armamentos, chamando-o de "fantasia". Em dezembro de 1942, a Krupp havia proposto o P. 1500, com quase 2.000 toneladas, carregando a arma Gustav *(pág. 32)*. Mas essa seria uma peça de artilharia, não um megatanque.

↔ Comprimento Calibre ⤢ Largura/Envergadura ↕ Altura Diâmetro Velocidade máxima Tripulação Alcance

PROJECT HABAKKUK

Churchill também teve seus delírios.

Base móvel marítima Reino Unido

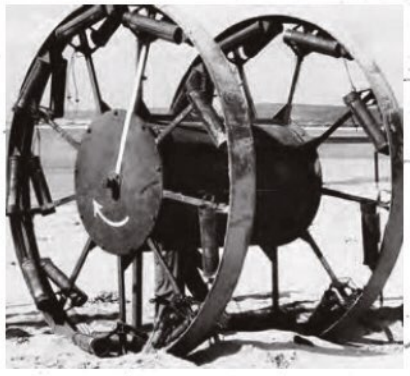
NEM SÓ OS NAZISTAS tinham mania de grandeza. Os Aliados planejaram uma verdadeira ilha móvel no mar, uma forma de patrulhar o Atlântico para além do alcance de seus bombardeiros.

A ideia veio da cabeça do inventor George Pyke: um iceberg seria aplanado para criar uma ilha porta-aviões. Churchill deu sinal verde. A parte prática caiu nas mãos do físico Max Perutz. Ele logo descartou o iceberg, porque sua área sobre a água é pequena e eles tendem a tombar. Então um modelo artificial, de 9 metros por 18 metros, e 1.000 toneladas de gelo, foi feito no Canadá, refrigerado artificialmente e reforçado com aço. Ele durou o verão inteiro, mas o gelo acabou se revelando muito frágil.

Teria parado por aí, mas a equipe de pesquisas descobriu que, ao misturar pó de serra ao gelo, ele se tornava tão sólido quanto o concreto, e muito difícil de derreter. O material foi batizado de "pykrete", em homenagem a George. Perutz, porém, notou que, por pura física, mesmo o poderoso pikrete começava a perder a forma sob seu próprio peso e, para ser estável, teria que ser mantido a -16° C.

E assim o Projeto Habakkuk chegou à sua colossal forma final: uma fortaleza de pykrete de 1.200 m por 180 m, 2,2 milhões de toneladas, usando de quilômetros e quilômetros de tubos para mantê-la refrigerada. Poderia abrigar centenas de aviões convencionais, não adaptados a porta-aviões.

A matemática falou mais alto. A essa altura, estava claro que fazer o Habakkuk exigiria mais material, máquinas e mão de obra que uma esquadra inteira de porta-aviões - só em aço já daria o volume dos navios. Em dezembro de 1943, o projeto foi, perdoe a piada, posto no gelo.



GREAT PANJANDRUM

Alívio cômico.

Bomba móvel Reino Unido

Difícil decidir o que é mais ridículo: o nome da arma, seu aspecto ou seu resultado. Duas rodas movidas a foguetes, com seu "eixo" sendo com uma carga enorme de explosivos - 1.800 kg. Posta para rodar a 97 km/h na direção das fortificações alemãs na Normandia. O nome é de um poema cômico de Samuel Foote e não quer dizer basicamente nada. A geringonça andava, mas era completamente incontrolável. Em um de seus testes, os foguetes se soltaram e ele deu meia-volta na direção dos generais assistindo, que correram para se esconder, antes de virar de novo e se despedaçar no mar.

MORCEGO-BOMBA

Força animal foi salva pela bomba atômica.

Bomba aérea EUA

A hilariamente chamada *Bat Bomb* seria lançada de um avião contendo morcegos. Cairia de paraquedas e se abriria no ar, soltando os animais. A ideia é que eles buscassem abrigo nas casas de madeira japonesas, quando as bombas contendo napalm presas em seus rabos explodiriam, causando uma catástrofe. Catástrofe aconteceu: em 15 de maio de 1943, morcegos escaparam de seus algozes na base de Carlsbad, Novo México, que terminou incinerada. No final, o projeto foi abandonado em favor da bomba atômica.

Ogiva KG Peso KG Peso máximo na decolagem

14 OUTRAS HISTÓRIAS

O sobrinho folgado de Hitler, o programa nuclear japonês, o fotógrafo que fez os nazistas celebrarem uma criança judia como "perfeita ariana": confira os eventos mais insólitos da Segunda Guerra.

Por Fábio Marton

A BATALHA MAIS DECISIVA DA QUAL NINGUÉM OUVIU FALAR

Em Khalkhin Gol, o destino de toda a guerra talvez tenha sido determinado.

COMO SERIA A história se o Japão nunca tivesse forçado os EUA a entrar na guerra? Pearl Harbor não era o único plano dos japoneses. A outra opção seria atacar a União Soviética. E, em Khalkhin Gol, na Mongólia, fizeram um *test drive* - que falhou miseravelmente.

A Batalha do Rio Khalkhin ("gol" é rio em mongol) começou com uma mera escaramuça: em 11 de maio de 1939, uma guarnição japonesa ocupava a vila de Nomonhan, fronteira da Mongólia com a China tomada pelos japoneses. Viram soldados mongóis dando água a seus cavalos na beira do rio e responderam com tiros. Os mongóis fugiram, mas chamaram seus aliados soviéticos. Logo a coisa começou a escalar, a ponto de ser tornar a maior batalha mecanizada que o mundo já havia visto: seriam mobilizados 623 tanques, 1.300 aviões de combate, 112 mil soldados, no batismo de fogo do marechal Georgy Jukov. Ainda que os caças nipônicos fossem superiores aos dos soviéticos, e tenham vencido o combate no ar, seus tanques se mostraram pífios. Os japoneses subestimaram seriamente seu inimigo e caíram numa armadilha, uma manobra de flanco por tanques. A batalha terminou em 16 setembro, com a Segunda Guerra já correndo há duas semanas. Os japoneses se retiraram de volta à vila. Estavam dispostos a resistir, mas a notícia de que os aliados nazistas e os soviéticos haviam firmado um acordo de não agressão - o Pacto Molotov-Ribbentrop - tornou a coisa injustificável.

Foi assim que o Japão decidiu se focar no mar, atacando colônias ocidentais, e não na União Soviética, que ficaria livre para ser a principal força a varrer o nazismo da Europa. Tivesse ela que lutar uma guerra em dois fronts, e sem o envolvimento dos EUA, haveria uma chance forte de que o Eixo tivesse vencido. Até hoje, historiadores russos, quando não consideram Khalkhin Gol o começo real da Segunda Guerra, listam-na como uma das mais decisivas, ao lado de Pearl Harbor, Stalingrado e o Dia D.

O GRANDE BOMBARDEIO DE LOS ANGELES

Americanos contra americanos.

Batalha de Los Angeles ou Grande Bombardeio de Los Angeles: dois nomes sarcásticos para o mesmo incidente. No dia 24 de fevereiro de 1942, a Inteligência Naval enviou um alerta às forças na cidade de que um ataque aéreo era esperado em dez horas, após sinalizadores e luzes piscantes serem observadas nos céus. O alerta foi cancelado às 22h23, mas as tropas ficaram de prontidão olhando para cima. Às 2h25 os alarmes soaram pela cidade, um blecaute foi iniciado e os voluntários da defesa antiaérea saíram às ruas para garantir que nenhuma vela fosse acesa. Às 3h06, avistando algo no céu, a primeira bateria antiaérea começou a disparar, levando a uma reação em cadeia, na qual todas, em meio ao ruído infernal das sirenes, rugiriam sem cessar até às 4h14. Múltiplos prédios da cidade e vários veículos foram danificados pela munição antiaérea. Cinco americanos perderam a vida. Nenhum japonês estava sequer perto da cidade. As investigações concluíram que um balão meteorológico fora o objeto inicialmente avistado pela Marinha.

A INVASÃO DOS EUA

Os japoneses chegaram lá... no Alasca.

NÃO É VERDADE que os EUA estivessem completamente invulneráveis na Guerra. Em quatro ocasiões, submarinos japoneses conseguiram atacar alvos em terra nos EUA, todas em 1942: no campo de óleo de Elwood, 23 de fevereiro, no Farol de Steven Point, 20 de junho, no Forte Stevens, 22 de junho, e o mais espetacular, ataque aéreo Lookout, com um avião saído de um submarino, em setembro. Nenhum causou vítimas ou dano maior. A campanha de balões *(leia na pág. 38)* também teve resultados pífios.

No Alasca, porém, a situação seria bem diferente. Em 3 de junho de 1942, uma frota japonesa com dois porta-aviões conduziu um ataque a Dutch Harbor, onde havia um regimento de infantaria e artilharia naval, matando 42 e destruindo 16 aviões. Três dias depois, um contingente de 500 combatentes descia na ilha de Kiska, tomando a mínima guarnição de uma estação climática (dez pessoas), matando duas, prendendo o resto e enviando para os campos de prisioneiros no Pacífico. No dia seguinte, outra ilha, Attu, só com civis, era tomada por uma força de 1.140. Um foi morto e 46 capturados.

As ilhas eram parte do arquipélago das Aleutas, uma faixa dividida com a Rússia, que vai da Sibéria ao Alasca. Ainda que, em si, não tivessem qualquer recurso, estavam numa posição de atacar por ar os EUA e servir de entreposto naval. E vice-versa contra o Japão. Mesmo se os japoneses não esperassem controlá-las indefinidamente, retardariam o progresso dos americanos. Ainda assim, mandaram construir um aeroporto em Attu.

A situação deixou os EUA em pânico: os japoneses pareciam prestes a invadir o resto do país. Mas a reação levaria quase um ano. Em 11 de maio de 1943, um contingente de 15 mil americanos desembarcou em Attu, e enfrentou feroz resistência dos japoneses, terminando em ataques banzai de espada. Dos 2.900 japoneses na ilha, apenas 29 seriam capturados com vida, ao custo de 549 americanos.

Em 15 de agosto, foi a vez de Kiska. Esperando reação, os americanos contaram com o apoio de infantaria canadense, desembarcando do lado oposto da ilha. Quando se encontraram, no meio da neblina, abriram fogo uns contra os outros. Com isso, mais minas terrestres e armadilhas deixadas pelos japoneses, e acidentes, a retomada de Kiska custaria 92 vidas de Aliados. Não havia mais nenhum japonês na ilha. Eles haviam batido em retirada em julho.

CIÊNCIA "JUDIA": O PROGRAMA NUCLEAR NAZISTA

Como o antissemitismo custou aos alemães sua liderança tecnológica.

A PRIMEIRA REAÇÃO de fissão nuclear controlada por humanos aconteceu na Alemanha nazista. Em dezembro de 1938, publicavam o resultado de seu trabalho o físico Otto Hahn e sua equipe - que incluía a judia Lise Meitner, que não estava mais no país, recém-fugida do regime com a ajuda de Hahn. Ao bombardear urânio com nêutrons, quebraram seus átomos. E, bem antes, uma parte enorme da ciência nuclear havia sido desenvolvida na Alemanha, começando pelo próprio Einstein e sua equação $e=mc^2$, em 1905. Seria de se esperar que o país tivesse condições – e vontade, sendo a potência que era – de desenvolver a bomba atômica primeiro. Mas não chegou nem perto.

O que aconteceu? Nazismo aconteceu. Dos 26 físicos nucleares alemães citados em trabalhos acadêmicos, 13 abandonariam o país logo após a tomada de poder por Hitler, em 1933. No total, 11 físicos e quatro químicos que venceriam o Nobel foram embora. Dos que ficaram, todos os considerados "judeus" acabaram expulsos do serviço público. Max Planck, o pai da Física Quântica, tentou convencer Hitler pessoalmente que isso seria um tiro no pé, só para ouvir o *Führer* ralhar contra os judeus. Werner Heisenberg *(na foto)*, ganhador do Nobel de 1932, foi chamado de "judeu branco" pelo líder das SS, Heinrich Himmler, por ensinar a Teoria da Relatividade.

Heisenberg, Planck e Hahn, como vários outros, continuaram a trabalhar na Alemanha. Os mais proeminentes cientistas ainda no país se reuniram duas vezes em 1939 para discutir energia e armas nucleares, no Uranverein ("Clube do Urânio"). A segunda, no dia do começo da guerra, 10 de setembro. Concluíram que a bomba alemã levaria no mínimo cinco anos.

Heisenberg apresentou os resultados a Hitler, mas fez da maneira mais casual possível, de forma a mantê-lo desinteressado. Os nazistas perguntaram quando os EUA teriam a bomba. Heisenberg cravou "1944". Não que o cientista fosse um rebelde: ele tinha medo que, se fracassassem, Hitler mandaria matar todo mundo.

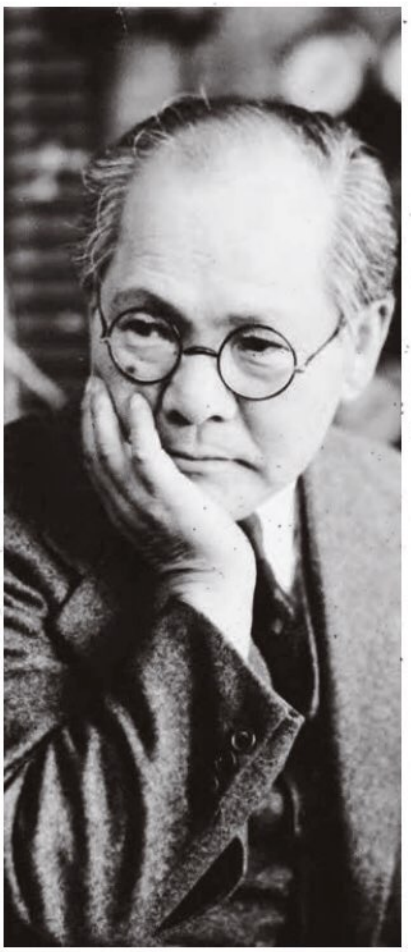
Deu certo. Os nazistas achavam que a guerra terminaria, com sua vitória, bem antes de 1945. O programa foi tratado como baixa prioridade, empurrado com a barriga e engavetado em 1942, em favor da pesquisa por energia nuclear.

Mas, mesmo se Hitler quisesse, provavelmente seria impossível: técnicos e jovens cientistas acabaram recrutados para as Forças Armadas. As reservas de urânio foram divergidas para o fabrico de munições (mais denso que o chumbo, o urânio empobrecido, pouco radioativo, é usado até hoje para isso). E pense que, com todo o apoio e financiamento possível, o Projeto Manhattan ainda assim não conseguiu produzir a bomba atômica a tempo de ser usada contra seu alvo planejado, a Alemanha. Heisenberg havia sido otimista demais.

OS ÁTOMOS DO JAPÃO

O país estava perfeitamente ciente do potencial das armas atômicas.

O Japão também não deixou de notar as possibilidades do experimento de 1939 de Hahn *(leia ao lado)*. Sob a batuta de Yoshio Nishina *(na foto)*, que havia trabalhado com o dinamarquês Niels Bohr, um dos fundadores da ciência nuclear, os japoneses teriam condições técnicas. Mas não havia material suficiente nem paz para trabalhar, nem interesse: em 1943, um comitê liderado por Nishina havia concluído que a bomba seria tão complicada que os americanos não a concluiriam antes do fim da guerra. Quando a bomba caiu em Hiroshima, a reação inicial foi de ceticismo.



BILL HITLER

Um sobrinho muito folgado.

VOCÊ MORA NUM país democrático, mas seu tio se torna ditador absoluto de outro país. O que você faz? William Patrick Hitler viu uma oportunidade. Nascido em Liverpool, Inglaterra, era filho do meio-irmão de Adolf, Alois Hitler Jr., e da irlandesa Bridget Dowling. Quando o tio, enfim, se tornou todo-poderoso, em 1933, ele, que já havia morado um tempo na Alemanha, voltou para ficar, pedindo por uma posição no governo. O tio descolou para ele um cargo num banco estatal, o Reichskreditbank. Depois William trabalharia na fábrica de automóveis Opel e, enfim, como vendedor de carros usados. (O pai de William também morava na Alemanha, se matinha longe da política e tinha um bar.)

Exigindo seu privilégio nepotista, William passou a ameaçar o *Führer* de contar histórias constrangedoras da família, a começar pelo próprio pai, que abandonara William e sua mãe para se casar de novo, ilegalmente. E também que o avô de Hitler seria judeu *(pág. 64)*. Em 1938, enfim, o tio pareceu ceder e prometeu um cargo no governo, a troco do sobrinho abandonar sua cidadania britânica. Acreditando que isso seria a senha para seu assassinato, William fugiu do país, de volta para a Inglaterra. Em janeiro de 1939, perseguido por seu sobrenome, mudou-se para os EUA.

Em 4 de julho de 1939, publicou um artigo na revista *Look* chamado "Por que eu odeio meu tio". Entre várias acusações, estava a de que Hitler mandara matar Geli Raubal *(pág. 9)* porque estava grávida. E que o *Führer* havia ameaçado se matar se ele continuasse a publicar seus segredos de família.

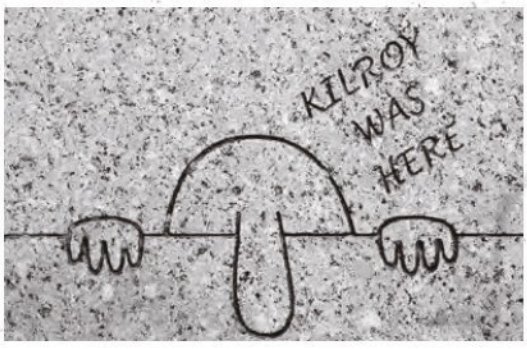
A raiva parecia sincera. Depois de muito insistir e já naturalizado cidadão americano, William conseguiu entrar na Marinha, em 1944. Lá, fazia troça, apresentando-se por seu sobrenome: "Prazer, eu sou Hitler!". Chegou a ver ação, mas foi bem longe do tio: enviado ao teatro do Pacífico, seria ferido por uma explosão, ganhando a comenda do Coração Púrpura.

Dispensado em 1947, "Bill Hitler" mudou seu nome para William Stuart-Houston. Era uma piada: Houston Stewart Chamberlain, filósofo reacionário britânico, era uma inspiração do nazismo e foi chamado por muitos de "João Batista de Hitler". Bill fundaria um laboratório de análises clínicas e morreria em paz, em 1987.

KILROY ESTEVE AQUI

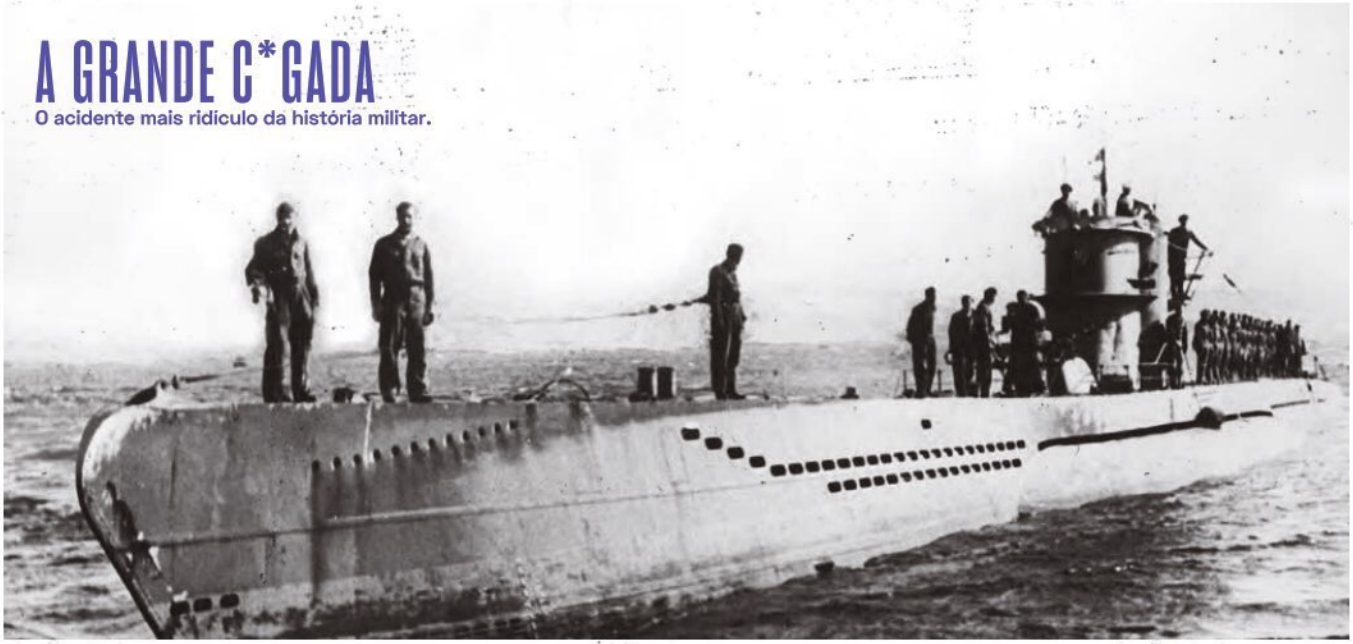
Figura foi pichada pelos Aliados por onde passaram.

Foi o grande meme da Segunda Guerra: um homenzinho narigudo olhando por cima de um muro com a frase "Kilroy Was Here". Aparece pichada em muros, banheiros, ex-bases inimigas, todos os lugares, na Europa e no Pacífico, onde atuaram os Aliados. A frase é americana e já era pichada antes da guerra, em quartéis. O homenzinho, chamado Chad, não Kilroy, foi uma invenção britânica, desenhado por civis e membros da Força Aérea Real. Em algum ponto eles acabaram mesclados.



A GRANDE C*GADA

O acidente mais ridículo da história militar.



DAR DESCARGA na privada: quando você tem 5 anos de idade, soa assustador. Se você estivesse num submarino da Segunda Guerra, também soaria.

Uma privada num submarino era um aparato extremamente complexo. Como água doce é um recurso precioso, a água do mar tinha que ser usada para varrer a sujeira para o próprio mar. Mas a pressão das profundezas torna o processo complicado, porque é preciso vencer a pressão na saída e contê-la na entrada. Assim, geralmente os submarinos alemães só permitiam o uso do banheiro quando perto da superfície. Isso não era um problema no começo da guerra, quando os submarinos só submergiam próximo aos inimigos, fazendo a maioria do percurso sobre a água. Mas os Aliados melhoraram suas defesas, os submarinos evoluíram em resposta, e, nos últimos anos, era preciso ficar embaixo d'água muito tempo.

Assim, o U-1206 tinha uma grande inovação: um banheiro ultramoderno de profundidade, que disparava seu conteúdo no mar por meio de uma câmara de ar comprimido. Em 14 de abril de 1945, cumprindo uma missão no finalzinho da guerra, o submarino estava submerso a 15 quilômetros da costa da Escócia.

Foi quando o capitão Karl-Adolf Schlitt sentiu o chamado irresistível da natureza. Sem entender o complicadíssimo mecanismo diante de si, ele desistiu e chamou um engenheiro. Que também não era especialista em privada e acionou a válvula errada. Em horror, viram a água do mar jorrar para dentro, em alta pressão, criando um violento chafariz que disparou ao alto o produto do trabalho recente do capitão.

A insalubre água saiu do banheiro e escorreu até cobrir as baterias do submarino, logo abaixo do banheiro, que reagiram soltando gás de cloro. O capitão então ordenou a emersão imediata, disparando torpedos e soltando o lastro. Ao chegar na superfície, foram recebidos por aviões Aliados, que atingiram o U-1206 com bombas.

Schlitt não teve opção senão abandonar o navio. Ele, e a maioria da tripulação, 46 membros, sobreviveriam, chegando às praias da Escócia em botes salva-vidas de borracha. Três pereceriam caindo dos botes.

HERÓI DEPOIS DA VIDA

O cadáver que salvou o dia na campanha da Itália.

Glyndwr Michael: esse é o nome de um dos heróis menos celebrados da Segunda Guerra. O que ele fez foi tomar veneno de rato e morrer, em 24 de janeiro de 1943. Foi depois disso que se tornaria uma figura decisiva da campanha da Itália. O corpo de Michael, indigente, foi requerido pelo MI-5 - Military Inteligence, Section 5, a agência real do fictício James Bond. Esperou por sua missão na geladeira, até 17 de abril. Vestido como um oficial britânico, foi deixado, com documentos "secretos" nas costas da Espanha – os Aliados sabiam que o ditador Francisco Franco, simpatizante do nazismo, passaria a informação. Era a duvidosamente batizada Operation Mincemeat ("carne moída"). E esses documentos diziam que a Invasão da Sicília era uma farsa para ocultar a invasão real, na Grécia e na Sardenha. Os nazistas morderam a isca e a invasão dos Aliados correu com bem menos oposição do que o esperado.

SOLDADOS FANTASMAS JAPONESES

Décadas após a guerra, eles persistiram em lutar.

É famosa a história de Hiroo Onoda *(acima)*, soldado japonês que permaneceu "defendendo" sua posição numa ilha filipina até março de 1974, recusando-se a aceitar que a guerra tinha acabado, até que seu superior foi enviado para "dispensá-lo". O que pouca gente sabe é que ele foi um entre dezenas. Doutrinados pela suposta invencibilidade do Japão, defendida pelas Forças Armadas, muitos soldados permaneceram por décadas lutando pelo imperador em lugares esquecidos. Onoda nem foi o último: em dezembro do mesmo ano, Attun Palalin, um nativo taiwanês recrutado, que não falava nem japonês, rendeu-se à Força Aérea Indonésia. Desde então, relatos continuaram a pipocar sobre remanescentes. Attun foi o último confirmado.

KAMIKAZES ALEMÃES

Em tese, eles podiam sobreviver.

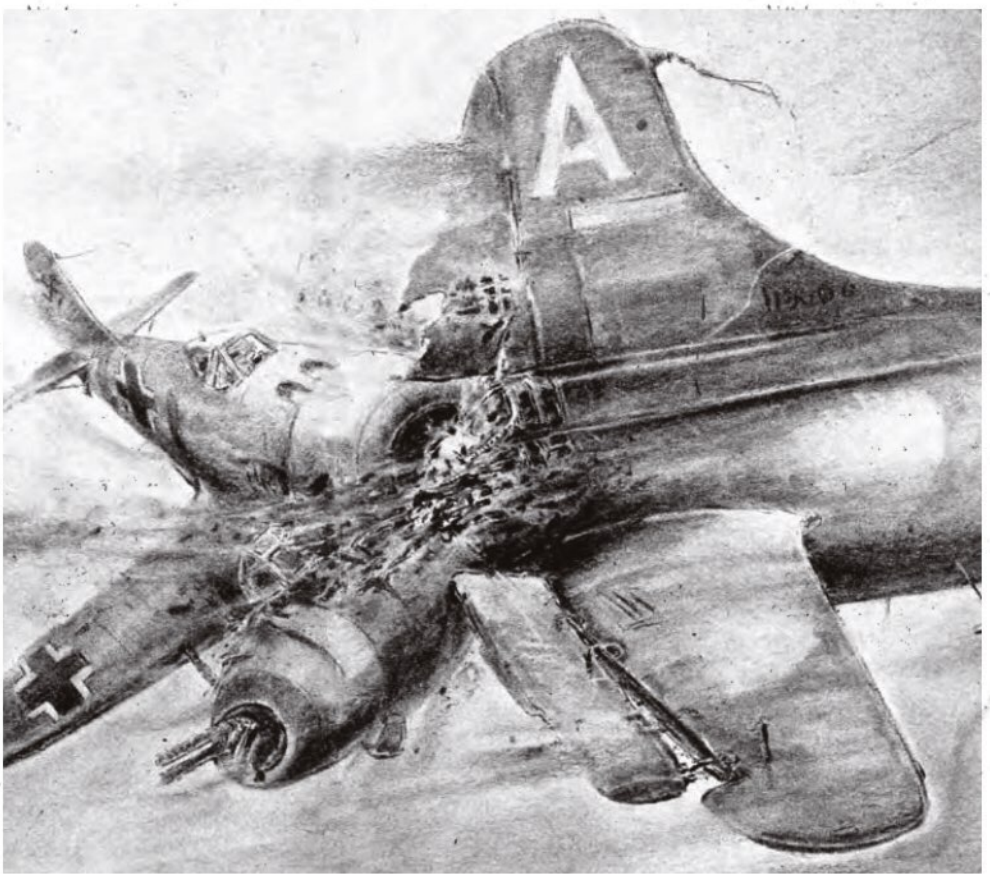
LEÔNIDAS, O HERÓI da Guerra do Peloponeso, segurou os invasores persas nas Termópilas. E morreu. Para entrar no Esquadrão Leônidas, idealizado em fevereiro de 1944, o voluntário devia assinar o seguinte termo:

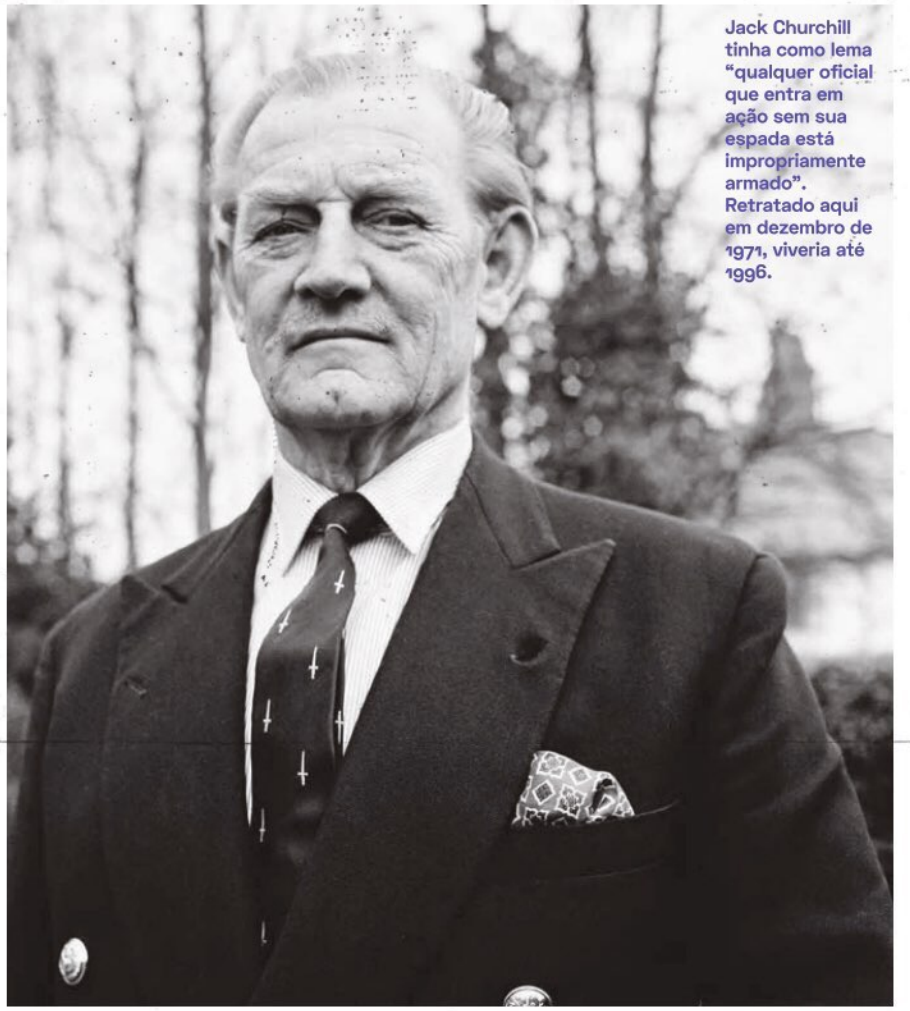
"Eu, aqui, voluntariamente me candidato a ser recrutado no grupo suicida como parte de uma bomba voadora. Estou em pleno entendimento que ser empregado nessa capacidade terá como consequência minha própria morte".

A bomba era o Fieseler Fi 103R Reichenberg, uma versão tripulada do míssil V-1, carregando 850 kg de explosivos. Tecnicamente, havia uma chance do piloto se salvar: e ele ia de paraquedas para saltar antes do impacto. Mas a entrada da turbina da aeronave ficava logo atrás do cockpit, e o piloto seria quase certamente sugado por ela. A chance calculada de sobrevivência ficava em 1%. Assim, os alemães sabiam que era mesmo a versão teutônica dos kamikazes.

Setenta voluntários, a maioria muito jovem, deram um passo adiante e assinaram o documento. Em outubro, porém, a bomba foi engavetada em favor do Mistel *(pág. 36)*. Nos últimos dias da guerra, com os soviéticos às portas de Berlim, o Esquadrão Leônidas de fato atacou, mas com aviões normais. O comando afirmou ter destruído 17 pontes assim, mas só uma foi confirmada.

Em paralelo, a versão aérea do Leônidas foi o Sonderkommando ("comando especial") Elbe. Sua missão era albaroar bombardeiros inimigos usando seus aviões - e os alemães até planejaram aeronaves feitas só para isso *(pág. 46)*. A ideia, neste caso, era sempre saltar antes. Apesar disso, a maioria morreria: uns foram abatidos no ar, outros não saltaram a tempo e outros ainda foram mortos por Aliados em seus paraquedas (o que é crime de guerra). O Sonderkommando derrubou cinco bombardeiros inimigos em sua única missão, em 7 de abril de 1945, envolvendo 180 caças.





Jack Churchill tinha como lema "qualquer oficial que entra em ação sem sua espada está impropriamente armado". Retratado aqui em dezembro de 1971, viveria até 1996.

TOTALMENTE MEDIEVAL

As maluquices de Jack Churchill.

IIMAGINE QUE VOCÊ é um soldado alemão no tedioso trabalho de ficar na guarita. De repente, vem o som da gaita de foles. Você olha: o sujeito com o instrumento também porta uma claymore, uma espada longa escocesa, arco e flechas. E faz uso: levanta a espada ordenando o ataque e vem correndo disparando as flechas.

O oficial britânico "Mad" Jack Churchill (nenhuma relação com o primeiro-ministro) não só usou de armas medievais na Segunda Guerra, mas fez bom uso delas: venceu guarnições alemãs na invasão da França, em 1940, numa escaramuça de comandos na Noruega, em 1941, na invasão da Sicília, em 1943, e na resistência Iugoslava, em 1944. Em uma ocasião, capturou 40 alemães. Na Iugoslávia, após terminar isolado, com toda sua tropa morta, começou a tocar a gaita, esperando seu momento final, mas foi nocauteado por uma granada no lugar. Foi enviado a um campo de prisioneiros, do qual escaparia, e um segundo, para fugir outra vez. E, por fim, seria reintegrado às forças para lutar contra os japoneses, quando a guerra acabou, para sua enorme frustração. Sim, ele falou "não fossem os malditos ianques, poderíamos estar lutando até agora".

As atitudes de Churchill têm explicação. Em ações de corpo a corpo, uma espada ainda é muito eficiente e bem mais assustadora que uma faca. A flecha é silenciosa. A gaita de foles, uma ferramenta moral, como tambores de guerra.

TANK GIRL

Nazistas mataram seu marido. Ela comprou um tanque para se vingar.

Em 1943, Stalin recebeu uma carta. Dizia: *"Meu marido foi morto em ação defendendo a pátria. Eu quero me vingar dos cães fascistas pela morte dele e pela morte do povo soviético torturado pelos bárbaros fascistas. Para esse efeito, depositei todas as minhas poupanças pessoais — 50.000 rublos — no Banco Nacional, a fim de construir um tanque. Gostaria de nomear o tanque 'Namorada Guerreira' e ser enviada para a linha de frente como motorista do referido tanque."* Assinava Mariya Oktyabrskaya. Stalin consentiu que fosse feito exatamente como pedido: a doação foi aceita, a viúva se alistou, ganhou cinco meses de treinamento – o que era atipicamente longo para tripulações de tanque – e se tornou motorista e mecânica de um T-34, no qual escreveu na torreta Боевая подруга (Boyevaya Podruga), a "Namorada Guerreira". Os colegas acharam só um golpe de publicidade, e talvez Stalin concordasse, até vê-la em ação. Na primeira batalha, em 21 de outubro de 1943, em Smolensk, ela destruiu posições de artilharias e metralhadoras alemãs até seu tanque ser atingido. Sem se incomodar, saiu e consertou as lagartas, em meio a fogo inimigo. E continuou lutando. Em Novoye Selo, 17 de novembro, repetiu exatamente a mesma façanha. Sua sorte acabou em 17 de janeiro de 1944, quando, mais uma vez tentando consertar a Namorada em meio a fogo inimigo, ela foi atingida por um morteiro. Cairia em coma e morreria em 15 de março. Ganharia o título de Heroína da União Soviética.

BRUXAS DA NOITE

Vencendo resistência, mulheres soviéticas levaram a morte silenciosa aos alemães.

A NOTÍCIA DE que as mulheres seriam empregadas em papéis de combate, por ordem de Stalin, em 8 de outubro de 1941, foi mal-recebida. 24 anos de comunismo formalmente igualitário não havia convencido os homens do Exército Vermelho a tratar suas camaradas como camaradas. Assim, elas receberam o pior equipamento possível para o pior trabalho possível. Os primitivos biplanos Polikarpov Po-2 eram literalmente aviões agrícolas, de jogar veneno nas plantações, apelidados pelos russos de *Kukuruznik* ("borrifa milho"). A missão era o ataque a solo, ficar cara a cara com o inimigo, a poucos metros, correndo o risco de morrer por tiros de armas comuns. E não era nem para atacar alvos estratégicos, mas apenas acampamentos alemães, acordando brutalmente os soldados, de forma a desmoralizá-los.

Missão que elas cumpriram com imenso sucesso. Atuando em esquadrilhas de tipicamente 40 aeronaves, carregando duas bombas cada, elas voavam no meio da noite, abaixo da detecção por radar ou infravermelho, e deixavam seus motores em ponto morto durante o ataque para não despertar os inimigos antes da hora. Os alemães só conseguiam ouvir o som do vento nas asas, que eles compararam ao da vassoura de uma bruxa – daí o apelido *Nachthexen*, "bruxas da noite". As pilotos ligavam seus motores novamente e sumiam na noite, enquanto as bombas explodiam.

A precariedade dos aviões era, paradoxalmente, uma vantagem. Eram tão lentos que ficavam abaixo da velocidade de estol dos caças alemães Bf 109 e Fw 190 – isto é, eles cairiam se voassem tão devagar. Então os caças não conseguiam mantê-las na mira, o que tornava o trabalho extremamente difícil.

Em fevereiro de 1943, as "bruxas" ganharam o reconhecimento, com seu regimento recebendo o título de "guardas", o que identificava unidades de elite no Exército Vermelho - o 46º Regimento de Aviação de Bombardeiros Noturnos da Guarda "Taman". Continuaram em ação, aterrorizando os alemães, até a tomada de Berlim.

O SALVADOR DA TORRE DE PISA

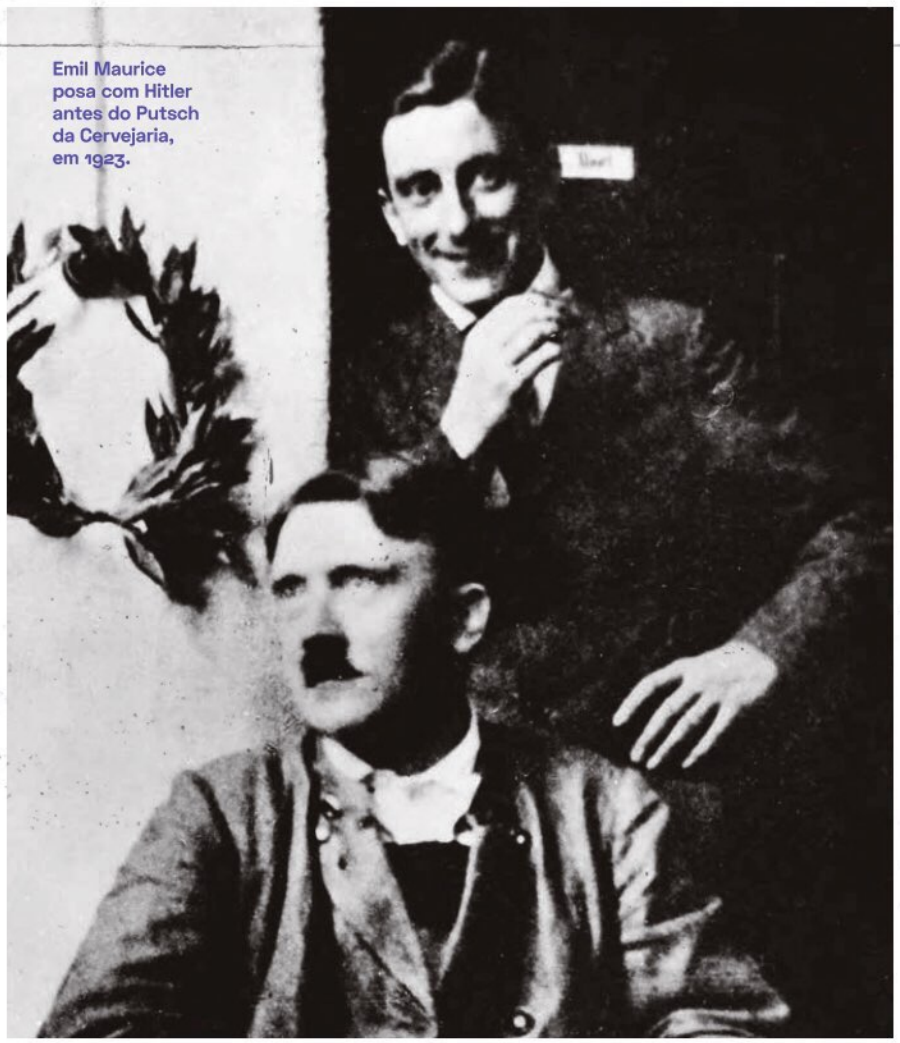
Monumento quase foi feito em pedacinhos pelos americanos.

Leon Weckstein nunca tinha visto a Torre de Pisa, nem em foto ou desenho. Assim, aos seus 23 anos, em julho de 1944, lá estava ele, como sargento do Exército dos EUA, pela primeira vez diante da maravilha da arquitetura medieval. Com a missão de dar a ordem para demoli-la. Leon havia sido mandado com um operador de rádio para averiguar a presença inimiga – os americanos acreditaram que houvesse vigias na torre. Se Leon confirmasse sua presença, a torre seria demolida com artilharia. E então ele simplesmente... travou. Pegou o rádio e manteve-se em silêncio. Quando os foguetes alemães voltaram a cruzar o ar, bateu em retirada. Em 2000, ao lançar seu livro de memórias, perguntado se ele achava que havia alemães na torre, respondeu: "Depois de 50 anos para pensar no assunto, tenho quase certeza".

O "JUDEU" NAS SS

Ser amigo (ou saber segredos) de Hitler fazia a diferença.

EMIL MAURICE, de ascendência francesa, foi um dos fundadores do Partido Nazista. Estava com eles no Putsch da Cervejaria em 1923, acompanhou Hitler à cadeia e ajudou a datilografar *Mein Kampf*. Na saída, em 1925, tornou-se o chofer de Hitler e, quando as SS foram fundadas, no mesmo ano, seu membro número 2, após o próprio Hitler. Não era, enfim, qualquer amigo e inclusive se envolveu numa situação íntima perigosa ao se declarar apaixonado pela sobrinha/obsessão de Hitler Geli Raubal *(pág. 9)*, em 1927. No ano seguinte, ambos se separariam, mas Maurice permaneceria nas SS. Em 1935, Himmler ordenou a todos os membros das SS que provassem sua ancestralidade "ariana" desde 1750. Foi então que o nazista convicto Maurice foi descoberto "judeu" – o diretor judeu Charles Maurice Schwartzenberger, fundador do Teatro Thalia em Hamburgo, era seu bisavô. Ser 1/8 judeu não era razão para ser mandado para campo de extermínio, mas barrava alguém de ser parte das SS. Hitler, em nome da velha amizade ou com medo de ele revelar algum segredo, intercedeu em seu favor e Maurice foi declarado "ariano honorário". Os Aliados o capturaram, julgaram e deram a ele quatro anos de trabalhos forçados. Solto, viveu como relojoeiro até 1972.



Emil Maurice posa com Hitler antes do Putsch da Cervejaria, em 1923.

O PERFEITO BEBÊ ARIANO

Era uma menina judia.

Em 1935, os nazistas lançaram um concurso de fotografia para eleger a criança "ariana" mais perfeita. A foto escolhida, acima, passou a circular por revistas nazistas, pôsteres, até cartões. Tornou-se, assim, o bebê mais famoso da Alemanha nazista. Seu nome é Hessy, filha de Jacob e Pauline Lenvinsons – judeus praticantes. O fotógrafo, Hans Ballin, resolveu pregar uma peça nos nazistas, que só foi revelada depois da guerra. Assim, um bebê fofinho é uma das fotos mais subversivas do século 20. Hessy ainda está viva nos EUA.

SOLDADO DE TRÊS EXÉRCITOS

Coreano foi forçado a lutar 3 vezes.

Dependendo do ponto de vista, Yang Kyoungjong é o homem mais azarado ou sortudo da guerra. Capturado pelos Aliados no Dia D, sua história havia começado em 1938, recrutado à força pelos japoneses, lutando na Batalha de Khalkhin Gol. Nessa, acabou capturado pelos soviéticos, que o puseram para lutar em 1942. Em fevereiro de 1943, foi pego pelos alemães – e posto de novo para lutar. Enfim livre, mudou-se para os EUA e viveu pacatamente até 1992.

Hitler cumprimenta o líder das SS, o místico Heinrich Himmler. Na verdade, não se bicavam muito.

OCULTISMO NAZISTA

Há uma relação complicada entre nazismo e misticismo. Mas ela não passa por Hitler.

É UM TEMA DE enorme apelo na imaginação popular, inspirando obras de *Indiana Jones* a *Hellboy*. Seriam os nazistas ocultistas neopagãos?

E a resposta é: depende de qual nazista você está falando. Se for Adolf Hitler, o assunto morre aqui: ele, na prática, detestava todas as religiões e crendices *(leia mais na pág. 64)*. Só tentava usá-las para manipulação do povo.

Mas a fundação do nazismo tem, sim, um pé no ocultismo. No final do século 19 e começo do 20, antissemitas reacionários alemães, uma minoria do movimento *Volkisch* ("popularesco"), se organizaram em torno da ariosofia: várias denominações místicas que tentavam reconstruir o passado "puro" dos "arianos" por meio de leituras místicas da mitologia germânica, pagã ou posterior. Um desses movimentos era a Sociedade Thule - de Ultima Thule, a terra mais ao norte das histórias greco-romanas. Celebravam o deus germânico Wotan, versão alemã do Odin nórdico. Seus membros preeminentes se organizaram para fundar, em janeiro de 1919, o Partido dos Trabalhadores Alemão – aquele que seria rebatizado Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores da Alemanha (Nazi) em fevereiro de 1920. Os nazistas fundadores Hans Frank e Rudolf Hess eram da Thule. O também fundador e arquirrival de Hitler, Anton Drexler, era outro. O ideólogo Alfred Rosenberg participou como convidado.

A maior herança da Thule é a suástica, um símbolo asiático que os ariosofistas acreditavam que os arianos, vindos do Cáucaso, haviam carregado consigo em suas conquistas. Hitler, porém, detestava misticismo e concorrência. Em 1920, expulsou o líder da sociedade de Thule e fundador do partido Karl Harrer, cortando laços permanentemente.

A segunda parte do ocultismo nazista viria depois. Em 1923, o membro número 14.303 do partido se filiou: Heinrich Himmler, o futuro chefe das SS.

Um místico influenciado pela ariosofia, fez os membros da organização celebrarem os solstícios de verão e inverno, além de cerimônias de casamento, batismos e velórios especificamente não cristãos (realizados em conjunto com ritos cristãos, se o membro assim preferisse). Adotou as duplas runas *sig* – ᛋ – como símbolo da sua organização. O anel de honra das SS, decorado com várias runas e símbolos, era uma peça sagrada a ser devolvida na morte do usuário. Também patrocinou diversas buscas arqueológicas por indícios das origens e superioridade ariana, baseadas em mitos e lendas, mandando gente para os Andes e o Tibete.

Mas isso era Himmler. Ele não estava no círculo de confidentes de Hitler, como Goering e Speer, e não participava da tomada de decisões do Reich. A esses confidentes, Hitler se referia aos ritos da SS como as "abobrinhas de Himmler".

15 MITOS E FATOS

Filmes, games e lendas urbanas mentem. Interpretações de historiadores são tornadas obsoletas por outros historiadores. Confira aqui se suas ideias sobre a Segunda Guerra estão em sintonia com a realidade.

Por Fábio Marton

1 A FRANÇA FOI FEITA DE BOBA COM A LINHA MAGINOT

mito

A HISTÓRIA POPULAR é a seguinte: no período entre-guerras, a França criou o mais espetacular sistema de defesas conhecido pelo mundo: a Linha Maginot, na fronteira com a Alemanha. Quando a guerra veio, os alemães simplesmente contornaram a linha, entrando pelo Norte.

A Alemanha, de fato, não bateu cabeça com a Linha Maginot (ainda que tenha planejado o maior canhão do mundo só para isso – *pág. 32*). Mas os franceses não eram estúpidos. A linha não estava completa quando os alemães invadiram. Naturalmente, eles começaram a construí-la na fronteira com a Alemanha, mas estavam no processo de fazer a seção com a Bélgica, que era um país neutro, mas por onde obviamente os alemães viriam.

E a Linha Maginot parcial cumpriu seu trabalho. Os alemães não tentaram atravessá-la, tornando o ataque, na mente dos franceses, previsível. A surpresa não foi, assim, que os alemães tivessem contornado a linha Maginot, mas que, no lugar de atacar por campo aberto na Bélgica, tenham atravessado a floresta de Ardenas, ao Sul, com tanques sem suporte de infantaria - a *blitzkrieg*, uma novidade que contrariava a então doutrina francesa, britânica e americana de tanques serem principalmente suporte para infantaria, não peças autônomas no combate. Os tanques franceses e britânicos eram em geral mais protegidos que os tanques alemães, mas também muito mais lentos.

Com a invasão por Ardenas, as forças britânico-francesas se viram isoladas entre os alemães e o mar. Por pouco não foram exterminadas, não fosse o "Milagre de Dunquerque", a retirada de 338 mil soldados entre 26 de maio e 4 de junho de 1940, que impediu que a guerra acabasse ali mesmo.

2 A FRANÇA SE RENDEU SEM LUTA

mito

A fama da França de país da bandeira branca é um clichê americano e tão falso quanto a ideia de que os americanos venceram o Front Ocidental *(pág. 62)*. O país de Napoleão tinha a tradição militar mais orgulhosa da Europa, copiada pelos americanos e brasileiros. Ela dividira com o Reino Unido a vitória na Primeira Guerra, com uma contribuição similar. Mas seu generalato era antigo. Literalmente: o marechal Phillipe Pétain, líder das forças, tinha 84 anos. Com a quase aniquilação após a Ofensiva de Ardenas, o velho general aceitou a missão dada a ele pelo governo civil de assinar um cessar-fogo com a Alemanha, acabando por se tornar líder de um governo marionete sediado em Vichy. Enquanto isso, na Inglaterra, o general Charles de Gaulle se recusava a aceitar a paz. Com um pequeno contingente de 3 mil soldados, ele passou a reorganizar as forças francesas. Se na França não houve luta até o Dia D, no império colonial francês as forças leais a de Gaulle continuaram a lutar e eventualmente venceram os colaboracionistas. Ao fim da Guerra, a França de Vichy não tinha mais domínio sobre suas colônias.

3

NEVILLE CHAMBERLAIN ERA UM TOLO

mito

Em 30 de setembro de 1938, o então primeiro-ministro do Reino Unido cedeu o território dos outros a Hitler. A Alemanha recebeu a garantia de que o Reino Unido não interviria em favor de seu aliado, a Tchecoslováquia, na tomada alemã da região dos Sudetos. Chamberlain chamou isso de "paz para nossa era". Menos de um ano depois, a Segunda Guerra começou, ainda com ele no comando - Churchill só assumiria em 10 de maio de 1940. O primeiro-ministro entraria para a história como um covarde e/ou tolo. Mas o fato é que ele não tinha escolha: o Reino Unido não era uma ditadura como Alemanha ou Itália, na qual a opinião pública não interferia no gasto militar. E, na penúria da depressão dos anos 1930, os eleitores definitivamente tinham outras prioridades que se armar. Assim, em 1938, Chamberlain estava na posição de ser líder de uma nação despreparada para a guerra frente a outra que estava mais do que pronta. A invasão dos Sudetos viria de um jeito ou outro, era causa perdida. Daí a saída desonrosa, mas racional. Ao mesmo tempo, Chamberlain ordenava um rearmamento urgente, principalmente da Royal Air Force, cujo papel seria definitivo em impedir a invasão alemã.

4

OS ALIADOS TRAÍRAM O LESTE EUROPEU

fato

A guerra começou por conta das alianças de países eslavos com ocidentais. Esses países católicos – Polônia, Tchecoslováquia, Hungria etc. – sempre estiveram, política e culturalmente, próximos à Europa Ocidental, não aos eslavos ortodoxos, como os russos. A primeira traição foi a concessão dos Sudetos tchecoslovacos antes da guerra. A segunda foi a Conferência de Yalta, na qual Stalin basicamente recebeu permissão para fazer o que quisesse com esses ex-aliados. Revoluções comunistas "locais" eclodiram no pós-guerra, formando a Cortina de Ferro.

5

CHURCHILL FOI RESPONSÁVEL POR UM GENOCÍDIO

fato

A Grande Fome de Bengala aconteceu por conta de suas ordens, e ele manifestou várias vezes desprezo pelos indianos – o que não quer dizer que planejou explicitamente acabar com todos. Raramente um genocídio é assim *(leia mais na página 26)*.

CHURCHILL QUERIA CONTINUAR A GUERRA

fato

A traição aos aliados eslavos não era para ser definitiva. Havia o plano de jogar no lixo a Convenção de Yalta. A adequadamente chamada Operation Unthinkable ("Operação Impensável") foi um plano elaborado por ordens de Churchill para invadir a URSS. E pasme: recrutando as forças rendidas da Alemanha nazista. Agendado inicialmente para 10 de julho de 1945, o plano, considerado loucura pelo generalato, foi adiado pela continuação da guerra no Pacífico. Churchill acabou sacado da cadeira de primeiro-ministro após seu partido perder as eleições em 5 de julho de 1945. Então o plano já havia vazado aos soviéticos, e seria ainda mais impensável.

6

7

A POLÔNIA

FEZ UMA CARGA DE CAVALARIA CONTRA OS ALEMÃES

fato

TODO PAÍS tem o hábito cultural de fazer chacota com outro. Na Alemanha, a vítima eram os poloneses. A história de poloneses primitivos atacando tanques com espadas, montados em cavalos, como se estivessem na Idade Média, foi espalhada aos risos pela soldadesca alemã após a invasão.

A Polônia tinha cavalaria (e 210 tanques). E atacou os invasores alemães com uma carga de sabres. Mas vamos corrigir essa imagem: os próprios alemães ainda tinham cavalaria, usada para missões de reconhecimento e escolta urbana, como ainda hoje os americanos fazem no Afeganistão. Outra coisa: os poloneses venceram.

Cavaleiros do 18º Regimento de Ulanos da Pomerânia avistaram soldados da infantaria alemã descansando numa clareira. Não havia nenhum tanque ou ninho de metralhadora em vista. Tinham diante de si um confronto ao estilo pré-Primeira Guerra. Atacaram os alemães com espadas e os botaram para correr, em pânico. Só então chegaram blindados alemães, e a cavalaria polonesa bateu em retirada. A ação atrasou o avanço alemão. Os cavaleiros do 18º são heróis nacionais poloneses.

8

A UNIÃO SOVIÉTICA GANHOU A GUERRA SOZINHA

incerto

É absoluta verdade que a indústria cultural ocidental subestima radicalmente a contribuição do Exército Vermelho na solução da guerra. Os números não mentem: 80% dos alemães que morreram em combate, morreram enfrentando soviéticos. Isto é, a vitória contra Hitler foi basicamente uma vitória dos soviéticos.
Mas daí a dizer que venceram sozinhos é um salto. Teriam vencido se não houvesse outros países no confronto? A ideia de abrir mais fronts partiu de Stalin. Antes do Dia D, a campanha do Norte da África e a Invasão da Itália divergiram preciosos recursos do Front Oriental. Se os alemães se sentissem seguros ao Sul e, depois, ao Oeste, possivelmente a campanha contra a União Soviética, se não terminasse em derrota para Stalin, conduzisse a um cessar-fogo, sem a aniquilação do nazismo. Mas esse nem é o melhor argumento. Existe todo outro front (e esse os americanos celebram profusamente): a guerra no Pacífico. E o Japão, que causou um número imenso de mortes (só a China perdeu até 20 milhões), tinha como plano atacar a União Soviética. Não era questão de se, mas quando. De fato, eles fizeram um "teste drive" contra os soviéticos *(pág. 50)* e não gostaram do resultado. Decidiram por atacar os americanos. Os japoneses esperavam que, após a paz com os EUA, estariam prontos para investir contra os soviéticos. E aí, nesse caso, lutando em dois fronts, é difícil imaginar o rolo compressor de Stalin sendo tão eficiente. Se é que a URSS sobreviveria.

9

NAZISTAS FORAM RECEBIDOS DE BRAÇOS ABERTOS NA UCRÂNIA

fato

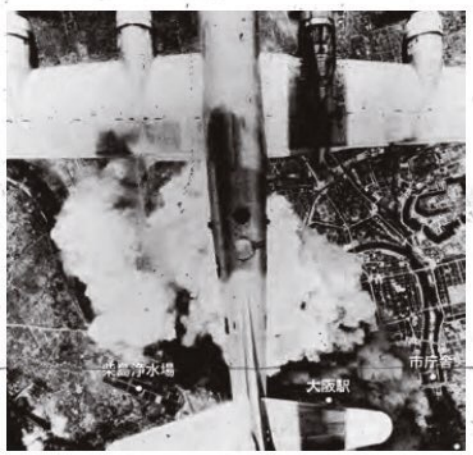
Ucranianos deram uma recepção calorosa aos invasores nazistas. Nas praças, moças foram vestidas com roupas típicas para celebrar a "liberação". Até mesmo uma divisão das SS com eslavos ucranianos seria criada. A razão principal é uma rixa secular com a Rússia, que dominava seu país desde os tempos do Império. Em 1917, a Ucrânia tentou ganhar a independência, mas terminou como república soviética. A grande fome de 1932 (Holodomor) matou um número imenso de ucranianos, estimado entre 3,3 e 12 milhões. Isso foi visto pelos ucranianos não como um infortúnio, mas como limpeza étnica intencional de Stalin. Mas a "amizade" era impossível. Na ideologia nazista, eslavos eram não arianos e naturalmente inferiores. A cúpula nazista se dividiu, mas Hitler votou pela mesma política usada na Polônia: exterminar e ocupar. No final, 4,5 milhões de ucranianos acabaram servindo no Exército Vermelho para expulsar os nazistas.

10

O JAPÃO SE RENDEU POR CAUSA DAS BOMBAS ATÔMICAS

incerto

Também. Não só. Quando a bomba de Hiroshima caiu, os japoneses estavam inicialmente céticos de que era mesmo uma arma atômica - conceito que eles conheciam bem, pois tinham seu programa nuclear. Foi por saber o quão difícil era fazer uma bomba que duvidaram. E, por sua ciência, confirmaram rapidamente que, sim, era a temida bomba atômica. Então ficaram céticos que os americanos tivessem outro artefato do tipo, até Nagasaki. Que não veio sozinha, porém: no mesmo dia 9 de agosto de 1945, a União Soviética declarou guerra ao Japão, rompendo seu pacto de neutralidade de 1941, que, na época, dera tranquilidade aos japoneses para atacar Pearl Harbor. Foi esse combo que se mostrou irresistível, porque, destruição por destruição, o bombardeio incendiário de Tóquio, em abril de 1945, havia causado mais dano e mortes imediatas que Hiroshima. (Os japoneses não sabiam, mas o próximo alvo nuclear era Tóquio.) Na reunião de emergência após Nagasaki, a cúpula militar estava dividida. A decisão foi passada direto para o imperador, que escolheu a rendição. E ouviu do ex-primeiro-ministro Kichiro Hinamuna: "Sua majestade também tem a responsabilidade por esta derrota. Que retratação irá dar aos espíritos heroicos do fundador de sua Casa Imperial e seus outros ancestrais?" Um golpe de estado foi tentado por membros do Ministério da Defesa e da Guarda Imperial um dia antes do anúncio da rendição, na noite de 14 para 15 de agosto. O plano era matar os líderes militares pró-rendição. Para se ver como nem as bombas convenceram a todos.



11

JAPONESES COMETERAM CANIBALISMO CONTRA ALIADOS

fato

Não foi uma nem duas vezes, e nem foi só por desespero, como aconteceu com alemães e soviéticos comendo seus companheiros tombados nos momentos mais desesperados do Front Oriental. No Tribunal de Tóquio, em 1946, a versão japonesa do Tribunal de Nuremberg, múltiplas condenações aconteceram – a mais famosa pelo Incidente em Chichijima, no qual cinco pilotos americanos foram devorados por ordens dos oficiais, sem que ninguém estivesse passando fome. A razão mais comumente aceita é que era uma espécie de ritual macabro para unir a tropa. Todos quebrando um tabu, compartilhando com isso seu status de separação do mundo civil.

12

O PAPA AJUDOU OS NAZISTAS A FUGIR

fato

Vários membros da Igreja Católica colaboraram com a fuga de nazistas, para a Argentina, Espanha, México, Brasil etc. Entre muitos, o bispo austríaco Alois Hudal, que chegou a se filiar ao Partido Nazista, contrabandeou Franz Stangel, comandante de Sobibor e Treblinka, e Gustaw Wagner, um SS particularmente violento de Sobibor, para o Brasil. O papa, que teve atitudes antinazistas na guerra *(pág. 12)*, intercedeu em favor de alguns deles. A justificativa dada era que eram, antes de nazistas, católicos (a maioria era austríaca, país de maioria católica) fugindo dos regimes comunistas ateus recém-instalados. Ainda há revelações a serem feitas: em 2020, os arquivos sobre o papa Pio 12 serão liberados.

13

ALEMÃES FIZERAM ABAJURES DE PELES DE PRISIONEIROS

incerto

A acusação foi feita contra as carrascas nazistas Ilse Koch e Irma Grese. No caso de Ilse, que era esposa de um comandante do campo de Buchenwald, dois prisioneiros políticos testemunharam e deram detalhes do tal abajur, incluindo uma base feita com uma perna. Ilse acabou absolvida, sob a alegação de os abajures - nunca encontrados - serem de pele de carneiro. Irma foi condenada à morte, mas não por fazer abajures.

14

O NAZISMO É SOCIALISTA

mito

O nome Partido Alemão dos Trabalhadores Nacional-Socialista vem de uma época em que havia, de fato, pessoas no partido que acreditavam em socialismo. Mas Hitler passou a vida inteira redefinindo o real significado de "socialista", excluindo explicitamente os marxistas, que teriam "roubado o termo". No lugar, entravam vagas definições da preocupação com o bem comum, mantendo a propriedade privada. Isso excluía a facção anticapitalista do nazismo, liderada por Gregor Strasser. Eliminada na Noite das Facas Longas, em 1934. Hitler venceu.

15

O NAZISMO É DE ESQUERDA

mito

NEIN, nein, nein! A afirmação vem da direita americana, particularmente *think tanks* pró-livre mercado, e tem uma longa tradição. Ainda nos anos 1940, a escritora, filósofa e dissidente soviética Ayn Rand já estava dizendo que comunismo e nazismo davam na mesma. Outra figura muito importante, o nobelizado Friedrich Hayek, fez mais ou menos a mesma correlação em seu *O Caminho da Servidão* (1944): de que a tentação pela intervenção estatal levava ao totalitarismo. Nem Rand nem Hayek chamaram explicitamente nazismo de esquerda, mas a interpretação dos seguidores foi que Estado grande = esquerda. Do que eles concluíram que: nazismo = esquerda.

Essa definição não tem qualquer base histórica. Por ela, os reis absolutistas do século 17 seriam "de esquerda". A raiz do nazismo são movimentos reacionários nacionalistas, românticos – o oposto do materialismo internacionalista de Marx, que previa a tomada dos meios de produção da burguesia. A ala anticapitalista do nazismo foi expurgada pelo próprio Hitler.

O que o nazismo fez foi entronizar a classe do "capitalista nacional", o industrial patriota, o que seguia as diretrizes do governo (e aceitava trabalho escravo). Inclusive, nazistas fizeram as primeiras privatizações, já em 1934, para conquistar essa classe. Não é livre mercado, mas não tem nada que ver com esquerda.

16

A ALEMANHA NÃO ERA MUITO ANTISSEMITA

verdade

NÃO PARA A ÉPOCA. Antissemitismo existia em todo lugar, inclusive no Brasil. O último pogrom (massacre de judeus) na Alemanha havia sido em 1848. Desde a unificação, em 1870, o país era considerado particularmente tolerante pelos judeus, que foram alçados a posições de poder e eram considerados os mais integrados da Europa. Era nos países eslavos que o antissemitismo imperava: os pogroms russos só foram parados pela Revolução de 1917, e aconteceram durante a guerra civil que se seguiu, até 1922, pelo Exército Branco monarquista. Na Polônia, haveria pogroms após o fim da guerra. A crise deu espaço para os alemães ouvirem as acusações dos nazistas contra judeus. Dos que não se converteram ao antissemitismo, parte resistiu, parte teve medo, e outra parte ignorou o sofrimento dos judeus.

17

HITLER TINHA UM SÓ TESTÍCULO

incerto

Os médicos de Hitler, Erwin Giesing e Theodor Morell, garantiam: não. A história já corria entre a soldadesca na guerra, e os britânicos até tinham uma música engraçadinha, *Hitler Has Only Got One Ball* ("Hitler só tem uma bola"), talvez a origem do boato. Em 1970, os soviéticos liberaram o resultado da autópsia que fizeram em seu corpo, dizendo que faltava o testículo esquerdo. Historiadores põem isso em dúvida porque era um corpo carbonizado, era de se esperar que faltariam partes moles. Mas em 2008 surgiu um relato de terceira mão, de que um certo médico da Primeira Guerra, Johan Jambor, teria dito a um padre polonês que ele perdera o direito ao se ferir em Somme, em 1916. E, em 2015, documentos da prisão de 1922, no qual um certo Dr. Josef Brinsteiner afirmou tê-lo examinado e encontrado um testículo faltando.

18

HITLER TINHA ANCESTRAIS JUDEUS

incerto

O mito perseguiu o *Führer* por toda a vida, e ele inclusive encomendou um relatório secreto às SS em 1931, concluindo que, não, não era nada judeu. A história vem do pai de Adolf, Alois Hitler, ser filho ilegítimo de pai desconhecido. A figura misteriosa então seria um judeu, Leopold Frankenberger, patrão da mãe de Alois. Nenhum documento comprova que sequer o tal Leopold tenha existido. E a verdade é que a cidade natal de Alois Hitler não tinha judeus em 1837, ano de seu nascimento. Quem foi o avô de Hitler é um tema que move historiadores ainda hoje.

19

HITLER ERA CRISTÃO

mito

Hitler era um demagogo. Ele se dizia católico em público, mas, em privado, chegou a dizer que o cristianismo era "uma rebelião contra a lei natural". Tinha um plano de longo prazo de substituir a religião. A "lei natural" era o mais próximo que tinha de religião: não acreditava em deuses, mas na "Providência", a natureza divinizada que conspirava para sua vitória.

EDITORA Abril
Fundada em 1950

VICTOR CIVITA (1907-1990) ROBERTO CIVITA (1936-2013)

Publisher: Fábio Carvalho

Diretora de Marketing: Andrea Abelleira

SUPER INTERESSANTE

Diretor de Redação: Alexandre Versignassi
Editor: Bruno Garattoni
Editora Assistente: Ana Carolina Leonardi
Repórteres: Bruno Vaiano, Guilherme Eler e Rafael Battaglia Popp
Editora de Arte: Bruna Sanches
Designers: Anderson C.S. de Faria, Juliana Caro, Juliana Krauss, Yasmin Ayumi
Estagiárias: Ingrid Luisa e Maria Clara Rossini (texto)

DOSSIÊ SUPER INTERESSANTE

Editor: Bruno Garattoni
Colaboraram nesta edição: Fábio Marton (edição e textos), Estúdio Nono (projeto gráfico e edição de arte), Fotos (Getty Images) Alexandre Carvalho (revisão) e Anderson C.S. de Faria (produção gráfica)

HISTÓRIAS NÃO CONTADAS DA 2ª GUERRA MUNDIAL
ISBN 978-85-69522-96-6

é um livro da Editora Abril S.A., distribuído em todo o país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo.
O Dossiê Histórias não contadas da 2ª Guerra Mundial não admite publicidade redacional.

IMPRESSO NA GRÁFICA ABRIL

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M387h

Marton, Fábio

Histórias não contadas da 2ª Guerra Mundial. / Fábio Marton. – São Paulo: Abril, 2019.

66 p ; il. ; 27 cm.

(Dossiê Superinteressante , ISBN 978-85-69522-96-6 ; ed. 410-A)

1. Guerra Mundial, 1939 - 1945. 2. História – Segunda Guerra Mundial. I. Título. II. Marton, Fábio. III. Série.

CDD 940.531

★★★

★★★

EXISTE UM LUGAR DE ONDE NÃO HÁ COMO ESCAPAR...

O MISTÉRIO DOS BURACOS NEGROS

UM MINIDOCUMENTÁRIO DA SUPERINTERESSANTE

SUPER.doc

▶ Assista agora:

baixar
SOFTWARE
baixarsoftware.com